

## **RESUMO (ABSTRACT)**

1. Caracterização e enquadramento da Escola Pedro d'Orey da Cunha, assim como da turma do 9º A. 2. Análise crítica e literária do relato da criação 1, 2 – 4ª, que servirá de fundamentação bíblica ao tema “A dignidade da Vida Humana”. 3. Reflexão antropológico – teológica sobre o mistério da pessoa humana, como ser criado à imagem e semelhança de Deus, chamada, pela relação filial em Jesus Cristo, a participar da dignidade divina. 4. Uma leitura da cultura atual e uma abordagem sobre a concepção do Papa Francisco da escola e do que deve ser a educação. A escola como espaço de formação integral da pessoa humana e lugar onde se cultiva a memória que alimenta a esperança. 5. Proposta de planificação para uma aula de 45 minutos, onde se propõe pôr em prática as orientações pedagógicas do Papa Francisco, de modo a saber tomar a defesa e a promover a dignidade da vida humana.

Palavras – chave (keiwords): dignidade humana, relação, formação integral, memória, recordar, esperança.

## INTRODUÇÃO

A Unidade Letiva 1: “A dignidade da vida humana” que tivemos oportunidade de lecionar na turma do 9ºA da Prática de Ensino Supervisionado, na Escola Pedro d’Orey da Cunha, na Damaia, tem metas e objetivos que nos parecem fulcrais na estruturação da personalidade dos adolescentes que frequentam o último ano do terceiro ciclo do ensino básico. Nesta faixa etária, os alunos já têm alguma capacidade para ajuizar e avaliar a sociedade em que estão inseridos, e a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica poderá e deverá proporcionar elementos que os ajudem a percorrer um caminho de crescimento em humanidade. De facto, esta disciplina facultará aos alunos a aquisição de saberes na procura da verdade, do belo e do bom que os ajudará na sua formação integral, preparando-os para serem felizes e ajudarem os outros a serem também felizes, no respeito pela dignidade da vida humana, na sua pessoa e na pessoa dos outros.

As metas que devem ser atingidas nesta unidade letiva são: E- Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo; L- Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé; M- Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano; e, Q- Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. Saliento estas metas por as considerar fundamentais na construção da personalidade dos alunos.

O trabalho que apresentamos manifesta o interesse que existe em desenvolver, em sala de aula, reflexões que permitam expor o pensamento cristão sobre a dignidade da pessoa humana. Durante a leção da referida unidade letiva apercebemo-nos do interesse, por parte dos alunos, desta matéria. Em termos pedagógicos, apercebemo-nos da necessidade de sermos criativos e muito sensíveis às suscetibilidades dos alunos. Houve abordagens que exigiam muito cuidado, sobretudo em temas delicados como, por exemplo, a questão do aborto.

A questão da dignidade da vida humana está bem presente na nossa cultura, mas nem sempre se aborda com a profundidade que se exige, por falta de bases antropológicas e teológicas que permitam analisar as complexas situações existenciais que as pessoas em sociedades cada vez mais plurais têm de viver. Entre elas estão as questões da realização do indivíduo e o exercício da cidadania, a realização pessoal e as exigências familiares; os apelos a um consumo, por vezes desenfreado, e os problemas ecológicos; a necessidade da procura de bem-estar, incluindo as questões afetivas, e as exigências de bem-estar dos outros que, por vezes, estão muito próximos; assim como responder às necessidades de quem se encontra em situações de fragilidade ou até de extrema fragilidade, para não referir quem é vítima da

maldade dos outros ou de estruturas sociais perversas que atentam contra a dignidade da vida humana.

É fundamental que os alunos desta faixa etária sejam sensibilizados para o respeito da dignidade da vida humana quer, na pessoa deles mesmos quer na pessoa dos outros. Neste sentido, pareceu-nos importante esta questão da dignidade da vida humana, por nos parecer que não está consolidada e compreendida, por parte dos alunos, aquando da lecionação desta unidade letiva e, por isso, escolhemos esta temática para estudo e aprofundamento no Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada.

Tendo presente uma sociedade cada vez mais plural, como já foi referido acima, e ao mesmo tempo uma maior sensibilização e respeito pela dignidade da vida humana, não faltam, também, algumas ambiguidades e equívocos. Por isso, sentimos necessidade de aprofundar o mistério da vida humana através de uma abordagem teológica e antropológica, que permita ter os princípios fundamentais duma visão cristã da pessoa humana que nos ajude a dialogar com outras antropologias e conceções da pessoa e da vida humana.

Pretendemos, com esta reflexão, perceber as ideias chave duma antropologia de perspectiva cristã que nos capacite lecionar a Unidade Letiva 1, do nono ano de escolaridade: A dignidade da vida humana.

Em relação ao percurso que pretendemos percorrer neste trabalho, faremos, no primeiro capítulo, uma apresentação do agrupamento de escolas e da escola, bem como da turma, onde lecionámos a Prática de Ensino Supervisionado, fazendo uma breve alusão aos conteúdos e estratégias desenvolvidas na lecionação da unidade letiva “A dignidade da vida humana”.

No segundo capítulo, apresentaremos uma análise hermenêutica da narrativa da criação Gn 1,1-2,4<sup>a</sup>, de modo a perceber a mensagem bíblica sobre o ser humano; fazendo, depois, uma hermenêutica existencial em que se procura interpretar a realidade atual à luz dessa mesma mensagem bíblica.

No terceiro capítulo, apresentaremos uma breve reflexão antropológica e teológica, destacando os elementos essenciais de uma perspectiva antropológica cristã que nos ajude a dialogar com outras antropologias, na procura de um conhecimento cada vez mais completo e aprofundado do mistério do ser humano e da dignidade a que é chamado a viver.

No quarto capítulo, abordaremos a problemática do ensino segundo o pensamento do Papa Francisco, até ao ano de dois mil e catorze. Iniciaremos este capítulo com um convite a ler a realidade, seguindo o Papa e um filósofo cristão contemporâneo, fazendo transcrições um pouco longas deste filósofo, devido à densidade das reflexões e ao modo simples e claro como ele aborda questões complexas, que poderão servir de inspiração na forma de comunicar e

transmitir conhecimentos, e o mesmo se diga, também, às muitas transcrições do Papa Francisco pelo estilo que ele usa e que nos parece inspirador, em termos pedagógicos, quando expomos o que deve ser a escola e o ensino na conceção do Papa.

Numa perspetiva cristã, a educação faz-se de coração a coração, porque ela é uma relação afetiva<sup>1</sup> e a escola, além de ter a missão de cultivar as faculdades intelectuais dos educandos, também os deve ajudar a desenvolver as suas capacidades de julgar corretamente e de os introduzir no património cultural das gerações que os precederam, como prepará-los para a vida profissional e social, sabendo aprofundar a relação entre a fé e a razão<sup>2</sup>, tendo, também presente que a pessoa educada é aquela que aprendeu a ser capaz, de forma autónoma, a se autoeducar num processo de educação contínua<sup>3</sup>, como diz o ditado popular: “aprender até morrer”.

O educador também deve ter sempre presente que educar é muito mais do que instruir, e, o ser humano vale pela sua dignidade e não pelo que pode ser de mercantilizável, uma vez que há sempre a tentação, na instrução, de que tudo é mercadoria e fazer do ser humano um ‘meio para’.<sup>4</sup> Para além de tudo isto, a escola deverá, no mundo volátil dos jovens, levar esperança e segurança, percorrendo caminhos que conduzam a mais verdade, beleza, bem e unidade de vida<sup>5</sup>, uma vez que, segundo o Papa Francisco, o educador deverá transmitir esperança e otimismo ao educando.<sup>6</sup>

A concluir o trabalho, propomos, no quinto capítulo, um caminho pedagógico e didático que tenha em conta a reflexão feita e o modelo de ensino que o Papa Francisco advoga. Neste capítulo apresentamos, uma planificação de nível quatro, para uma aula de quarenta e cinco minutos, onde projetaremos um Power Point:<sup>7</sup> “um exercício de memória”, sobre a figura do Papa São João Paulo II, como modelo de promoção da dignidade da vida humana na sua pessoa, como santo, e na pessoa dos outros, pela sua ação. Também propomos que os alunos interpelem os seus familiares, pedindo-lhes informações sobre o Papa São João Paulo II, com o objetivo de incentivar a estabelecer relações entre gerações, avivando a memória pela transmissão de conhecimentos, saberes e afetos dos mais velhos para os mais novos.

---

<sup>1</sup> Cf. LOPES, José Manuel Martins, sj, *A Educação: uma missão vivida com-paixão* – I, in *Brotéria*, nº 181 (2015), pp. 176 - 177.

<sup>2</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 179-180.

<sup>3</sup> Cf. *Ibidem*, p. 190.

<sup>4</sup> Cf. *Idem*, *A Educação: uma missão vivida com-paixão* – II, in *Brotéria*, nº 181 (2015) 182, p. 275.

<sup>5</sup> Cf. *Ibidem*, p. 279.

<sup>6</sup> Cf. FRANCISCO, Papa, *Respostas às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia*, in, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco\\_20130607\\_scuole-gesuiti.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130607_scuole-gesuiti.html), acedido a 7-7-2016.

<sup>7</sup> Ver no fim.

## 1. A PRÁTICA LETIVA NA ESCOLA PEDRO D'OREY DA CUNHA

“Por razões sociais e económicas, a sociedade irá permanecer empenhada em proporcionar as mesmas oportunidades educacionais a todas as crianças”<sup>8</sup>.

### 1.1. Enquadramento socioeconómico da escola.

A escola Pedro D'Orey da Cunha está situada na Damaia, freguesia de Águas Livres, e nela leciona-se o primeiro, segundo e terceiro ciclos. Pertence ao Agrupamento de Escolas da Damaia, situado no concelho da Amadora. Este município e cidade da Amadora, criados em Setembro de 1979, deixando de integrar o concelho de Oeiras, ao qual pertencia desde 1916, fazem parte as seguintes freguesias: Alfragide, Encosta do Sol, Falagueira, Venda Nova, Mina de Água, Venteira e Águas Livres.

Há vestígios de ocupação humana nesta região desde o paleolítico e, por ser um lugar aprazível e rico em água, também teve ocupação romana, havendo vestígios dessa presença.

Ao longo dos séculos, foi um território marcadamente rural, e que, como toda a zona circundante de Lisboa, abastecia a capital de bens de primeira necessidade. Foi a Estação de Caminho de Ferro da Amadora (à altura conhecida por Porcalhota), inaugurada em dois de Abril de 1887, que veio alterar profundamente esta área, dando origem ao núcleo urbano da atual cidade.

Com o comboio, veio o desenvolvimento industrial e a conseqüente chegada de novas pessoas, tornando-se este espaço uma zona industrial (Fábrica de Espartilhos Santos Matos, Parque Industrial da Venda Nova, Laboratório da Indústria Farmacêutica e Alimentar, Sorefame, etc.). Atualmente parte desta indústria encontra-se numa fase de desativação com os problemas sociais que isso acarreta.

A freguesia de Águas Livres foi constituída no ano de 2013, aquando da reforma administrativa nacional, passando a integrar o território da freguesia da Damaia, a parte sul da freguesia da Reboleira e a parte Norte da antiga freguesia da Buraca.

A população desta freguesia é constituída por habitantes de origem portuguesa e imigrantes provenientes dos PALOP, tendo-se juntado, ultimamente, outros oriundos do Brasil e dos países de Leste e, mais recentemente, alguns do continente asiático, mais propriamente da China.

---

<sup>8</sup> ARENDS, Richard I, *Aprender a ensinar*, ed. McGraw-Hill, Lisboa 2008, p. 10.

Por conseguinte, trata-se de uma escola que está inserida num território de exclusão social, com uma população pobre e com baixas qualificações académicas. Muitos dos alunos são oriundos de bairros desfavorecidos e marginalizados, bairros problemáticos como é o caso da Cova da Moura que, por decisão do Conselho de Ministros em Janeiro de 2007, passou a fazer parte dos bairros críticos. Embora os dados deste bairro sejam pouco fiáveis, pela dificuldade em recolhê-los, devido à permanente mobilidade da sua população, proveniente na sua maioria dos PALOP, o que torna muito difícil a atualização desses dados. As estimativas apontam para cerca de oito mil habitantes. As condições de habitabilidade são muito pobres e com famílias numerosas, que frequentemente partilham a mesma casa. Além deste bairro há, ainda, o bairro 6 de Maio com as mesmas características. Por esse motivo, a escola faz parte de um Território Educativo de Intervenção Prioritária, programa este desenvolvido pelo Estado português, com a finalidade de “reforçar a intervenção educativa em contextos sociais degradados ou marginalizados, com os seguintes objetivos:

- melhoria da qualidade das aprendizagens traduzidas em sucesso educativo dos alunos;
- combate ao abandono e insucesso escolar dos alunos;
- orientação educativa e transição qualificada para a vida ativa;
- papel da escola como elemento central da vida comunitária e, em particular, progressiva coordenação com a ação dos parceiros educativos”<sup>9</sup>.

A escola iniciou as suas atividades em 1975 com o nome de Escola Preparatória Ferreira de Castro, passando mais tarde a ser conhecida como Escola Preparatória da Damaia, e em 1997 passou a adotar o nome de Escola Pedro d’Orey da Cunha, como seu patrono.

Na sequência do Decreto-Lei nº115-A/98, de Maio, o Agrupamento de Escolas da Damaia foi homologado, em regime de instalação, pelo Despacho do Sr. Diretor Regional de Educação de Lisboa, em 28 de maio de 2004.

A Carta Educativa do Município da Amadora, em 2007, estabeleceu no concelho oito territórios educativos, implicando a articulação entre si de todas as escolas do 1º ciclo com os jardins de Infância e, deste, com o estabelecimento de ensino onde se ministra a escolaridade obrigatória, constituindo um polo aglutinador dentro do mesmo território educativo.

Assim, o agrupamento é constituído pelas seguintes escolas e Jardins de Infância: Jardim de Infância da Damaia; EB1/JI das Águas Livres; EB1/JI Cova da Moura; EB1 Padre Himalaia e EB2,3 Professor Pedro d’Orey da Cunha.

---

<sup>9</sup> Programa TEIP instituído através do Despacho 147-B/ME/96, tendo sido objeto de reformulação legislativa, através do Despacho Normativo 55/2008.

O edifício da escola é constituído por vários pavilhões, que seriam provisórios, os quais apresentam já alguma degradação, tendo cobertura de fibrocimento com amianto, estando em lista de espera, como muitas escolas, para substituição. No interior dos pavilhões as salas estão equipadas com o equipamento necessário e material tecnológico para o seu funcionamento: computador e vídeo projetor.

A população escolar no ano letivo de 2013/2014 era de 730 alunos, distribuídos por 30 turmas de ensino regular, duas de curso vocacional e uma de curso de educação e formação. Em todas elas é lecionada a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, sendo a percentagem de inscrição de cerca de noventa por cento.

Dos alunos que frequentaram o Agrupamento em 2013/2014, 86,4% têm nacionalidade portuguesa. Os restantes 13,6% são dos seguintes países: Cabo Verde, 106; Brasil, 31; Guiné-Bissau, 30; São Tomé e Príncipe, 19; Ucrânia, 4; Angola, 3; Senegal, 3; Roménia, 2; Espanha, Moldávia, Cazaquistão e China, 1 cada.

A escola tem 50 docentes e 5 de Educação Especial; 7 assistentes técnicos, uma psicóloga, e 22 assistentes operacionais.

Há alunos com Necessidades Educativas Especiais de Carácter Permanente (ao abrigo do DL n.º 3/2008) que frequentam o agrupamento com as seguintes necessidades: função mental da linguagem, 7; função mental intelectual, 20; função mental emocional, 5; função neuromusculoesquelética, 2; multideficiência, 2.

A maioria dos alunos deste Agrupamento de Escolas pertence a famílias carenciadas. Para fazer face aos problemas sociais a Ação Social Escolar (ASE) presta acompanhamento e apoio a 334 alunos do segundo ciclo, sendo 143 do escalão A e 73 do escalão B; e a 354 alunos do terceiro ciclo, sendo 129 do escalão A e 55 do escalão B. A escola conta com a colaboração de uma técnica de Serviço Social e com o de serviço de Psicologia e Orientação (SPO) que têm desenvolvido uma intervenção preventiva como vem espelhada no quadro seguinte<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Cf. AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA DAMAIA, *Projeto Educativo*, ano 2013, pp. 3-12.

<b>Problemáticas identificadas nas famílias</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Estratégias</b>
<b>Desemprego / Emprego Precário</b>	Promover a integração das famílias no mercado de trabalho.	Acompanhamento psicossocial e encaminhamento para Centros de Emprego e Gabinetes de Inserção Profissional.
<b>Emigração ilegal.</b>	Informar dos direitos e deveres enquanto cidadãos. Agilizar os processos de legalização/documentação através de parcerias.	Acompanhamento psicossocial e encaminhamento para o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
<b>Precariedade económica / Baixos rendimentos</b>	Reforçar o contacto direto com as famílias na resolução das suas problemáticas específicas. Reforçar a intervenção em rede/articulação entre as diferentes parcerias na resolução dos problemas.	Acompanhamento psicossocial dos encarregados de educação e encaminhamento para o Centro Regional de Segurança Social e Instituições de Solidariedade Social e outras instituições. Avaliação socioeconómica para atribuição de escalão de ação social escolar (refeições e manuais escolares).
<b>Violência Doméstica / Abuso sexual</b>	Agilizar os recursos adequados, para proteger e encaminhar as vítimas.	Acompanhamento psicossocial e encaminhamento para APAV e CPCJ
<b>Negligência no cumprimento das responsabilidades parentais</b>	Co-responsabilizar os encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos e na construção do projeto de vida. Definição de planos de intervenção com as entidades competentes.	Sessões individuais de sensibilização com os pais, orientadas para as necessidades das crianças. Cursos de formação em educação parental. Articulação com a CPCJ e ECJ, Equipas Tutelares Educativas e Tribunal de Menores.

11

Os dados do relatório da avaliação externa de 2013/2014 referem que apenas 42% dos alunos têm computador e acesso à internet. Quanto às habilitações dos pais e encarregados de educação dos alunos, 9% têm formação de nível superior e 31% de têm formação de nível secundário. Em relação à ocupação profissional, apenas 13% exerce atividades de nível superior e intermédio e de forma estável, existindo depois muitas situações de desemprego<sup>12</sup>.

Em 2007, numa entrevista, o presidente do conselho executivo, António Gambôa, dizia que 10% dos alunos tinham processos nos Tribunais de Menores por serem agressores ou por

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>12</sup> Cf. INSPEÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Avaliação externa das escolas – Relatório do Agrupamento de escolas da Damaia 2013/2014*, Lisboa, Ministério da Educação e da Ciência e Inspeção Geral da Educação e Ciência, 2014. P. 2.

serem vítimas de maus tratos. Pois muitos dos alunos da escola estão por sua conta própria, possuindo agregados familiares completamente disfuncionais. Por isso a escola procura seguir um projeto educativo que visa responsabilizar os alunos pelos seus atos de modo a assumirem uma atitude construtiva na escola<sup>13</sup>.

## 1.2. O patrono da Escola

A escolha do patrono, grande humanista, manifesta o desejo que a escola pretende dar ao projeto educativo, procurando cultivar uma cultura humanista, que sempre norteou a vida de Pedro d'Orey da Cunha. Pedro d'Orey da Cunha nasceu em Lisboa no dia 11 de Fevereiro de 1939 e licenciou-se em Filosofia e Teologia em 1968, tendo ido para Boston (Estados Unidos da América) para continuar a sua formação. Aí tomou conhecimento dos problemas de aprendizagem e integração dos imigrantes portugueses, haitianos e porto riquenhos. A necessidade de aprofundar o estudo desta situação levou-o a contactar as famílias desses jovens e perceber as dificuldades que afligiam estas famílias no seu quotidiano, numa terra distante, com uma língua e costumes diferentes. Pedro d'Orey da Cunha tomou nota das histórias destas famílias, que depois publicou em livro e, ao mesmo tempo, deu-lhes apoio junto dos professores americanos para que fossem compreendidos e integrados na sociedade e, nela se sentissem felizes e acolhidos.

Fez o doutoramento em Ciências da Educação em 1983 e já em Portugal, em 1986, foi Secretário de Estado da Reforma Educativa, tendo sido também professor na Universidade Católica Portuguesa, desde 1991. A sua vida foi pautada pela preocupação com tudo o que se relaciona com a educação: desde a integração e a aprendizagem até às relações entre professores e alunos. Faleceu em Janeiro de 1995, e, em 1997, a Escola escolheu-o como patrono,

“porque o Professor Pedro d'Orey da Cunha acreditava que a Escola é um lugar de encontro de diferenças onde todos gostam de estar, aprender, ensinar, preparando-se para a vida...com esforço e alegria.

Podemos afirmar, com justiça, que o Professor Pedro d'Orey da Cunha foi um grande humanista e um pedagogo preocupado e atento aos problemas sociais que podem afetar os nossos jovens se não lhes dermos **‘a preparação necessária para que eles, autónomos, ativos e empreendedores, possam estar aptos a lutar por alcançar a qualidade de vida que nós não podemos conseguir...’**<sup>14</sup>

Deixou vários escritos sobre a deontologia da profissão docente e também sobre a educação ética na família e na escola. Sendo sensível às questões sociais, esteve sempre muito

---

<sup>13</sup> Cf. GAMBÔA, António, in <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/damaia/de-alunos-conflitos-a-mediadores-de-conflitos>, acedido 4 de março de 2015.

<sup>14</sup> *Caderneta do aluno do terceiro ciclo*, sem data, p.2.

ligado à problemática das famílias migrantes e à integração destas nas novas sociedades residentes, tendo equacionado para o sistema educativo português uma visão humanista e intercultural do ato educativo. Por isso a escola sede o adotou como patrono.

Numa das paredes do bar dos professores encontra-se o extrato de um dos seus textos que diz o seguinte:

“Temos que ensinar muitas coisas e muito aos nossos alunos. Temos de os preparar para uma vida de rigor, de qualidade e de extrema complexidade. Quanto mais exigirmos deles, contanto que seja com respeito, com o devido encorajamento e compreensão, mais eles se sentem queridos, desejados e entusiasmados pela aprendizagem. O melhor que lhes podemos dar é a preparação necessária para que eles, autónomos, empreendedores e ativos, possam estar aptos a lutar por alcançar uma vida de qualidade.”

Esta passagem ilustra bem a sua preocupação pela formação dos alunos, porque essa é a melhor ajuda que a sociedade lhes pode dar, para que esta, por sua vez, cresça cada vez mais em humanidade pela qualidade de formação dos seus membros, como refere o pedagogo Arends, “as pessoas instruídas estão munidas com as ferramentas necessárias para escaparem à pobreza e participarem por completo nos nossos sistemas económicos e políticos.”<sup>15</sup>

### **1.3. Princípios e valores da Escola**

Como tem sido habitual, a Escola acolheu o núcleo de estágio da Universidade Católica Portuguesa. O primeiro contato foi com a professora cooperante Aida Félix, na Universidade Católica Portuguesa, onde se deu a apresentação. No entanto, também já tínhamos ouvido falar desta escola, no decorrer das aulas, como referência de um trabalho de Educação Moral e Religiosa Católica bem conseguido.

O primeiro dia na escola foi dedicado ao acolhimento, onde esteve presente o professor Fenando Moita, que nos acompanhou numa visita guiada pela escola, tendo-nos apresentado aos membros da direção, colegas, funcionários e alguns alunos num clima muito fraterno e amigo.

Neste primeiro contato apercebemo-nos que existe uma boa relação entre professores, funcionários e alunos, havendo uma cultura humanista onde existe a preocupação com as pessoas, e se procura desenvolver uma cultura de acolhimento e de celebração dos momentos mais significativos da vida. Ficámos então a saber que faz parte da cultura da escola celebrar momentos importantes da vida das pessoas (aniversários e outras celebrações) de modo a proporcionar e valorizar a prática de boas relações humanas entre os membros da escola.

---

<sup>15</sup> ARENDS, Richard I, *Aprender a ensinar*, pp. 44-45.

Este cuidado com as relações humanas no meio escolar vem bem expresso no Projeto Educativo como se pode verificar na seguinte passagem:

“O Agrupamento de Escolas da Damaia, numa dinâmica intercultural e com uma visão **humanista e científica (nas pegadas dos patronos de duas escolas) quer proporcionar uma educação assente na qualidade e rigor das aprendizagens, assim como nos valores da cidadania participativa, de modo a formar cidadãos** responsáveis, críticos e criativos, plenamente empenhados na melhoria contínua do meio em que vivem.

A missão do Agrupamento de Escolas da Damaia é promover o sucesso escolar e a formação pessoal e social dos alunos, num ambiente de trabalho onde prevaleçam a solidariedade e a cooperação entre todos os elementos da comunidade educativa. Acreditando que a criança e o jovem são uma realidade existencial, relacional e ética, pretendemos desenvolver um ensino inclusivo, que proporcione igualdade de oportunidades a todos os alunos, de modo a dotá-los dos conhecimentos e capacidades que lhes permitam uma plena realização pessoal e comunitária.

Ambicionamos motivar e valorizar os docentes e não docentes, bem como envolver ativamente os encarregados de educação, parceiros e agentes locais, com o objetivo de construir uma verdadeira Comunidade Educativa em que todos (e cada um) contribua para a nobre missão que é a educação.”<sup>16</sup>

Essa mesma preocupação também está presente nos oito objetivos gerais do Projeto Educativo que, sem descurar o objetivo principal da escola, é transmitir conhecimentos e desenvolver as capacidades intelectivas dos alunos, com se pode verificar:

1. Promover o sucesso escolar e prevenir o abandono escolar;
2. Promover o desenvolvimento das capacidades da leitura e da escrita como elemento estruturante das aprendizagens;
3. Promover o desenvolvimento das capacidades matemáticas;
4. Valorizar o património histórico, natural e cultural;
5. Promover a Educação para a Saúde e a Educação Ambiental;
6. Consolidar a inclusão sócio escolar dos alunos com Necessidades Educativas Especiais;
7. Promover a disciplina, o relacionamento interpessoal e a segurança;
8. Promover o envolvimento dos encarregados de educação na ação educativa<sup>17</sup>.

Podemos também dizer que nestes objetivos do Projeto Educativo, a Escola EB 2,3 Professor Pedro D’Orey da Cunha, pretende prosseguir numa linha educativa que tenha o aluno no centro de todo o processo educativo e de uma forma integrativa visando contrariar a exclusão social, tornando a escola, através do seu processo de formação, o elemento mais importante na construção de uma sociedade mais justa e mais rica pela prática de inclusão de todos no processo de educação, procurando que todos os jovens tenham as mesmas oportunidades de

---

<sup>16</sup> AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA DAMAIA, *Projeto Educativo*, ano letivo 2013-2014, pp.18-19.

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem*, pp.23-26.

aprender, estimulando a “fé no poder da educação como via para uma vida de sucesso – a nível económico, político e cultural.”<sup>18</sup>

Outro complemento da aprendizagem e do cultivo das boas relações humanas são as visitas de estudo, assim como atividades lúdicas para proporcionar momentos de interação e relações humanas descontraídas, desenvolvendo a já referida cultura humanista e de integração. Muitas destas atividades são dinamizadas pelo grupo de Educação Moral e Religiosa Católica.

De facto, pelo que nos foi dito, o Departamento de Educação Moral e Religiosa Católica não só organiza visitas de estudo como também promove outros momentos, como o magusto com os alunos do 5º ano, numa quinta pertencente à Casa do Gaiato, na Várzea de Sintra, com passagem pelo Cabo Roca, e um passeio a Fátima com os alunos do 6º ano, assim como organiza a viagem de finalistas dos alunos do 9º ano.

Devido a todas essas atividades que desenvolve, bem como ao bom trabalho que tem vindo a realizar a disciplina de Educação Moral Religiosa Católica, tornou-se uma referência não só no meio escolar, mas também no meio social envolvente.

#### **1.4. Caraterização da turma do 9ºA**

A turma A do 9º ano, que me foi atribuída na Prática de Ensino Supervisionada, era constituída por 20 alunos, 5 rapazes e 15 raparigas, dos quais 14 estavam inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, sendo 4 rapazes e 10 raparigas com idades compreendidas entre os 14 anos e os 17 anos. Alguns destes alunos só se conheceram neste ano por virem de turmas diferentes.

Os alunos tinham residências diversificadas: 7 vivem na Damaia; 3 residem na Amadora; e na Falagueira, Venteira, Buraca e Queluz vivem os restantes 4 alunos.

As habilitações dos pais vão desde o ensino básico 2, segundo ciclo 1, terceiro ciclo 2, ensino secundário 3, dois são licenciados e os restantes não se sabe. As mães, por sua vez, 3 têm o primeiro ciclo, 2 têm o segundo ciclo, 4 têm o terceiro ciclo, 4 têm o secundário e uma tem formação superior.

As profissões dos pais são as seguintes: dois, engenheiros mecânicos; um, técnico de telecomunicações; um, serígrafo; um, técnico de pintura de automóvel; um, operador de contabilidade; um, jardineiro; um, electricista; um, monitor de ATL; um, desempregado e os outros referem profissão desconhecida. A profissão das mães distribui-se entre cabeleireira, 1; escriturária, 1; operadora de contabilidade, 1; copeira, 1; empregada de limpeza, 1; engenheira

---

<sup>18</sup> ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, p. 44.

eletrotécnica, 1; domésticas, 2; operacional de CallCenter, 1; operacional do Jumbo, 1; e das restantes não temos informação.

Quanto às convicções religiosas há uma aluna muçulmana e dois alunos que se consideram agnósticos.

Três alunos beneficiam do escalão B da Ação Social (ASE). Sete alunos da turma têm como idioma falado em casa o português e o crioulo e um, além destas, duas tem também o francês. Sete já repetiram um ano escolar e um repetiu dois anos, no momento, três deles têm plano de acompanhamento pedagógico por serem alunos repetentes.

Quanto ao agregado familiar: um é filho único, cinco têm um irmão, quatro têm três irmãos e dois têm quatro irmãos.

Na turma há duas alunas com Necessidades Educativas Especiais e um aluno apresenta muitas dificuldades de relacionamento, sendo muito introvertido, isolando-se, vivendo no seu mundo. A meio do ano letivo este aluno passou a ter acompanhamento psicológico na escola, além de já ser acompanhado fora da escola. Fora da sala de aula tem outro tipo de comportamento. Conversava connosco e até nos procurava, mas na aula não comunicava em público, quando era necessário partilhar em plenário com os colegas. Só conseguimos que o fizesse quando lhe foi solicitado a leitura de uns pequenos textos em inglês, área onde ele é bom aluno.

Os alunos da turma são assíduos, mas o facto da aula de Educação Moral e Religiosa Católica ser a primeira do dia, leva a que alguns alunos não sejam pontuais. No entanto, não deixa ser louvável o esforço deles, porque, tendo em conta que a disciplina é opcional, eles poderiam ficar em casa mais algum tempo. A entrada dos alunos na sala de aula é feita sempre de forma muito ordeira.

A maioria dos alunos não revela dificuldades na compreensão e aquisição de conhecimentos, nem apresenta dificuldades na expressão oral e escrita, salvo os alunos com Necessidades Educativas Especiais e o aluno que apresenta alguma dificuldade de interação.

De modo geral os alunos estão atentos, sossegados e calados, mas quando chamados a participar apenas alguns o fazem, ficando os outros um pouco retraídos. A turma mostrou-se mais dinâmica e participativa quando alguns alunos apresentaram trabalhos elaborados por si. Este facto levou-nos a adotar estratégias que proporcionassem mais momentos de intervenção, tendo uma participação mais ativa nas aulas, o que se foi conseguindo, embora com mais dificuldades com alguns alunos, por motivos vários.

Os alunos têm um comportamento exemplar, não tendo sido detetado qualquer vestígio de mau comportamento ou qualquer situação de conflito entre eles ou com os professores. Verifica-se que existe boa relação entre os pares.

A modo de conclusão podemos dizer que poder-se-ia interagir mais com os alunos e puxar mais por eles, desenvolvendo e aplicando as qualidades que se requerem a um bom professor. Até ao momento, procuramos, acima de tudo, estabelecer uma relação com os alunos, tendo presente o conselho que o professor Fernando Moita nos deixou, logo no primeiro dia: “estes alunos precisam que lhes ensinemos mais através do coração do que da razão.” Por isso, fomos procurando conhecer os alunos à medida que foi decorrendo a lecionação, tendo muito cuidado com alguns conteúdos delicados, como o caso do aborto que poderia ferir sensibilidades. Tivemos, também o cuidado por manter a motivação dos alunos, visto que a disciplina é opcional e, tanto quanto nos foi possível, procuramos despertar a curiosidade em aprender algo de novo e ajudá-los a integrar o que já sabem num projeto de vida com sentido.

### **1.5. A Unidade Letiva: “A dignidade da vida humana”**

Nas aulas da unidade letiva “A dignidade da vida humana” procurámos percorrer um caminho que levasse os alunos à questão central: o que é o ser humano? O que o distingue dos outros seres vivos? Que mistério lhe é inerente? De onde vem? O que o move? O que o caracteriza? A que aspira? Estas questões foram sendo abordadas à medida que as aulas iam decorrendo e sempre que nos pareceu oportuno abordá-las numa interação com os alunos à medida que eles iam colocando questões.

Começámos a unidade letiva referida com uma apresentação, em Power Point, da figura do Papa João Paulo II, que no manual aparece a introduzir a unidade. Procurei que os alunos, com esta apresentação sobre os momentos mais significativos de Karol Wojtyla, conseguissem perceber ou intuir em que consiste a dignidade da vida humana para a partir daí estabelecer um pequeno debate com os alunos sobre a pessoa de João Paulo II e da sua ação em prol da dignidade da pessoa humana.

Na segunda aula projetámos, em Power Point, ecrãs com as diferenças entre as plantas que têm composição química, os animais que para além da composição química também têm sentidos e por conseguinte, sensibilidade, e a pessoa humana que para além da química e da sensibilidade dos animais, tem, também, vontade e liberdade, que a distingue dos animais. Depois fizemos uso da definição clássica do homem como animal racional, e não só racional, mas também relacional para mostrar que é um ser muito mais complexo do que os animais,

para evitar confusões, que por vezes surgem, entre os adolescentes e não só, pelo fato dos animais terem sensibilidade e afetividade e confundi-los com as pessoas humanas, devido à afetividade.

Foi importante ajudar os alunos a descobrir que apesar de muitas semelhanças dos animais com os seres humanos, estes são únicos e com capacidade racional e espiritual. São seres abertos à relação num processo de realização e em permanente projeção. Para visualizar ainda mais esta diferença projetámos um pequeno vídeo sobre a evolução da vida humana intra uterina, desde a concepção até ao nascimento, com a relação pessoal que se vai estabelecendo com a mãe e o pai, em que o bebé vai distinguindo as vozes de cada progenitor.

No conjunto das aulas tentámos construir, com os alunos, um percurso em que se foi procurando discernir entre o que contribui para a edificação do ser humano e o que o vilipendia e avilta. Nesse sentido, foi pedido aos alunos que fizessem, em casa, um pequeno trabalho de pesquisa para apresentar na aula, sobre temas em que a dignidade humana não é respeitada, como por exemplo o racismo, e de figuras ou instituições que se dedicam ou dedicaram à defesa da dignidade humana, como por exemplo Nelson Mandela. Na apresentação dos trabalhos, foi interessante ver a motivação dos alunos em debater formas de discriminação, como o racismo, tendo em conta que na turma havia alunas africanas que sentiam, na sua pessoa ou na dos seus familiares, essa discriminação nalgumas situações.

Também abordámos a capacidade do ser humano ser capaz de dar a sua vida por um ideal ou por outra pessoa. Apesar do valor primordial da vida humana, esta não é um valor absoluto porque há situações em que o ser humano poderá dispor da sua vida em função da vida de outrem ou por um ideal nobre. A vida é um dom e, como tal, deve ser vivida como um dom para si e para os outros, sendo cada pessoa humana um dom para os outros, o que exige uma atitude de atenção e de responsabilidade de uns pelos outros. Para elucidar esta temática refletiu-se sobre o texto da parábola do Bom Samaritano e da parábola dos talentos.

Procurámos apresentar estratégias que motivassem os alunos, desde a visualização de pequenos vídeos, Power Points, atividades lúdico didáticas, trabalhos de grupo e individuais de argumentação, de exposição e reflexão escrita. Privilegiámos o diálogo com os alunos a partir de pequenas exposições por nos parecer o mais indicado. Pois é através do diálogo que conseguimos perceber o que pensam os alunos sobre determinada matéria, para depois, com eles ir mais além. Também nos pareceu que a linguagem é o meio mais adequado para transmitir conhecimentos, como refere Richard Arends:

“O discurso através da linguagem é também essencial para o que se passa dentro da sala de aula (...) a linguagem falada é o meio através do qual a maior parte do ensino tem lugar e através do qual os alunos demonstram aos professores muito do que aprenderam.”<sup>19</sup>

A lecionação da referida unidade letiva, nesta turma de estágio, foi um momento de enriquecimento para aperfeiçoar estratégias de lecionação, com a supervisão da professora assistente, e pela descoberta de sensibilidades nos alunos, sobre a dignidade da vida humana em situações diversas.<sup>20</sup>

No capítulo a seguir propomos uma breve análise do texto do Gn 1,1-2,4<sup>a</sup>, que servirá de fundamentação bíblica à reflexão antropológico teológica sobre a pessoa humana, que, por sua vez, será a parte central deste trabalho: a dignidade da vida humana. Reflexão essa que dará a grelha de leitura que nos permitirá abordar o mistério da pessoa humana que deverá ser protegida e promovida em todas as circunstâncias e lugares, sendo esse o objetivo da lecionação que nos propomos realizar.

---

<sup>19</sup> ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, p. 414.

<sup>20</sup> Ver portfólio em CD, na contracapa no fim do trabalho.

## 2. A NARRATIVA DA CRIAÇÃO Gn 1, 1 - 2, 4<sup>a</sup>, NO CONTEXTO DA UNIDADE LETIVA 1, DO TERCEIRO CICLO

Na análise da narrativa da criação de Gn 1, 1 - 2, 4<sup>a</sup>, começaremos por ver o género literário do texto para em seguida fazermos a análise literária e a seguir vermos como é abordada a dignidade humana e depois a sua relação com o resto da criação. Feita esta análise procuramos atualizar a mensagem bíblica nos nossos dias pela hermenêutica existencial.

### 2.1. Género literário

O texto Gn 1, 1-2, 4<sup>a</sup> costuma ser apresentado como sendo um texto sacerdotal, embora a chamada “hipótese documentária” das quatro fontes ou “documentos” do Pentateuco esteja posta em causa e seja inaceitável, nos moldes em que foi feito no século XIX até ao último quartel do século XX,<sup>21</sup> pois os estudos mais recentes fazem cair por terra os “documentos J (javista) e E (eloísta), sendo os outros P (sacerdotal) D (deuteronomista) os que mais resistiram às críticas da investigação científica. As críticas ao “documento” sacerdotal incidem sobre a sua natureza, a sua extensão, bem como à sua teologia. Os exegetas colocam a questão de saber se ele era um escrito independente ou se se trata de uma redação que integrou outros materiais não sacerdotais. A opinião corrente vai no sentido de que os elementos sacerdotais não foram escritos de uma assentada. Haverá um escrito fundamental (elaborado na época do exílio ou pós-exílio da Babilónia) ao qual se juntaram, posteriormente, outros elementos.<sup>22</sup> Parece, contudo, não haver dúvida que o documento sacerdotal começa em Gn 1, 1, mas não se sabe onde termina.<sup>23</sup>

O género literário inscreve-se na narrativa mítica das origens, sendo uma duplicação do outro relato mítico de origem (Gn 2, 4b-3, 24), mas com um estilo, vocabulário e estrutura literária diferente deste.<sup>24</sup> Aqui convém ter presente a noção de mito que nos é apresentada pelos recentes estudos de etnografia, de antropologia e da linguística, para não ficarmos com ideias populares de algo irracional e obscuro, porque o mito tem um grande poder expressivo, tendo ainda uma enorme riqueza de conteúdos, assumindo múltiplos sentidos.<sup>25</sup> Neste caso, nos

---

<sup>21</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, *Palavra Viva, Escrita Poderosa*, ed. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2013, p. 366.

<sup>22</sup> “Segundo uma opinião corrente, Gn1, 1-2, 4<sup>a</sup> resulta da fusão de dois relatos diferentes: um apresentaria a criação como uma série de ordens de Deus, imediatamente executadas; o outro apresentá-lo-ia como uma série de acções de Deus.” GONÇALVES, Francolino José, *Natureza e Graça*, in *Cadernos ISTA*, n.º 8 (1999), p. 38, nota 43.

<sup>23</sup> Cf. GONÇALVES, Francolino José, *Os estudos bíblicos hoje*, in *Cadernos ISTA*, n.º 17 (2004), pp. 52-53

<sup>24</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, *Palavra Viva, Escrita Poderosa*, pp. 365-366.

<sup>25</sup> VAZ, Armindo dos Santos, *Em vez da «história de Adão e Eva»: o sentido último da vida projetado nas origens*, ed. Caramelo, Marco de Canaveses, 2011, pp. 360-372.

mitos de origem, interessa-nos vê-los enquanto narrativa nas suas dimensões antropológicas e religiosas:

“O mito procura a verdade das questões estruturantes que assediam a existência humana de modo diferente de como o faz o discurso analítico. O *pensamento lógico* e científico é exato; mas *penúltimo*. O *pensamento mítico* aceita o repto das perguntas últimas pelo sentido das coisas, ensaiando a resposta da fé para lá da científica. Para isso, usa a linguagem conotativa. O mito é uma cadeia de verdades com narrativa. Quem entender a descrição mítica da criação divina à letra, como feitura material das coisas cujas origens se contam, transforma a analogia em identidade: a imagem perde o dinamismo, petrifica-se e morre. A narração da *criação* divina só diz verdade quando entendida como imagem, quando «remete para» em clave simbólica. (...) O mito assenta na convicção de que a verdade das coisas é mais profunda do que aquilo que a linguagem dedutiva exprime. Por isso, recorre ao símbolo como linguagem favorita. Só a linguagem figurativa pode sugerir o *mistério* para o qual aponta, em primeiro lugar o mistério de existir. (...) Por isso, o ‘lugar’ em que é construído o mito de origem não é o laboratório mas o oratório da fé do mitógrafo.”<sup>26</sup>

No confronto destes relatos da criação com os relatos mesopotâmicos, também a criação encontramos “os mesmos motivos temáticos, o mesmo contexto das origens, a mesma estrutura lógica narrativa, a mesma finalidade, o mesmo funcionamento com os mesmos objetivos.”<sup>27</sup> De modo especial, encontra-se paralelismo na epopeia acádica da criação de Enuma elis, com o mito da criação de Gn 1, 1 - 2, 4<sup>a</sup>, onde esta narração bíblica, enquanto mito, expressa literariamente uma intuição religiosa.

Outra característica comum aos mitos de origem é a metáfora da separação. A criação das coisas efetiva-se pela separação de elementos primordiais, distinguindo-os e ordenando-os.<sup>28</sup>

Assim, a criação consistirá na transformação do caos no cosmos porque essa era uma concepção da criação comum às diferentes civilizações do Oriente, diferindo, no entanto, de mito para mito as modalidades da transformação do caos no cosmos.<sup>29</sup> Como já foi dito acima, o objetivo específico do mito de origem é mostrar a finalidade da criação e não a origem das coisas.<sup>30</sup> Por outro lado, o modo como abordam o divino, é com a linguagem e as concepções humanas:

“Os autores bíblicos tinham dos deuses uma concepção antropomórfica, projetando no mundo divino o seu próprio mundo humano. Os deuses e o seu mundo eram uma projeção muito ampliada e idealizada dos seres humanos e do seu mundo. As próprias imagens dos deuses tinham com frequência uma estatura maior do que a dos seres humanos. O mundo divino é geralmente uma ampliação do que temos por bom no mundo humano, mas não só e/ou nem sempre. Os seres humanos só podem representar Deus a partir da sua experiência do mundo humano. Podem, no entanto, fazê-lo, de maneira grosseira ou de maneira mais ou

---

<sup>26</sup> Idem, *Criação: o presente iluminado pelas origens*, in *Didaskalia*, vol. XLI (2015), pp. 230-231.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 227.

<sup>28</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia*, ed. Caramelo, Marco de Canaveses, 2008, pp. 135-136.

<sup>29</sup> Cf. GONÇALVES, Francolino José, *Bíblia e natureza*, in *Cadernos ISTA*, nº. 8 (1999), p. 11.

<sup>30</sup> Cf. *Ibidem*, p. 32.

menos sofisticada. Por outras palavras, os seres humanos só podem falar de Deus mediante metáforas que têm o mundo humano como referência.”<sup>31</sup>

## 2.2. Breve análise literária

Nesta análise literária, como nas restantes abordagens, seguirei apenas dois biblistas não entrando em questões complexas do estudo exegético, por ser tarefa que não está ao nosso alcance. Assim, começamos por transcrever trechos de um artigo que aborda este relato de origem do Gn 1, 1 - 2, 4<sup>a</sup>:

“O relato começa por uma espécie de prólogo (Gn 1, 1-2). Gn 1, 1 é susceptível de duas traduções diferentes: ‘No princípio, quando Deus criou o céu e a terra, (v. 2) a terra estava...’ ou ‘No princípio, Deus criou o céu e a terra.’ A segunda tradução, a mais corrente, parece-me preferível. Gn 1, 1 deve ser então o título da narrativa. Segundo esse título, a narrativa tem por tema a criação do céu e da terra. Gn 2, 4<sup>a</sup> confirma que é, de facto, esse o tema. Contrariamente aos versículos seguintes, Gn 1, 2 não contém qualquer ordem, não relata qualquer acção, não regista o aparecimento de qualquer realidade. Por conseguinte, esse versículo não deve ainda fazer parte do relato da obra criadora. Prepara o dito relato, evocando a situação existente antes da criação. ‘Ora, a terra estava vaga e vazia, a treva cobria o abismo e o sopro de Deus pairava sobre as águas’. A expressão ‘vaga e vazia’ com que se evoca o estado da terra traduz o hebraico *tohû wabohû*, expressão que conota a ideia de deserto inabitável pelos seres humanos. É uma das antigas representações próximo-orientais do ‘mundo’ antes da criação. A frase seguinte corresponde a outra representação. Com efeito, o abismo traduz o hebraico *tehôm*, termo que designa a massa informe das águas anterior à criação, ou as águas inferiores sobre as quais se pensava assentar o mundo. A situação evocada corresponde ao que habitualmente se chama caos. (...) A criação consistirá precisamente na transformação do caos no cosmos. Essa concepção da criação era comum às diferentes civilizações do antigo Próximo Oriente, diferindo, no entanto, de mito para mito as modalidades da transformação do caos no cosmos. Gn 1, 1-2, 4<sup>a</sup> não conhece ainda a ideia de criação no sentido estrito, isto é, a criação *ex nihilo*. (...)

O relato reparte a obra da criação por sete dias e distingue nela oito obras. Deus fez duas obras respectivamente no 3<sup>o</sup> e 6<sup>o</sup> dias. Não fez nenhuma no sétimo.

I – Luz. Separação da luz e da treva (Gn 1, 3-5)

II – Firmamento. Separação das águas inferiores e superiores (Gn 1, 6-8)

IIIA – Terra seca. Separação dos mares e da terra seca (Gn 1, 9-10)

IIIB – Vegetação. Sua produção (Gn 1, 11-13)

IV – Luzeiros. Separação do dia e da noite, determinação do calendário (Gn 1, 14-19)

V – Peixes e aves. Sua criação (Gn 1, 20-23)

VIA – Animais terrestres. Seu fabrico (Gn 1, 24-25)

VIB – Humanidade. Sua criação (Gn 1, 26-31)

VII – Acabamento da tarefa da criação. Repouso de Deus (Gn 2, 1-3)”<sup>32</sup>.

Não vamos entrar aqui na grande problemática da linguagem, por não ser esse o trabalho a que nos propusemos. Sabemos que nós, humanos, só conseguimos que uma ínfima parte das nossas palavras realizem aquilo que significam, mas com Deus não sucede o mesmo. Todas as palavras que Deus pronuncia criam de algum modo o que significam. A análise dos termos ou vocábulos usados neste relato de criação é de suma importância porque nos permitem ir ao

<sup>31</sup> GONÇALVES, Francolino José, *Iavé, Deus de justiça e de bênção, Deus de Amor e de Salvação*, in *Cadernos ISTA*, n.º. 22 (2009), p. 113.

<sup>32</sup> Idem, *Bíblia e natureza*, in *Cadernos ISTA*, n.º. 8 (1999), pp. 10-12.

encontro do sentido e intenção do autor ou autores sagrados e perceber melhor o sentido do texto. Nesse sentido iremos abordar os principais verbos que surgem neste relato para compreendermos melhor o alcance do mesmo.

O termo ‘dabar’ tem um leque muito amplo de conotações, segundo os contextos. O seu sentido não se limita apenas ao âmbito do falar, do dizer, da palavra ou do discurso; designa com muita frequência coisas, ações, factos, feitos, acontecimentos, o que torna muito difícil distinguir os dois campos semânticos. Podemos dizer que se as palavras podem ser verdadeiras ou falsas, mas os acontecimentos e os factos são realidades concretas, objetivas, que se podem constatar e por conseguinte, não se podem negar.<sup>33</sup>

O relato da criação (Gn 1, 1 - 24<sup>a</sup>), que nos propomos abordar, usa vários verbos para expressar a ação criadora de Deus. O que aparece com mais frequência é o verbo dizer ‘dabar’ com o sentido de expressar uma ordem (Gn 1, 3. 6. 9. 11. 14. 20. 24. 26. 28. 29). Outro verbo usado é ‘chamar’ ou ‘nomear’ (Gn 1, 5. 8. 10). Logo no início, a dar o título à narrativa, (Gn 1, 1) surge o verbo criar ‘bara’ para expressar a criação do céu e da terra, termo este que é reservado a Deus porque este verbo é o termo técnico usado para expressar a ação pela qual Deus faz existir as coisas. Ao longo da narrativa este verbo é usado uma vez para expressar a criação dos peixes e as aves do céu (Gn 1, 21) e três vezes quando se refere à criação da humanidade (Gn 1, 27). O verbo surge ainda duas vezes no epílogo da narrativa (Gn 2, 3. 4), tendo como complemento direto a totalidade das coisas criadas, como sucede no prólogo. Ao todo o verbo criar ‘bara’ aparece sete vezes na narrativa.<sup>34</sup> Convém lembrar, como já foi referido acima, que este termo criar não pode ser interpretado no sentido da criação *ex nihilo*, por tal ideia ser desconhecida da linguagem bíblica da altura. Além disso, distorceria a intenção do texto, do qual o nosso conceito de matéria também era desconhecido. A noção de criação *ex nihilo* tem origem no pensamento filosófico que procurava o nada antes das coisas existirem. Para o autor bíblico só lhe interessava o agora das coisas e a explicação etiológica das mesmas.<sup>35</sup>

Outro termo utilizado, também sete vezes, é o verbo fazer ‘asah’ para expressar a ação de Deus, tendo um sentido genérico com capacidade de expressar uma grande variedade de ações que tanto podem ter como sujeito Deus, como uma criatura. O verbo está presente na narrativa do relato e no epílogo do mesmo. Aparece em relação com mais realidades do que o verbo criar. É usado para expressar o aparecimento: do firmamento (Gn 1, 7), dos dois luzeiros

---

<sup>33</sup> Cf. GONÇALVES, Francolino José, *A Palavra de Deus como comunicação*, in *Cadernos ISTA*, nº. 26 (2013), pp. 27-28.

<sup>34</sup> Cf. Idem, *Bíblia e natureza*, p. 24.

<sup>35</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia*, pp. 150-151.

maiores do céu (Gn 1, 16), dos animais (Gn 1, 25) e da humanidade (Gn 1, 26. 31). No epílogo aparece referindo-se a toda a obra criadora de Deus (Gn 2, 2. 3).

Como já foi abordado acima, a ideia de separação é uma das características nas cosmogonias mesopotâmicas. Assim, também neste relato, aparece esta ideia, embora seja o único texto bíblico que usa este verbo separar, ‘habdil’, no contexto da criação. O verbo aparece cinco vezes na narrativa. A primeira, para expressar a ação de Deus em relação à luz e às trevas (Gn 1, 4). Nas outras quatro vezes o verbo surge para designar a função de um ou de vários elementos do universo: o firmamento que aparece a separar as águas superiores das inferiores (Gn 1, 6-7); os luzeiros do firmamento que separam o dia da noite, a luz e as trevas.<sup>36</sup>

### 2.3. A dignidade do ser humano

Na cadeia da ordenação dos seres que vão vindo à existência, o ser humano aparece como o ser supremo, na sua distinção em macho e fêmea. Aqui a criação adquire uma magnificência e tonalidade mais nobre de modo a destacar ou a sublinhar a centralidade do ser humano no conjunto de todos os seres criados.<sup>37</sup>

Vejamos o relato da criação da humanidade em Gn 1, 26 - 31, servindo-nos da seguinte tradução de Francolino José Gonçalves:

“ «Deus disse: ‘Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança, de modo (ou para) que tenha poder sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todos os animais selvagens e todos os répteis que rastejam sobre a terra’. Deus criou então o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, macho e fêmea ele os criou. Deus abençoou-os e lhes disse: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; tende poder sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra’. Deus disse: ‘Eu vos dou todas as ervas que dão sementes, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão sementes: isso será vosso alimento. A todas as feras, a todas as aves do céu, a tudo o que rasteja sobre a terra e que é animado de vida, eu dou como alimento toda a verdura das plantas’ e assim se fez. Deus viu tudo o que tinha feito: e era tudo muito bom. Houve uma tarde e uma manhã; sexto dia.» ”<sup>38</sup>

Verificamos que o relato da criação da humanidade destaca-se dos relatos de criação dos outros seres por alguns traços formais para sublinhar a particular importância do ser humano. O relato da sua criação é contado de forma mais extensa e aparece em último lugar, de modo que a criação do céu e da terra alcança o seu auge. Outro aspeto é o estilo poético, destacando-se, ainda, pela lentidão e a solenidade com que se reveste este relato da criação da humanidade. Os outros relatos começam com uma simples ordem, ao passo que o relato da

---

<sup>36</sup> Cf. GONÇALVES, Francolino José, *Bíblia e natureza*, p. 24.

<sup>37</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia*, pp. 136-137

<sup>38</sup> GONÇALVES, Francolino José, *Bíblia e natureza*, pp. 15-16.

criação da humanidade (Gn 1, 26) inicia-se com uma deliberação do conselho divino.<sup>39</sup> Mas a importância ímpar que é atribuída ao ser humano é o de ser criado à imagem de Deus, recebendo o poder sobre os restantes seres vivos. Até a alimentação é diferente, marcando a superioridade da humanidade em relação aos animais. Os animais comem erva, mas a humanidade come o melhor dos vegetais, ou seja, os frutos maduros e as sementes. Por último, Deus aprecia a humanidade de uma forma mais positiva do que as outras criaturas. Enquanto declara boas as obras dos cinco primeiros dias, a obra do sexto dia é muito boa. Embora a obra do sexto dia englobe também os animais terrestres, há uma grande diferença entre o ser humano e restantes animais.<sup>40</sup>

A grande diferença encontra-se nos termos imagem (*selem*) e semelhança (*demût*). O termo imagem tem um sentido concreto, pois designa um objeto que reproduz ou que representa outra realidade, de modo geral uma estátua que tanto pode ser de pedra, de madeira ou de metal, tendo tomado nos escritos mais recentes do Antigo Testamento o sentido de ídolo. Por sua vez, o termo semelhança é mais abstrato, servindo para sublinhar a aparência. Neste caso, em Gn 1, 26, o termo semelhança aparece a explicitar o sentido da imagem, para indicar que se trata de uma imagem parecida com a realidade que é apresentada. Assim, a humanidade apenas é parecida com Deus de quem é imagem.

Mas em que sentido ou sob que ponto de vista a humanidade é a imagem de Deus? Há quem entenda que este ser imagem de Deus não é em termos óticos, isto é, devido às qualidades espirituais. Antes dever-se-á interpretar em termos funcionais, como era comum no antigo Próximo Oriente. Nesse sentido a imagem era, fundamentalmente, para representar, ou seja, para tornar presente. Assim, a função da imagem, da estátua cultural, era a presença real da divindade que representava e à qual se lhe servia comida, se lhe queimava incenso e se lhe dirigiam orações. Segundo alguns exegetas, deverá ser neste sentido que a imagem de Deus, em Gn 1, 26 se deverá interpretar, isto é, no sentido funcional. Fundamentam essa leitura pelo facto de Gn 1, 26 associar esta imagem de Deus ao domínio do ser humano sobre todos os restantes seres vivos, ou seja, o poder que a humanidade tem sobre os animais vem-lhe de ser imagem de Deus. Esse poder, presente em Gn 1, 26. 28b, é expresso por meio do verbo ‘*radah*’ que significa mandar, governar, dominar, subjugar, submeter. Este verbo é usado, com frequência no Antigo Testamento, para expressar a relação de um rei com o seu território (1 R

---

<sup>39</sup> “O motivo da deliberação divina antes da criação da humanidade é geralmente sublinhada nos mitos mesopotâmicos.” GONÇALVES, Francolino José, *Bíblia e natureza*, p. 37, nota 30.

<sup>40</sup> Cf. *Ibidem*, p. 16.

5, 4; Sl 2, 8), com as nações (Is 14, 6), com os reis vassalos (Is 41, 2) e com os inimigos (Sl 110, 2).

De acordo com a mentalidade do antigo Próximo Oriente, os reis humanos eram representantes ou vice-reis de uma divindade, no caso das realezas hebraicas, o rei era o representante de Iavé, o deus nacional. Por conseguinte, é nesse sentido que o ser humano é imagem de Deus porque O representa no domínio sobre os animais. Assim, em Gn 1, 26. 31, os seres humanos são apresentados como reis e rainhas dos restantes seres vivos. Nesta conceção da humanidade há uma transposição dos atributos régios para todos os seres humanos. Podemos dizer que estamos perante uma ‘democratização’ com uma fundamentação teológica e antropológica.

Esta conceção, em que Iavé era o rei do universo e o rei humano era o seu vigário, Gn 1, 26 - 28 apresenta a humanidade como uma figura régia. E apresentar esta humanidade sexualmente diferenciada (Gn 1, 27b), expressando-a em termos biológicos, ou seja, encarando-a do ponto de vista da reprodução da espécie. Logo a seguir à diferenciação sexual vem a bênção (v. 28), que consiste na fecundidade dos machos e das fêmeas, ou seja, na multiplicação da espécie humana, da sua propagação e, por conseguinte, do seu domínio sobre a terra e sobre os restantes seres vivos. Assim, o ponto culminante da bênção consiste no domínio sobre a terra e sobre todos os outros seres vivos, de modo que os restantes elementos (a fecundidade, a multiplicação e a propagação da espécie humana) são apenas as condições necessárias para que tal aconteça, isto é, o domínio sobre a terra e sobre os restantes seres vivos, sendo o conteúdo da bênção a tarefa que Deus confia à humanidade, tendo em conta que a bênção, na linguagem bíblica, é uma palavra eficaz que realiza aquilo que expressa.<sup>41</sup>

Podemos dizer que em Gn 1, 26 - 28, a humanidade não só recebe de Deus a soberania sobre a terra e sobre os demais seres vivos, como também recebe a garantia de exercer esse domínio.<sup>42</sup> A fecundidade está em função desse domínio e não poderá ser entendida como um imperativo como se fosse uma imposição em que a humanidade tivesse o dever de crescer demograficamente de forma contínua e ilimitada.<sup>43</sup> O texto parece colocar um limite a esse

---

<sup>41</sup> “O grupo lexical abençoar/bendizer (b rak) tem um leque de sentidos bastante variado, segundo a condição do sujeito e do objecto da bênção. Tendo um ser humano como sujeito e Deus como objecto, ele expressa a ideia de ‘louvor’; sendo o sujeito e o objecto seres humanos, refere-se ao favor que Deus faz ao beneficiário da bênção.” GONÇALVES, Francolino José, *Iavé, Deus de justiça e de bênção, Deus de Amor e de Salvação*, in *Cadernos ISTA*, nº. 22 (2009), p. 151, nota 75.

<sup>42</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 129-130.

<sup>43</sup> “O mito mesopotâmico de Atrahasis, em boa parte semelhante a Gn 1-11, parece debater-se com o problema oposto da superpopulação. Querendo acabar com o ruído do formigueiro humano que impedia o deus Enlil de dormir, os deuses decidiram reduzir a população mediante uma série de flagelos (peste, seca e fome), que enviaram cada 1200 anos. Não tendo alcançado o seu objectivo com essas medidas malthusianas, os deuses decidiram enviar o dilúvio. Depois do dilúvio, tomaram uma série de medidas destinadas a impedir que a superpopulação voltasse

crescimento com a expressão: “Enchei a terra”, ficando a questão de saber quando é que tal acontece, ou seja, quando é que a terra está cheia. Por conseguinte, seria descabido legitimar uma teoria ou doutrina sobre a natalidade a partir desta expressão.<sup>44</sup>

Outra questão que alguns autores levantam prende-se com a expressão ‘macho e fêmea os criou’ (v. 27b), que afirma que Deus criou a humanidade sexualmente diferenciada, sendo esse um novo tema que teria sido introduzido e que não terá nada a ver com a criação da humanidade à imagem de Deus, porque Deus é a-sexuado. Por isso, a diferenciação sexual não pode ser o que faz com que o ser humano seja a imagem de Deus. Antes, a diferenciação sexual é um dos traços distintivos da humanidade perante Deus, assemelhando-se aos outros seres vivos. Deste modo, a humanidade define-se por uma dupla relação: com Deus, à imagem de quem foi criada; e, com os demais criaturas que são como ela sexualmente diferenciadas.<sup>45</sup>

Um aspeto a destacar, neste relato de origem em contraste com a visão mesopotâmica, é a relação da divindade com a humanidade. Nas tradições mesopotâmicas os deuses ‘criaram’ a humanidade para os servir, fornecendo-lhes sustento: comida e bebida. Perante isto a humanidade só tinha como única razão de ser libertar-se desse trabalho servil aos deuses.<sup>46</sup>

Embora esteja presente, ou se subentenda a noção de relação, na abordagem do relato da criação da humanidade em Gn 1, 26 - 31, feita até aqui, não está suficientemente indicada. Pois esta parece-nos a noção fundamental. De facto, o ser humano é, o único ser capaz de relação com Deus. Nesse sentido, é que ele é a imagem de Deus. É imagem de Deus porque é um ser capaz de relação com Deus, como Deus se relaciona com os humanos. O seu ser humano consiste no ser chamado à comunhão com Deus, seu Senhor, que o cria com solenidade, dando destaque a essa dignidade humano que o ser humano é chamado a acolher na sua relação com o seu Senhor que lhe vai comunicando a Sua vida divina, na medida em que o ser humano vai respondendo ao seu chamamento, porque foi criado para existir em relação com Deus e com o mundo.

A existência do ser humano, na sua relação e comunicação com Deus, aparece a fazer parte da sua definição, de tal modo que não se pode entender bem o que é o ser humano senão na sua relação com Deus. Podemos ver, no quadro de imagens deste relato, um hino à majestade de Deus, como Criador, e à dignidade do ser humano, como coroa da criação e intermediário

---

a ocorrer: criaram a esterilidade feminina, a ‘demónia’ da mortalidade infantil e ‘confrarias’ de mulheres celibatárias e sem filhos. Veja-se CARREIRA, José Nunes, *Mito, Mundo e Monoteísmo*, pp. 66-69” GONÇALVES, Francolino José, *Bíblia e natureza*, pp. 37-38, nota 40.

<sup>44</sup> Cf. GONÇALVES, Francolino José, *Bíblia e natureza*, pp. 21-22.

<sup>45</sup> Idem, *As mulheres na Bíblia. Realidades e metáforas*, in *Cadernos ISTA*, nº. 21 (2008), p. 129.

<sup>46</sup> Cf. Idem, *Bíblia e natureza*, pp. 17-18.

entre Deus e as criaturas. O narrador vê os seres humanos imediatamente diante de Deus como a sua obra-prima e o que determina esta concepção elevada da dignidade humana é um fator espiritual: a fé convicta de ter uma relação especial com Deus. Sendo objeto de uma bênção divina, o ser humano torna-se particularmente importante e a sua dignidade vê-se impregnada de uma enorme força impulsionadora que a move para além de todos os determinismos e fatalismos. Assim, a vida humana apresenta-se como indestrutível, mesmo quando não é respeitada e é violada, ignorada e profanada, porque é dada por Deus à sua criatura e enquanto viver permanecerá como Deus a criou, trazendo impressa, indelevelmente, na essência que a constitui, a imagem do seu Criador, porque permanece em relação com Ele.

Olhando para a própria estrutura literária desta narração de criação, realizada dentro de uma semana, vemos que o cosmo é ordenado artisticamente de forma planificada com uma finalidade em que tudo aparece em função do ser humano, criado no sexto dia, e, através do homem, a criação surge em relação com Deus. O narrador ao colocar a existência humana no vértice da escala, orienta todo o relato para a criação do ser humano como meta, coroa e glória da atividade criadora de Deus. O ser humano é visto, como as outras criaturas, proveniente de Deus e estimulado a ir para Ele.<sup>47</sup>

#### **2.4. O sétimo dia**

Neste sentido do finalismo, que já foi referido, a última obra da criação, o sétimo dia, é reservada ao ser humano para que possa desfrutar desse dia na procura da verdade espiritual das coisas, dando ao ser humano a oportunidade de se distinguir das restantes coisas criadas, louvando o seu Senhor e cultivando a comunhão com Ele em descanso do corpo e do espírito.<sup>48</sup>

Vejamus uma análise da criação do sétimo dia:

“Gn 1, 1-2,4<sup>a</sup> situa a criação no quadro temporal de sete dias, isto é, de uma semana. Terminado o relato da obra de Deus no sexto dia, o autor comenta: ‘ (Assim) foram concluídos o céu e a terra, com todo o seu exército’ (Gn 2, 1). A expressão ‘o céu e a terra’ designa, como vimos, o objeto da narrativa no título (Gn 1, 1). Retomando-a, Gn 2, 1 parece encerrar o relato da obra criadora. Gn 2, 1 explicita que o ‘céu e a terra estão já mobilados e habitados, não lhes faltando nada. Gn 2, 1 parece assim supor que a obra criadora ficou concluída no sexto dia. O sétimo dia devia ser então só para descanso. (...) Ao descansar no sétimo dia, Deus criou o descanso. Só com a existência do descanso do sétimo dia é que a criação ficou realmente concluída. (...)”

Deus pôs termo à sua obra criadora no sétimo dia. Fê-lo não por já estar cansado, mas por considerar a obra acabada. Dito por outras palavras, o mundo saiu perfeito das mãos de Deus. Não lhe faltava nada. Tinha tudo e era tudo bom (Gn 1, 10.12.18.21.25), quando não era muito bom (Gn 1, 31).

---

<sup>47</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia*, pp. 138-139.

<sup>48</sup> Cf. *Ibidem*, p. 139.

Deus abençoa o sétimo dia como fizera aos animais aquáticos, às aves (Gn 1, 22) e à humanidade (Gn 1, 28). Mais ainda, Deus santifica o sétimo dia, isto é, põe-o à parte, separa-o dos outros dias (Gn 2, 3).<sup>49</sup>

Através desta estrutura literária, da narrativa da criação que vimos analisando, vemos uma forma particular de justificação etiológica do preceito religioso da observância do sábado. O autor ao colocar Deus a abençoar o sétimo dia dá-lhe a máxima dignidade face aos outros dias, incentivando a observá-lo e a celebrá-lo. Ao abençoar o sétimo dia, Deus enriquece-o numa força vital para que o tempo da humanidade receba, neste dia de repouso, frescura e fecundidade. Com esta bênção Deus consagrou o sétimo dia, ou seja, distinguiu-o, separou-o, dos outros dias para que a humanidade o use no culto ao criador e na procura da verdade e, no sentido espiritual de todas as coisas e da vida humana.<sup>50</sup>

Podemos dizer que o autor pretende legitimar a divisão do tempo em semanas e a consequente instituição do repouso sabático que lhe está associada. Deste modo, o repouso sabático, a coroar a semana, não é uma invenção humana ou uma contingência, antes é algo que faz parte da criação, da própria ordem do mundo, estabelecida pelo criador. Faz parte da própria natureza do mundo, e não observar esta divisão do tempo, é atentar contra a própria ordem do mundo instaurada por Deus; o mesmo será dizer: não respeitar esta ordem da criação é tentar descreir o mundo.<sup>51</sup>

## 2.5. Hermenêutica existencial

Neste momento de análise, em que procuramos deixarmo-nos interpelar pelo texto bíblico para que continue a iluminar a nossa existência, atualizando e aplicando a sua mensagem aos nossos dias (fazendo a chamada hermenêutica existencial que deverá ser sempre aferida pelo Magistério da Igreja a fim de evitar desvios como: subjetivismos, particularismos, leituras ideológicas)<sup>52</sup> iremos referir apenas alguns aspetos ou indicar algumas pistas em que o texto que analisamos pode fazer luz.

Um primeiro aspeto que podemos retirar desta análise é que só Deus cria, só Ele, O transcendente pode ser visto como o princípio de tudo e da humanidade. Ninguém veio de si próprio. Só Deus pode criar o ‘novo’ absoluto. Mas esta afirmação da criação de tudo e do ser humano por Deus não pode ser vista numa perspetiva científica, dum raciocínio lógico, como resultado duma pesquisa paleontológica. Antes deve ser percebida numa perspetiva de relação

---

<sup>49</sup> GONÇALVES, Francolino José, *Bíblia e natureza*, pp. 12-14.

<sup>50</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia*, pp. 139-140.

<sup>51</sup> Cf. GONÇALVES, Francolino José, *Bíblia e natureza*, pp. 14-15.

<sup>52</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, *Palavra Viva, Escrita Poderosa*, pp. 432-470.

do ser humano com Deus, seu criador, do qual ele é sua criatura. É perceber o ser humano numa abertura relacional com o mundo e o seu semelhante, mas sobretudo com Deus, de quem, depende. Esta perspectiva leva a evitar o panteísmo e o dualismo (como se houvesse dois princípios: o do bem e o do mal), porque ao ver as coisas como ‘boas’ e ‘muito boas’ afirma a bondade das coisas criadas. Por outro lado, ao afirmar a dimensão relacional, afasta-se de todo o tipo de deísmo em que o transcendente é percebido como um Ente em si, um Ente subsistente, causa primeira. O Deus, que é perceptível nesta perspectiva, é um Deus pessoal que se relaciona da pessoa para a pessoa, através da Sua palavra, pela qual também cria todas as coisas e é o Senhor do universo, ficando salvaguardada a sua transcendência.<sup>53</sup> Estamos perante um Deus que fala com o ser humano e, por isso, não é uma hipótese distante sobre a origem do mundo, nem é uma inteligência matemática muito distante do ser humano. É um Deus que se interessa pelo homem, que o ama e que entrou pessoalmente na realidade da história da humanidade, comunicando-se a si próprio a ponto de encarnar.<sup>54</sup>

Assim, Deus ao criar o ser humano, não cria mais uma natureza entre outras, mas um tu, chamando-o pelo seu nome. Coloca-o perante Si como ser responsável (capaz de responder), como um sujeito e partner do diálogo interpessoal. Cria não um objeto da sua vontade, mas um ser co-respondente, capaz de responder ao tu de Deus porque é capaz de responder a partir do seu próprio eu, isto é, cria uma pessoa. É, também, esta relação ao Absoluto de Deus que torna possível o ser humano, criatura contingente, um ser absoluto relativo. E, porque Deus leva o ser humano absolutamente a sério, o ser humano é um ser absoluto, que não pode ser coisificado. Jesus Cristo ao fazer-se homem entre os homens veio confirmar de forma decisiva o valor absoluto da pessoa humana.<sup>55</sup>

Outro aspeto que podemos retirar é que não há oposição entre a perspectiva da ciência e a perspectiva da fé sobre a origem do universo. Antes são complementares, são formas de conhecimento e de saber diferentes, mas não se excluem mutuamente. A ciência procura saber o quando e o como dessa origem, ao passo que a fé procura dar sentido a essa mesma origem, ou seja, procura responder ao porquê e ao para quê da origem do universo e da vida humana.<sup>56</sup>

O texto bíblico dá-nos ainda pistas, diretrizes, como o ser humano se pode perceber a si mesmo e como se deve relacionar com os seus semelhantes e com a natureza que lhe foi confiada (da qual faz parte), mas da qual não é dono nem senhor absoluto, antes a deve cuidar

---

<sup>53</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, *Palavra Viva, Escrita Poderosa*, pp. 141-145.

<sup>54</sup> Cf. Bento XVI, Papa, *Para falar de Deus no nosso tempo*, in *L'Osservatore Romano*, nº 48 (2012), p. 3.

<sup>55</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, ed. Sal Terrae, Santander, 1988, pp. 177-178.

<sup>56</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, *Palavra Viva, Escrita Poderosa*, pp. 146-152.

e respeitar. Aponta para uma relação de domínio que não deve ser entendida como destruição, esbanjamento, poluição e destruição, mas uma relação de boa convivência e de responsabilidade em que o uso da natureza complete o ser humano e enobreça a própria natureza. Por outras palavras, o ser humano deve cultivar uma espiritualidade cósmica que respeite a natureza, os outros seres vivos e haja uma justa distribuição dos bens entre a humanidade, de modo que todos possam ter uma vida digna.<sup>57</sup> Trata-se de fazer um uso responsável das coisas, como refere o Papa Francisco na sua recente encíclica sobre o cuidado da casa comum<sup>58</sup> e assim, entender melhor o seu convite para uma educação e espiritualidade ecológicas, propostas no último capítulo da encíclica. Aí nos convida a uma conversão ecológica que leva a uma alegria e paz pela sobriedade de vida, cuidando da natureza e uns dos outros, assim como a saber aproveitar do repouso semanal que “é uma ampliação do olhar que permite voltar a reconhecer os direitos dos outros. Assim, o dia de descanso, cujo centro é a Eucaristia, difunde a sua luz sobre a semana inteira e encoraja-nos a assumir o cuidado da natureza e dos pobres.”<sup>59</sup>

A conceção antropológica expressa neste relato da criação supõe que a humanidade é uma grande família cujos membros são iguais, porque todo o ser humano é imagem de Deus e a sua manifestação visível, a sua presença (cf. Gn 1, 26 - 27). Esta conceção antropológica oferece uma excelente base que serve de suporte a uma doutrina dos direitos humanos, assente em princípios universais, válidos para todos os seres humanos, qualquer que seja a sua condição social, raça ou sexo.<sup>60</sup>

Outro aspeto que podemos retirar desta conceção antropológica é a de que Deus ao criar o ser humano no mistério da sua complexidade, ama-o no seu todo, não pode deixar de amar o que criou e viu que não só era bom, mas muito bom (cf. Gn1, 31). Por conseguinte, não há uma rejeição da corporeidade, na qual o ser humano experimenta o belo e o grandioso, mas também o frágil e por vezes o desprezível. É nessa corporeidade que o ser humano sente as tensões e os limites, mas foi esta corporeidade que Deus não só criou, mas também assumiu e glorificou, em Seu Filho Jesus Cristo. O ser humano, nas suas limitações, é que tem dificuldade em aceitar e a integrar todas as suas dimensões, sobretudo aquelas que lhe provocam sofrimento ou desconforto e lhe fazem sentir a sua condição de criatura.

A dificuldade de lidar com as limitações e as tensões do corpo, da matéria, levou, ao longo da história da humanidade, à tentação de negar a corporeidade, recusando-a como algo

---

<sup>57</sup> Cf. VAZ, Armindo dos Santos, *Palavra Viva, Escrita Poderosa*, pp. 162-168.

<sup>58</sup> Cf. Francisco, Papa, *Laudato si*, nnº 65-69, in *AAS* 107 (2015), pp. 872-875.

<sup>59</sup> *Ibidem*, nº 137, p. 902.

<sup>60</sup> Cf. GONÇALVES, Francolino José, *Antigo Testamento e Direitos Humanos*, in *Cadernos ISTA*, nº. 6 (1998), pp. 49-50.

de mau que se devia recusar ou olhar com muita desconfiança. Nesta desconfiança, e por vezes na recusa da corporeidade, inscrevem-se todas as formas ou concepções dualistas da antropologia que pretende valorizar apenas o aspeto espiritual do ser humano e negar a corporeidade, lugar de tensões e de limitação dos desejos. Estas concepções dualistas foram tomando formas diversas ao longo da história com as quais o cristianismo teve e tem de dialogar para propor uma antropologia que contenha os chamados mínimos antropológicos.<sup>61</sup>

Essas formas de dualismos, com os seus matizes, continuam a manifestar-se também nos nossos dias, surgindo várias tendências, sobretudo no mundo da cibernética,<sup>62</sup> assim como a ideologia do género que parece confundir a igualdade de dignidade da pessoa humana, independentemente do sexo, com a igualdade de género, pretendendo negar essa diferenciação, ou seja, o dado biológico, como se este fosse um apêndice da natureza humana.<sup>63</sup> Esta última tendência antropológica tem sido objeto de reflexões e intervenções do Magistério da Igreja, quer através da Congregação para a Doutrina da Fé<sup>64</sup> quer em várias intervenções do Papa.

Uma das questões complexas da dimensão da vida humana está relacionada com a natalidade e o controlo do crescimento demográfico. Fizemos uma pequena referência, acima, ao dizer que seria descabido procurar uma doutrina ou teoria sobre a natalidade a partir da expressão “crescei e multiplicai-vos”, porque essa expressão não pode ser interpretada como uma ordem a um crescimento contínuo e ilimitado. A fecundidade, como foi referido, parece estar em função da continuidade da espécie humana e no seu “domínio” sobre os outros seres vivos. Por outro lado, o que caracteriza, o que define, a natureza do ser humano, é a sua abertura, a sua capacidade, de relação com Deus e com os seus semelhantes. Neste sentido, em termos éticos, a fecundidade do amor humano é algo totalmente diverso da fertilidade biológica ou de qualquer produtividade da técnica humana. É imoral, numa atitude de paternidade responsável, quem evita a procriação por motivos egoístas, mas também, e com tanta ou maior gravidade, quem gera um filho sem amor.<sup>65</sup>

Com esta breve abordagem hermenêutica do primeiro relato da Criação procurámos dar os fundamentos bíblicos da dignidade da vida humana e ajudar os alunos a ter contato com a Bíblia, evitando leituras literais e fundamentalistas. Pareceu-nos importante sensibilizar os

---

<sup>61</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, p. 145.

<sup>62</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 114-128.

<sup>63</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral, *A propósito da ideologia do género*, in *Lúmen*, (2013), nº 5, pp. 99-104.

<sup>64</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo*, in, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20040731\\_collaboration\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20040731_collaboration_po.html), acedido a 2-7-2015.

<sup>65</sup> Cf. HAERING, Bernhard, *Livres e fiéis em Cristo*, II, ed. Paulinas, São Paulo, 1982, p. 496.

alunos para a complexidade que é a abordagem dos textos bíblicos. Creemos ter lançado as bases bíblicas para de seguida, no capítulo seguinte, procedermos a uma reflexão antropológico-teológica da dignidade da vida humana.

### 3. REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA-TEOLÓGICA SOBRE A DIGNIDADE DA VIDA HUMANA

Nesta abordagem antropológico-teológica procuramos destacar os elementos essenciais do ser humano de modo a percebermos melhor o que o caracteriza em relação aos outros seres vivos e, assim, sobressair a, dignidade do se humano.

#### 3.1. A imagem de Deus

Numa longa pedagogia, Deus foi-se revelando ao Seu povo de muitas maneiras (cf. Heb 1, 1). Uma das maneiras foi sob a forma de aliança entre homem e mulher, as núpcias. Deus apresenta-se como um Esposo que ama a Sua esposa, Israel, sentindo por ela um grande ciúme (cf. Ex 20, 5; Na 1, 2); denuncia-lhe a sua infidelidade (cf Os 2, 4 - 15; Ez 16, 15 - 34) sem todavia desistir dela, antes a procura atrair a si pelos laços do amor recriando-a na justiça e no direito, com benevolência e amor (cf Os 2. 17 - 21). Algo de muito semelhante aparece na figura do Servo sofredor e a figura feminina de Sião, no profeta Isaías.<sup>66</sup>

O Cântico dos Cânticos, ao celebrar o amor humano na beleza dos corpos e na felicidade do procurar-se um ao outro, exprime em amor humano o amor de Deus para com o Seu povo, tendo em conta que o amor de Deus é incomensuravelmente maior do que qualquer experiência nupcial humana possa expressar.<sup>67</sup>

No Novo Testamento as prefigurações do Antigo Testamento encontram plena realização. Em Maria, como filha de Sião, recapitula-se e transfigura-se a condição de Israel/Esposa que espera a salvação e em Jesus Cristo, seu filho, reconhece-se todo o simbolismo do Antigo Testamento sobre o amor de Deus para com o Seu povo ao realizar as núpcias messiânicas sobre a cruz, em que do Seu coração aberto brota o sangue/vinho da Nova Aliança, pois Ele “amou a Igreja e se entregou por ela a fim de purificá-la com o banho de água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a Si mesmo a Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível (Ef 5, 25 - 27)”.<sup>68</sup>

Assim, o aspeto filosófico e histórico-religioso saliente na visão da Bíblia é a de nos encontrarmos diante de uma conceção metafísica de Deus (Deus é a fonte originária de todo o ser), por um lado; e, por outro lado, este mesmo ser criador é um verdadeiro amante com toda a força da sua paixão, de modo que o eros é purificado e enobrecido a tal ponto que se funde

---

<sup>66</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo*, nº 9.

<sup>67</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 5-6.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 6.

com a ágape. Esta unificação do ser humano com Deus não é um confundir-se e um afundar-se no oceano do mistério de Deus. É uma unidade criada no amor e para o amor na qual o homem e Deus permanecem eles mesmos, embora se tornem uma só coisa como diz São Paulo “Aquele, porém, que se une ao Senhor constitui, com Ele, um só espírito” (1 Cor 6, 17).<sup>69</sup>

A conceção de Deus do Antigo Testamento atinge a sua máxima expressão no Novo Testamento, como refere o Papa Bento XVI:

“A verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em ideias novas, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos – um incrível realismo. Já no Antigo Testamento a novidade bíblica não consistia simplesmente em noções abstractas, mas na acção imprevisível e, de certa forma, inaudita de Deus. Esta acção de Deus ganha agora a sua forma dramática no facto de, em Jesus Cristo, o próprio Deus ir atrás da «ovelha perdida», a humanidade sofredora e transviada. Quando Jesus fala, nas suas parábolas, do pastor que vai atrás da ovelha perdida, da mulher que procura a dracma, do pai que sai ao encontro do filho pródigo e o abraça, não se trata apenas de palavras, mas de uma explicação do seu próprio ser e agir”.<sup>70</sup>

### 3.2. Ser pessoa humana

O primeiro relato da criação do homem, de índole teológica, esconde em si, no dizer de João Paulo II, uma forte carga metafísica porque ao definir o homem nas suas dimensões do ser e existir, fá-lo de um modo mais metafísico do que físico “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus Ele o criou, homem e mulher Ele os criou” (Gn 1, 27), assim como afirma o seu valor axiológico quando, depois da criação do homem, no auge da mesma ação o texto refere “Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.” (Gn 1, 31).<sup>71</sup>

Se no primeiro relato, o anterior, Gn. 1, 27 - 2, 4<sup>a</sup>, há uma definição objetiva do homem, no segundo relato, Gn. 2, 4 - 31, a definição do homem é subjetivista “Então Iahweh Deus modelou o homem com argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente.” (Gn 2, 7). Segundo o Papa João Paulo II, este relato tem uma especificidade sobre a verdade do homem e uma profundidade de natureza subjetiva, e por conseguinte, em certo sentido, também é psicológica. Neste relato encontram-se todos os elementos de análise do ser humano a que a antropologia filosófica, não só moderna mas também contemporânea, é sensível. Contudo, esta apresentação da criação do homem no aspeto da subjetividade, não contradiz, antes corresponde à realidade do homem criado “à imagem de Deus” do primeiro relato.<sup>72</sup>

---

<sup>69</sup> Cf. Bento XVI, *Deus Caritas est*, nº10, in *AAS* 98 (2006), p. 226.

<sup>70</sup> *Ibidem*, nº 12, pp. 227-228.

<sup>71</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Papa, *Catequese de 12 de Setembro de 1979*, nº5, in *Teologia do corpo*, ed. Alêtheia, Lisboa, 2013, pp. 64-65.

<sup>72</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Papa, *Catequese de 19 de Setembro de 1979*, nº 1, in *Teologia do corpo* pp. 66-67.

Em ambos os relatos o homem é criatura de Deus e, como tal, depende absolutamente do criador, como o barro depende do oleiro, do segundo relato, e como a imagem depende do imaginado, primeiro relato. Não se trata de um ser que primeiro existe em si para depois, num segundo momento, passar a relacionar-se com Deus. A sua origem dá-se precisamente na relação com Deus e a criação surge como uma ação peculiar de Deus que termina no homem inteiro e não apenas numa das suas partes ou dimensões. Estamos, assim, perante um dado antropológico que não se limita à humanidade original, mas a todo e a cada um dos seres humanos. Aí onde surge um ser humano, volta a acontecer o milagre da primeira criação.<sup>73</sup>

A criação do homem no primeiro relato está inserida numa narrativa da criação do mundo, ao ritmo de sete dias, em que o homem é criado na terra, à imagem e semelhança de Deus e varão e mulher os criou (cf. Gn 1, 26 - 27), ao mesmo tempo que o mundo visível lhe é confiado para que cuide dele, havendo uma relação de dependência do homem a Deus e da natureza ao homem. O ser humano aparece como coroação da obra divina e as outras criaturas são para ele como ele é para Deus.<sup>74</sup>

Nesta relação do homem com Deus, de inferioridade, e com o mundo, de superioridade, revela o homem como ser de relação. O próprio Deus (o Tu fundante do homem, a sua primeira relação) reconhece que ao ser humano não lhe basta uma referência a Ele. Para estar completo, o ser humano precisa de uma referência semelhante a ele, de um ser criado capaz de relação inter subjetiva. Assim o tu do outro não aparece para limitar o ser humano, mas para possibilitar a sua realização, para que possa cumprir-se plenamente.<sup>75</sup>

No segundo relato o autor coloca na boca de Deus a seguinte expressão: “Não é bom que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda.” (Gn 2, 18). Então Deus modelou do solo todos os animais e aves e apresentou-os ao homem para que ele desse o nome a cada uma das espécie, mas não encontrou uma auxiliar que lhe correspondesse (cf. Gn 2, 19 - 20). Deste modo, o homem toma consciência da sua solidão. Porém, o texto chama ao primeiro homem “formado da terra” de adam para depois da criação da mulher (issa) passar a chamar de varão (is). Isto parece indicar que a solidão refere-se não só ao homem/varão, mas também à mulher, ou seja, o homem adam refere-se a varão e mulher e, tal como no primeiro relato, “Deus os criou homem e mulher”. É a polaridade de varão e mulher ou macho e fêmea que realiza

---

<sup>73</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, pp. 47-48.

<sup>74</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Papa, *Catequese de 12 de Setembro de 1979*, nº 3-4, in *Teologia do corpo*, pp. 62-64.

<sup>75</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, pp. 48-49.

plenamente a essência do ser humano como imagem de Deus. Neste contexto, a solidão tem dois significados: um refere-se ao homem, humanidade; e o outro à relação varão-mulher.<sup>76</sup>

É o próprio Deus quem cria o outro e o propõe ao homem sem o impor para que ele o possa contemplar sem receio. Podemos dizer que a relação intra humana será a mediação iniludível da relação com o Transcendente. O tu igual ao homem é a imagem do TU supremo.<sup>77</sup>

Nos dois relatos sobre a criação do homem, o ser humano é-nos apresentado como uma realidade unitária. Face às antropologias dualistas que procuram dividir o ser humano para o tentar libertar da matéria, esta antropologia propõe uma visão integradora das várias dimensões do ser humano, numa unidade do seu ser. Se por um lado reconhece a dimensão mundana, terrena; por outro também reconhece a outra dimensão pessoal, subjetiva, capaz de liberdade e de responsabilidade. De todos os seres criados só o homem se dirige a Deus como a um Tu e este, por sua vez, só dele espera uma resposta e lhe confia o cuidado do mundo. Assim, em vez de uma estrutura dualista de tipo alma-corpo ou espírito-matéria, temos uma estrutura dialógica eu-tu.<sup>78</sup>

Nestes relatos bíblicos embora se faça referência à solidão do homem, como vimos mais acima, e este se encontre, desde o início, ‘diante de Deus’ como à procura da sua própria identidade ou à procura da definição de si mesmo<sup>79</sup>, os textos bíblicos não pretendem dar-nos uma definição ontológica do homem, sobre a sua essência. Ao apresentar o homem como imagem de Deus, não pretende fazer uma afirmação metafísica sobre a natureza do ser humano (do ser em si), mas antes, uma descrição de tipo funcional (do ser para). Se há algo que mais se aproxima de uma perspectiva ontológica é a referência à unidade do ser humano. Por ser criatura de Deus o ser humano é um ser contingente e, também um ser relacional. Se em termos ontológicos os textos são pobres, o mesmo não se poderá dizer em termos axiológicos. Segundo os textos bíblicos, o ser humano é não só o ser supremo para o homem como também para Deus, devendo partir-se deste postulado axiológico para entender o ontológico e não o contrário, sendo essa a perspectiva cristã não só para a antropologia, mas também para uma cosmovisão do mundo.<sup>80</sup>

---

<sup>76</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Papa, *Catequese de 10 de Outubro de 1979*, nº 3, in *Teologia do corpo*, pp. 77-78.

<sup>77</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, p. 49.

<sup>78</sup> Cf. *Ibidem*, p. 49.

<sup>79</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Papa, *Catequese de 10 de Outubro de 1979*, nº 5, in *Teologia do corpo*, p. 80.

<sup>80</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, pp. 50-51.

Ao longo de todo o Antigo Testamento, esta concepção do homem não irá sofrer alterações, mesmo quando se confronta com a cultura helénica que tinha uma concepção dualista.<sup>81</sup>

O Novo Testamento vem trazer uma novidade. Se no Antigo Testamento o homem era interpretado mais numa perspectiva teológica (na sua relação com Deus), no Novo Testamento, o homem passa a ser interpretado a partir de Jesus Cristo (o verdadeiro homem de que Adão era apenas um esboço). Assim, podemos dizer que a narrativa antropológica do Antigo Testamento toma uma feição cristológica e soteriológica.<sup>82</sup>

Os sinópticos vêm revelar que o humano não só foi criado por Deus, ou seja, que recebeu d'Ele a sua existência, como também é Ele que torna possível a continuidade da mesma. Por conseguinte, o ser humano só atingirá a sua plena realização se permanecer na relação com o seu Criador. Relação essa, que não será como a do servo com o seu senhor, mas uma relação do filho para a seu pai, ou seja, uma relação de total confiança no pai que o sustenta, cuida e protege. É nesta abertura filial a Deus, numa existência estruturalmente dialogal que o ser humano se realizará. Daí que o ser humano deverá ser um ouvinte da palavra. Deverá estar numa atitude de escuta da Palavra do Pai porque é nessa escuta da Palavra que o ser humano percebe que é o valor maior de toda a criação, não podendo ser instrumentalizado ou mediatizado, mas pelo para o qual tudo deverá estar ao serviço e não o contrário.<sup>83</sup>

A mensagem cristã irá confrontar-se com outras culturas, entre elas a helénica com a sua antropologia dualista, e mais uma vez, a concepção do homem no Antigo Testamento, agora enriquecida com as novas abordagens do Novo Testamento, não irá sofrer alterações, apesar de algumas dúvidas levantadas pelos debates e questões exegéticas sobre o esquema corpo-alma.<sup>84</sup>

A reflexão teológica nos primeiros séculos do cristianismo só tangencialmente tocava a questão do corpo-alma. Não há aí uma antropologia de forma direta. Esta quando aparece é sob uma perspectiva cristológica ou numa rejeição de abordagens dualistas.<sup>85</sup>

Na Idade Média a reflexão antropológica, com a escolástica, passa a ser não numa ótica cristológica, mas escatológica, ficando depois suspensa cerca sete séculos, para ser retomada com o II Concílio do Vaticano.<sup>86</sup>

---

<sup>81</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, pp. 51-59.

<sup>82</sup> Cf. *Ibidem*, p. 61.

<sup>83</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 62-63.

<sup>84</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 84-88.

<sup>85</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 94-101.

<sup>86</sup> Cf. CONCILIO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, nº 14, in *AAS* 58 (1966), pp. 1035-1036.

O Concílio II do Vaticano recolhendo os dados da antropologia bíblica vai propor uma compreensão do homem numa referência a Deus e ao mundo em que o binómio corpo-alma é interpretado ou traduzido com as expressões ‘interioridade’ (abertura a Deus) e ‘condição corporal’ (inserção no mundo).<sup>87</sup>

As declarações do Magistério da Igreja afirmam, de forma clara, que o homem é uno em corpo e alma. Afirma nitidamente a unidade do ser humano ao usar a fórmula ‘o homem é corpo e alma’ em vez da habitual, que era ‘o homem tem alma e corpo’. Trata-se de expressar a experiência originária que o homem tem de si próprio, não à maneira de Descartes, do seu “cogito ergo sum”, mas a de um eu encarnado, que se percebe como carne animada ou como alma encarnada, e não como corpo, por um lado e mais uma alma, por outro. Trata-se de uma linguagem que permanece fiel à consciência de um eu unitário em que ninguém diz ‘o meu corpo tem fome’, ou ‘a minha alma está cansada’. Antes, ambas as realidades são remetidas para um sujeito que as vive. Assim o sentir e o entender é algo que se passa no homem, de tal modo que os gestos corporais expressam a interioridade do eu único e singular, que se reconhece como pessoa.<sup>88</sup>

Para percebermos o que se entende por alma e corpo, iremos analisar estes dois elementos separadamente, não que eles possam ser separados. Trata-se apenas de distinguir momentos diversos de uma mesma realidade e não nomeá-los como se fossem unidades somáveis.<sup>89</sup>

### **3.2.1. A dimensão corporal da pessoa humana**

Pelo corpo o homem está no mundo, é um ser-no-mundo. Mas este ‘ser-em’ não é para o homem um complemento circunstancial de lugar. É um elemento constitutivo porque a realidade do corpo humano não se limita à sua própria pele, mas, em certo sentido, é coextensivo ao mundo, sendo realidades que se implicam mutuamente. Este ser no mundo implica, também um ser-no-tempo. Enquanto corpo, o homem está inserido numa duração contínua e sucessiva a que chamamos tempo. A realidade do homem consiste num fazer-se no tempo de forma progressiva. O homem não aparece feito de uma vez por todas. É no tempo que vai usando a sua liberdade, de forma a realizar-se ou não. Deste modo, o ser no mundo e no tempo, significa o estar limitado ao espaço e ao tempo, sendo por isso, um ser mortal. A morte aparece a

---

<sup>87</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, p. 113.

<sup>88</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 129-130.

<sup>89</sup> Cf. *Ibidem*, p. 132.

desmundalizar e a destemporalizar o ser humano, ou seja, subtrai-o do espaço e do tempo, afetando-o nas suas dimensões corpórea, mundana e temporal.<sup>90</sup>

É pelo corpo que o homem se diz a si mesmo, se manifesta como alguém e não como algo, ou seja, o corpo é a expressão comunicativa do eu de cada ser humano na sua diferença sexual<sup>91</sup>. Esta diferença dos sexos é uma realidade profundamente inscrita no ser humano que o caracteriza, na sua masculinidade e feminilidade, não só fisicamente, mas também psicologicamente e espiritualmente, de tal modo que não pode ser reduzida ao puro dado biológico, antes é uma componente fundamental na sua maneira de comunicar, sentir, exprimir e viver o amor humano.<sup>92</sup>

### **3.2.2. A dimensão espiritual da pessoa humana**

Tal como o corpo, também é difícil definir o que é a alma. Com este conceito a antropologia cristã pretende significar a absoluta singularidade do ser humano e a sua abertura a Deus. Esta ideia existencial de que o ser humano tem capacidade de referência a Deus seria incompreensível se se dissesse que o homem é só corpo, silenciando-se o seu ser alma (o espírito). Em termos ontológicos, alma significa o coprincípio espiritual do ser humano e a diversidade funcional, estrutural e qualitativa do ser corpo, próprio do ser humano e exigida pela sua peculiaridade entitativa ou ontológica. Podemos dizer que é o momento ôntico transcendental (irreduzível à matéria, ou seja, aos momentos físico-químico-biológicos) do ser humano e que funda, objetivamente, o seu valor e a sua capacidade teologal (relação com Deus e também com o seu próximo).<sup>93</sup>

Embora inserido no mundo, como foi referido acima, transcende-o de modo a não ficar circunscrito ao imediato, como o animal, e a não se contentar apenas com bens, nem com verdades parciais. Poder-se-á dizer que o homem experimenta-se como ser no mundo (pela sua corporeidade) e como ser frente ao mundo (pela sua espiritualidade). E tal como sucede com o espaço, o homem também transcende o tempo, no qual se insere (é corpo), comunicando-lhe uma qualificação que o leva a distinguir o tempo físico do tempo vivido ou psicológico. O tempo vivido subtrai-se à fugacidade do mesmo em que o passado se condensa e conserva na memória, que não é mera recordação, mas um conjunto de opções tomadas que cria a situação em que cada um se encontra com as suas possibilidades, e o futuro antecipa-se em projeto,

---

<sup>90</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, pp. 135-136.

<sup>91</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 136-138.

<sup>92</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo*, p. 4.

<sup>93</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, pp. 138-141.

convocando para a decisão e a dinamização do presente. Assim, o tempo, no homem, torna-se história, como processo unitário, articulado e finalizado. Pela transcendência do tempo o homem aspira a instalar-se numa definitividade que o coloque a salvo da caducidade. Sendo e sabendo-se temporal, o homem deseja o eterno e não se resigna a ser simplesmente um ser para a morte.<sup>94</sup>

Deste modo, podemos dizer que o cristianismo não pretende propor uma antropologia própria de forma sistemática, antes professa os elementos mínimos, que permitam apresentar uma antropologia teológica que pugne por se afastar de toda a tentação espiritualista ou dualista.<sup>95</sup>

### **3.2.3. A dignidade do homem, como ser de relação**

A questão que se levanta agora versa não sobre o quê, mas sobre o quem. De facto o ser humano não se limita a ser algo: é alguém. Não tem só uma natureza, mas é também pessoa, ou seja, um sujeito que dispõe da sua natureza. Sendo pessoa, o ser humano transcende o mundo anónimo dos objetos e dos fenómenos naturais. Pois a ideia de pessoa contém virtualmente as ideias de liberdade e de sociabilidade.<sup>96</sup>

A Bíblia não tem o termo pessoa, mas o segundo relato, como já vimos, dá uma definição subjetiva do homem. Ao descrever o ser humano a dar o nome a todas as criaturas visíveis, para se afirmar, ele acaba por tomar consciência de si próprio e da sua condição de solidão, revelando-se a si mesmo ao mesmo tempo que se afirma como pessoa no mundo visível.<sup>97</sup>

O conceito de pessoa surge nos debates sobre o mistério da Santíssima Trindade, para descrever a relação entre as três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, em que Deus se realiza enquanto se dá totalmente. O Filho procede da auto - doação do Pai, e o Espírito Santo da auto - doação do Pai e do Filho. O diálogo intra divino gerador das três pessoas prolonga-se para fora da imanência das mesmas no ato criador, que culmina na criação de um ser 'imagem de Deus', capaz, também ele, de auto doação, ou seja, um ser relacional. Assim, o conceito de pessoa consiste na relação, a qual não é algo que sobrevém à pessoa, antes é a própria pessoa, ser para.<sup>98</sup>

---

<sup>94</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, pp. 141-143.

<sup>95</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 145-147.

<sup>96</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 153-154.

<sup>97</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Papa, *Catequese de 10 de Outubro de 1979*, nº 6, in *Teologia do corpo*, p. 81.

<sup>98</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, pp. 156-157.

Para o povo judeu, Deus não era o absolutamente outro, estranho e distante, mas alguém com quem se relaciona e se vai percebendo quem é. Do mesmo modo que não se pode dizer de uma pessoa, que se ama ou odeia, que me é estranha ou me seja absolutamente outro, antes, em certo sentido, é meu porque não me posso compreender sem ele. Assim o homem, segundo as Escrituras, não se compreende sem referência a Deus, numa relação dialética eu-tu, em que o tu não é o eu, mas também não é o outro, antes é uma parte real do eu na comunhão do nós. Assim, poder-se-á dizer que nenhum outro contacto poderia ser capaz de sustentar a mesmidade do ser humano, de modo a realizar aquilo a que ela aspira: ser pessoa e não outra coisa. Só um ser pessoal, por excelência, pode conferir personalidade à sua criatura. Qualquer outra relação não possui esta virtude personalizante, a própria relação interhumana precisa deste suporte e garantia da personalidade divina, para não decair numa utilização coisificada ou de intercâmbio de mensagens apenas funcionais. Só esta relação eu-tu induz a uma respeitabilidade recíproca, porque não só Deus é o tu do homem como também o homem é o tu de Deus. Deus, quando olha para o ser humano, encontra nele um reflexo de Si até chegar o momento em que a Sua glória irradiará de um ser humano, Jesus Cristo.<sup>99</sup>

Deus ao criar o ser humano não cria mais uma natureza entre outras, mas um tu, chamando-o pelo seu nome. Coloca-o perante Si como ser responsável (capaz de responder), como um sujeito e partner do diálogo interpessoal. Cria, não um objeto da sua vontade, mas um ser correspondente, capaz de responder ao tu de Deus, porque é capaz de responder a partir do seu próprio eu, isto é, cria uma pessoa. É, também, esta relação ao Absoluto de Deus que torna possível o ser humano, criatura contingente, um absoluto relativo. E, porque Deus leva o ser humano absolutamente a sério, o ser humano é um ser absoluto, que não pode ser coisificado. Jesus Cristo, ao fazer-se homem entre os homens, veio confirmar de forma decisiva o valor absoluto da pessoa humana.<sup>100</sup>

No entanto, esta abertura transcendental a Deus, realiza-se mediante a categoria da imagem de Deus. Pois o diálogo com o tu divino realiza-se ineludivelmente no diálogo com o tu humano. Como já vimos no segundo relato da criação do homem, o próprio Deus adverte que o homem está só e lhe falta uma referência pessoal que esteja ao seu mesmo nível, porque é na interlocução amorosa com esse ser que o homem se exercita e avança na sua capacidade de escutar e responder ao Ser de onde brota o amor. E a prova de que o ser humano está a responder a esse amor primeiro é a relação interpessoal criada, ou seja, com o seu próximo, pois “Se alguém disser: Amo a Deus”, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama

---

<sup>99</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, pp. 176-177.

<sup>100</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 177-178.

o seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar. E este é o mandamento que dele recebemos: aquele que ama a Deus, ame também o seu irmão.” (1Jo 4, 20-21). Dito de outra maneira, quem respeita a imagem de Deus, respeita a Deus, ainda que não o reconheça explicitamente, e vice-versa.<sup>101</sup>

Ver o ser humano como pessoa não é só olhá-lo, mas também admirá-lo. Ser capaz de surpreender-se com a originalidade e a profundidade desse ser único e irrepetível, decifrar os seus traços e captar na sua interpelação a presença de Deus. Ao fazê-lo está-se a praticar um ato de confiança e de disponibilidade e, por conseguinte, um tal olhar sobre a imagem de Deus que já é, de modo tácito ou expreso, uma confissão de fé, porque quem for capaz de cultivar a amizade também é capaz de vivência religiosa.<sup>102</sup>

No entanto, a expressão, por vezes usada, “amar o próximo por amor a Deus” é perigosa e até ambígua, porque Deus não é uma instância interposta nas relações interpessoais, antes é a realidade fundante que possibilita ver o próximo como um valor absoluto. Esta afirmação é sempre imediata e direta, sem mediação ou indireta, o que não acontece quando se afirma o tu divino que é sempre mediato, ou seja, passa pela mediação do ser humano, daí que a oração pública da Igreja dirige-se ao Pai, “pois há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus, que se deu em resgate por todos.” (1Tm 2, 5-6). E porque o ser humano é constitutivamente religado a Deus, o homem pode dialogar com o homem num tu - a - tu, uma vez que cada ser humano é imagem de Deus, não podendo ser reduzido a um objeto, por ser pessoa. Ele é alguém a quem Deus se dirige antes que outro ser humano se lhe possa dirigir. Não é a relação interpessoal que lhe confere o estatuto de personalidade, porque esta, não só é prévia ao encontro interpessoal, como o torna possível.<sup>103</sup>

Ao ser de Deus e não de si mesmo, o homem deve ser, existir para os outros. O ser humano só se conhece a si próprio quando se reconhece como dom e só se realiza num doar-se, ou seja, como dom também para os outros. Só será fiel a si mesmo, se permanecer numa disposição para o amor, para amar, numa disponibilidade ao tu do outro, no qual reconhece o mesmo absoluto que a si mesmo, enquanto efeito da suprema liberalidade de Deus. Por conseguinte, o homem merece para o outro homem o mesmo respeito que merece Deus, e a inviolabilidade de Deus fica à prova na dignidade intangível do homem.<sup>104</sup>

---

<sup>101</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, p. 180.

<sup>102</sup> Cf. *Ibidem*, p. 181.

<sup>103</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 181-182.

<sup>104</sup> Cf. *Ibidem*, p. 183.

Deste modo, a antropologia teológica desemboca na cristologia porque é na pessoa de Jesus Cristo, Deus feito homem, que o ser humano descobre o seu mistério. O homem será tanto mais homem quanto mais e melhor realiza a sua relação com Deus em Cristo, ou seja, no tu humano sacramento de Cristo.<sup>105</sup>

### 3.3. A pessoa na “*Gaudium et Spes*”

Pela primeira vez o magistério extraordinário da Igreja, num ensaio de síntese, aborda a antropologia cristã com a seguinte fórmula:<sup>106</sup> “Trata-se, com efeito, de salvar a pessoa do homem e de restaurar a sociedade humana. Por isso, o homem será o fulcro de toda a nossa exposição: o homem na sua unidade e integridade: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade.”<sup>107</sup> É perante as questões que o mundo levantava sobre o mistério do homem, que o Concílio II do Vaticano procurou iluminar esse mistério, tendo como ponto de partida a definição bíblica do homem como imagem de Deus “A Sagrada Escritura ensina que o homem foi criado «à imagem de Deus», capaz de conhecer e amar o seu Criador, e por este, constituído senhor de todas as criaturas terrenas, para as dominar e delas se servir, dando glória a Deus”<sup>108</sup> e, sabendo, no entanto, que o mistério do ser humano só se entende à luz do mistério do Verbo encarnado:

“Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime”.<sup>109</sup>

É, também, na relação com Deus, que radica “A razão mais alta da dignidade humana”<sup>110</sup>, porque é nessa relação que o ser humano é sujeito de um diálogo que brota do amor divino e, aí vai descobrindo o respeito absoluto que se deve ter para com o ser humano, de tal modo que, atentar contra a sua dignidade, é simultaneamente atentar “e ofender a honra devida ao criador.”<sup>111</sup>

Pode dizer-se que a fé cristã não dá uma definição abstrata da realidade humana. O que o homem é, só se explica na realidade concreta de Jesus Cristo, que, sendo ‘imagem de Deus’, é também o homem perfeito, não no sentido moral mas ontológico.<sup>112</sup>

---

<sup>105</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, p. 184.

<sup>106</sup> Cf. *Ibidem*, p. 184.

<sup>107</sup> *Gaudium et Spes*, nº 3, in *AAS* 58 (1966), p. 1026-27.

<sup>108</sup> *Ibidem*, nº 12, p. 1034.

<sup>109</sup> *Ibidem*, nº 22, p. 1042.

<sup>110</sup> *Ibidem*, nº 19, p. 1038-39.

<sup>111</sup> *Ibidem*, nº 27, p. 1047-48.

<sup>112</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, p. 186.

Este aspeto parece-nos de suma importância para os alunos, que na sua fase da adolescência, com as suas dúvidas e incertezas, precisam de referências. Assim, mostrando Jesus Cristo como modelo de ‘Homem’, de humanidade a que todos somos chamados a ser, propomos aos adolescentes um modelo ímpar.

### 3.4. A filiação divina

Chegados aqui, depois de entrevermos a imagem de Deus e do homem, neste breve percurso que terminou na Pessoa de Jesus Cristo revelador do mistério de Deus e do homem, estamos em melhores condições para abordar a filiação divina que nos introduz na plenitude do amor e do ser, que é o próprio Deus.<sup>113</sup>

É em Cristo Jesus que nós, de facto, somos chamados a ser filhos de Deus no Espírito de filiação do Seu próprio Filho, como nos diz S. Paulo:

“Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Com efeito, não recebemos um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: Abbá! Pai! O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus.” (Rm 8, 14-16).

É nesta relação filial que o ser humano vai descobrindo a sua verdadeira identidade pessoal, relacional e existencial, na luminosidade de Cristo, luz que dissipa todas as trevas.<sup>114</sup> E, porque somos filhos no Filho (cf. Rm 8, 29), somos convidados a revestirmo-nos n’Ele (cf. Col 3, 10) que transformará (cf. Fl 3, 21) o mistério do nosso ser, pois, está para além das nossas vivências sentimentais e emocionais, e do modo como as possamos manifestar.<sup>115</sup>

É vivendo nesta relação filial, no Espírito Santo (cf. Gl 4, 16), que o ser humano crescerá em liberdade (cf Gl 5, 1), na vivência dos seus afetos (de modo a não cair em qualquer tipo de alienação ou no desejo de apropriação do outro e de o reduzir a instrumento de auto satisfação ou, ainda, a qualquer forma de manipulação)<sup>116</sup>, num processo de crescimento relacional<sup>117</sup>, gemendo as dores de parto (Rm 8, 22 - 23) até atingir a plenitude da ‘medida’ e a ‘estatura’ de Cristo<sup>118</sup>, ao mesmo tempo que essa mesma relação vai gerando uma confiança e uma alegria maiores (cf. 2 Co 13, 11; Fl 3, 1; 4, 4; 1 Ts 5, 16) por se saber sustentado e amparado no amor do Pai.<sup>119</sup>

---

<sup>113</sup> Cf. MARTINS, António Manuel Alves, *Para uma antropologia cristã da afectividade*, in *Communio*, nº. 4 (2005), p. 438.

<sup>114</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 140-141.

<sup>115</sup> Cf. *Ibidem*, p. 146.

<sup>116</sup> Cf. *Ibidem*, p. 135.

<sup>117</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 135-137.

<sup>118</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 142-143.

<sup>119</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 149-150.

### 3.5. A fecundidade humana

No relato da criação do homem “à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 27) vem logo a seguir sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra” (Gn 1, 28). Seria uma interpretação totalmente enfiada reduzir a fecundidade humana apenas à sua dimensão biológica. Seria uma perspectiva do ser contingente que apenas se sucede no espaço e no tempo<sup>120</sup> e negaria a dimensão fundamental do ser humano que é criado ontologicamente como ser de relação, chamado, desde o início, à relação com Deus e a realizar-se, fecundamente, na relação amorosa, encontrando na alteridade homem-mulher a sua plena expressividade, embora esta não esgote todas as possíveis modalidades de relacionalidade<sup>121</sup>, aliás como a procriação, que é “uma forma especial” do ser humano colaborar na “obra criadora de Deus”, não é a única forma ou modalidade de fecundidade.<sup>122</sup>

Partindo do dado bíblico em que o homem é criado “à imagem de Deus”, estamos perante um conceito relacional e, por conseguinte, podemos dizer, que Deus não só entra na auto compreensão do homem, como também a sua personalidade funda a personalidade humana, à qual dá origem pelo seu amor transbordante.<sup>123</sup> Sendo Deus comunhão de Pessoas, é a própria personalidade da comunhão trinitária que funda, constitui, a personalidade humana, porque criado “à imagem” do Deus-Trindade, sem, contudo, conseguir uma plena identidade entre ser e relação, como acontece nas três pessoas divinas, antes vive numa permanente tensão dialética entre o ser que é (ser doado) e o ser que plenamente ainda não é, mas poderá ser como doação possível.<sup>124</sup> É na relação filial, acima abordada, que o ser humano, na sua finitude, encontra o caminho para uma fecundidade no Espírito de Deus que não cessa de fecundar, reerguer e recriar o ser humano das suas quedas, capacitando-o para novas e mais profundas relações não só com Deus, mas também com os outros na comunhão fraterna<sup>125</sup>, dado que não é possível viver uma relação profunda com Deus se também não se procura viver uma relação fraterna com os outros.<sup>126</sup>

### 3.6. A dignidade humana percebida ao longo da história

Depois desta breve reflexão de carácter filosófico e antropológico sobre a dignidade da pessoa humana, faremos, num brevíssimo resumo, referência aos momentos mais marcantes da

---

<sup>120</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Papa, *Catequese de 12 de Setembro de 1979*, nº 5, *Teologia do corpo*, p. 64.

<sup>121</sup> Cf. MARTINS, António Manuel Alves, in *Communio*, p. 438.

<sup>122</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Papa, *Evangelium Vitae*, nº 43, in *AAS* 86 (1995), pp. 448-449.

<sup>123</sup> Cf. *Ibidem*, nº 21, p. 424-425.

<sup>124</sup> Cf. *Ibidem*, nº 87, p. 499-500.

<sup>125</sup> Cf. BENTO VI, Papa, *Deus caritas est*, nnº 12-15 in *AAS* 98 (2006), pp. 227-230.

<sup>126</sup> Cf. *Ibidem*, nnº. 16-18. pp. 230-231.

história do Ocidente em que a dignidade humana foi sendo afirmada. Fá-lo-emos conjugando a dignidade da pessoa humana com a paternidade divina, por esta indicar a origem e a transcendência do ser humano, divinamente originado e também destinado a algo mais. De facto, ao longo da história do cristianismo, a paternidade divina, no seu sentido evangélico, constituiu sempre um apelo a uma finalidade maior que qualquer delimitação humana e constituiu também uma crítica a toda e qualquer redução temporal do ser humano, por mais que se tentasse sacralizá-la. Os próprios ritos do cristianismo sempre tiveram de expressar a filiação comum e a fraternidade geral.

Os primeiros cristãos não se consideravam traidores do Império Romano nem queriam serem apátridas, somente não queriam reduzir a Roma a sua pertença pessoal, nem o seu último destino, pois a paternidade divina desafiava a concepção sacral do Império e levava os cristãos a afirmarem um Deus para além do Estado. Não se tratava duma posição política, mas religiosa. Os cristãos apareceram com uma grande liberdade face à religião do Império. Não eram contra o Império Romano, antes apresentavam o novo credo como socialmente benéfico e politicamente conveniente, visto que eram pacíficos e rezavam pelo bem de todos.<sup>127</sup>

Após a queda do Império Romano do Ocidente e a instalação dos povos das invasões chamadas bárbaras, com as suas sociedades gregárias e finalistas, formando a chamada Idade Média, o fermento evangélico foi levedando a cultura, sobretudo com o grande contributo da Ordem Beneditina tendo em conta que:

“(…) se somaram desde o século VI várias comunidades monásticas, em que a paternidade abacial dalgum modo refletia a autoridade igualitária de Deus, no tratamento equitativo dos monges de qualquer proveniência: «Não distinga [o abade] no mosteiro quem quer que seja. Não tenha mais amor a um do que a outro, a não ser àquele que achar mais perfeito nas boas obras e na obediência. Não dê preferência ao que é livre por nascimento sobre o que vem à vida religiosa de condição servil, a não ser que haja outro motivo razoável [...], visto que, escravos ou livres, todos somos um em Cristo e militamos todos debaixo do mesmo jugo ao serviço dum só Senhor, pois para Deus não há distinção de pessoas». Comunidades padrão para a própria paternidade social dalguns reis e senhores que nela se inspiravam também”.<sup>128</sup>

O mesmo sucedeu no trato com os povos autóctones que os descobridores encontraram, e que os teólogos hispânicos como Francisco Vitória e os missionários procuraram defender, formulando um direito natural renovado, que depois procuravam aplicar, bem como as intervenções do Papa com muitos pronunciamentos, dos quais destacamos o do Papa Paulo III, com a bula *Sublimis Deus*, de 1537, que rejeitou categoricamente os argumentos dos que

---

<sup>127</sup> Cf. CLEMENTE, D. Manuel, *Paternidade divina e dignidade humana: um percurso histórico*, in *Paternidade divina e dignidade humana, semana de Estudos Teológicos*, ed. Verbo e Rei dos Livros, Lisboa 1999, pp. 185-188.

<sup>128</sup> CLEMENTE, D. Manuel, *Paternidade divina e dignidade humana: um percurso histórico*, pp. 192-193.

negavam a condição humana aos nativos americanos, como impróprios para a conversão e a liberdade, como se pode depreender:

“O Inimigo do género humano [...] suscitou alguns dos seus satélites que, no desejo de saciarem os seus apetites, tiveram a audácia de afirmar em toda a parte que é preciso reduzir à servidão esses Índios das regiões do Ocidente, do Sul e mais lugares, descobertos na nossa época, sob pretexto de serem como brutos animais incapazes de receber a fé católica [...] Declaramos pelas presentes letras, em virtude da nossa autoridade apostólica, que os Índios que acabamos de mencionar, assim como todos os outros que, no futuro, chegarem ao conhecimento dos cristãos, se bem que ainda estejam fora da fé cristã, não devem ser privados da sua liberdade nem da fruição dos seus bens; que, muito pelo contrário, devem poder usar desta liberdade e destes bens e fruí-los licitamente; e que não devem ser reduzidos à servidão. Há que convidar esses mesmos Índios e as outras nações a receber a fé cristã pela pregação da Palavra de Deus e pelo exemplo duma vida virtuosa”.<sup>129</sup>

O liberalismo ao exaltar o indivíduo também exaltou a nação como realização coletiva de povos ou raças, que em finais do século XIX redundou em desfavor do indivíduo, tendo como resultado as duas grandes guerras na primeira metade do século XX, em que os Papas Pio XI e Pio XII se manifestaram contra os totalitarismos, defendendo regimes que defendam o indivíduo de qualquer excesso estatal, ultrapassando o mal-entendido entre a Igreja Católica e algum liberalismo filosófico e político.<sup>130</sup>

Mais tarde o Concílio II do Vaticano veio afirmar o respeito por cada pessoa humana como base teórica para a defesa da verdadeira liberdade em conjugação com a verdade, defendendo a liberdade a partir da dignidade da pessoa humana como se poderá verificar na seguinte passagem, onde fica clara a fundamentação da dignidade humana na paternidade divina:

“Deus, que de todos cuida com solícitude paternal, quis que os homens formassem uma só família, e se tratassem uns aos outros como irmãos. Criados todos à imagem e semelhança daquele Deus que ‘ fez habitar sobre toda a face da terra o inteiro género humano, saído dum princípio único’ (Act. 17, 26), todos são chamados a um só e mesmo fim, que é o próprio Deus.”<sup>131</sup>

É esta filiação divina que leva a cultivar a liberdade face a qualquer tipo de servidão, como se pode ver no seguinte trecho:

“Nenhuma lei humana pode salvaguardar tão perfeitamente a dignidade pessoal e a liberdade do homem como o Evangelho de Jesus Cristo, confiado à Igreja. Pois este Evangelho anuncia e proclama a liberdade dos filhos de Deus; rejeita toda a espécie de servidão, a qual tem a sua última origem no pecado; respeita escrupulosamente a dignidade da consciência e a sua livre decisão; sem descanso recorda que todos os talentos humanos devem redundar em serviço de Deus e bem dos homens; e a todos recomenda, finalmente, a caridade.”<sup>132</sup>

---

<sup>129</sup> PAULO III, *Bula Sublimis Deus*, in HEPE, p. 338-339, in CLEMENTE, *Paternidade divina e dignidade humana: um percurso histórico*, pp. 195-196.

<sup>130</sup> Cf. CLEMENTE, D. Manuel, *Paternidade divina e dignidade humana: um percurso histórico*, p. 198.

<sup>131</sup> *Gaudium et Spes*, n.º 24, in *AAS* 58 (1966), pp. 1044-1045.

<sup>132</sup> *Ibidem*, n.º 41, pp. 1059-1060.

É, ainda, na filiação divina e como reflexo livre do seu livre Criador, que se fundamenta a não coercibilidade de cada destino humano, no respeito pela dignidade da pessoa humana, como se pode verificar noutro texto do Concílio:

“De harmonia com a própria dignidade, todos os homens, que são pessoas dotadas de razão e de vontade e de vontade livre e por isso mesmo com responsabilidade pessoal, são levados pela própria natureza e também moralmente a procurar a verdade, antes de mais a que diz respeito à religião. Têm também obrigação de aderir à verdade conhecida e de ordenar toda a sua vida segundo as suas exigências. Ora, os homens não podem satisfazer a esta obrigação de modo conforme com a própria natureza, a não ser que gozem ao mesmo tempo de liberdade psicológica e imunidade de coação externa. O direito à liberdade religiosa não se funda, pois, na disposição subjetiva da pessoa, mas na sua própria natureza.”<sup>133</sup>

Com esta abordagem antropológico-teológica sobre a pessoa humana e por último, com um pequeno esboço histórico de como os cristãos foram descobrindo, pela filiação divina, a dignidade a que são chamados a viver, estamos mais aptos para estar ao serviço da dignidade da vida humana.

Sempre que for possível, tentaremos fazer uma abordagem interdisciplinar, à medida que os assuntos tratados o proporcionem. Neste caso, uma alusão a momentos chave da história da humanidade, ajudando a ver como as sementes do Evangelho foram germinando e dando frutos para uma melhor compreensão e vivência da dignidade da vida humana. A história ajuda-nos a entender o presente e a prever e a orientar o futuro. Assim, com este breve relance sobre o passado, tipo flache, estaremos em melhores condições para poder observar o momento presente e refletir sobre os desafios que se nos deparam na tarefa educativa. Iremos fazê-lo seguindo o pensamento do Papa Francisco até 2014, mas sobretudo, apoiar-nos-emos no seu pensamento quando ainda era Arcebispo de Buenos Aires, inspirando-nos no seu estilo pedagógico num constante reavivar da memória pessoal e coletiva, sem a qual perdemos a identidade. Algo que os adolescentes têm dificuldade em encontrar, por um lado devido à própria idade e, por outro lado, devido às imensas solicitações e dispersões a que estão sujeitos pela chamada cultura virtual.

---

<sup>133</sup> CONCÍLIO VATICANO II, *Declaração Dignitatis Humanae*, n.º. 2, in *AAS* 58 (1966), pp. 930-931.

#### 4. A MISSÃO DE ENSINAR SEGUNDO O PENSAMENTO DO PAPA FRANCISCO.

Antes de abordarmos a concepção do Papa Francisco sobre o que deve ser a escola e o ensino, propomos uma breve reflexão sobre o mundo atual Ocidental e de matriz cristã com a ajuda de um filósofo contemporâneo, Fabrice Hadjadj, para nos ajudar a refletir sobre a realidade cultural, que estamos a viver, e, assim, podermos desempenharmos melhor a nossa missão de educadores.<sup>134</sup>

##### 4.1. Refletir sobre a realidade.

Antes de iniciarmos esta parte do trabalho que nos propusemos realizar, como transmitir e testemunhar o valor da dignidade da vida humana, queremos tentar perceber que realidade temos pela frente. Trata-se de procurar “refletir sobre a realidade, mas refletir sem medo, a refletir com inteligência”<sup>135</sup>, como o Papa Francisco convidava os economistas no discurso que lhes dirigiu a 12 de Julho de 2014, por ocasião de um seminário internacional sob o título: “Por uma economia cada vez mais inclusiva”.

Foi também a partir deste discurso que Fabrice Hadjadj, filósofo francês, desenvolveu a sua conferência no segundo encontro promovido pela Conferência Nacional de Associações de Apostolado dos Leigos, realizado no Porto, sob o tema: “recolocar o homem no centro”. Esta realidade complexa, que não é aqui o lugar para mais desenvolvimentos, para a qual o Papa aponta no seu discurso, é “uma cultura do desperdício”, porque o crescimento da produção industrial provocou também o aumento do lixo, de tal maneira que quanto mais rico se é mais se deita fora, e quanto mais progresso existe mais coisas se tornam obsoletas, remetidas ao sem valor. O mesmo não se passa com uma sociedade pobre e tradicional, que recupera cuidadosamente não só os objetos, mas também os pensamentos e os saberes práticos

A sociedade rica e progressista, na sua ânsia de novidade, substitui o que é antigo pelo novo, considerando aquele como lixo. E, se inicialmente isto se passa com as coisas, facilmente se transmitirá à relação com as pessoas, que passam a ser descartáveis: descartam-se as crianças ao nascer, as pessoas idosas, os jovens sem emprego e todos aqueles que não servem à realização económica, sendo, por isso, excluídos da sociedade. Esta mentalidade do cálculo puramente utilitário acaba por rejeitar tudo o que lhe pareça inútil. O homem passa a ser para o

---

<sup>134</sup> Não é este o espaço e o momento para abordar a questão da metodologia para olhar a realidade, na perspectiva do Papa Francisco. Para abordar essa questão sugerimos: LEUZZI, Lorenzo, *Amar e servir, o realismo histórico do Papa Francisco*, ed. Paulus, Lisboa, 2015.

<sup>135</sup> Papa Francisco, *Para uma economia cada vez mais inclusiva*, in, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/july/documents/papa-francesco\\_20140712\\_seminario-economia.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/july/documents/papa-francesco_20140712_seminario-economia.html), acessado a 28 de Junho de 2016, p. 1.

mercado, em vez deste ser para o homem.<sup>136</sup> Para esse perigo alerta o Papa ao afirmar: “E quando o homem não está no centro, há outra coisa no centro e o homem está ao serviço dela. Portanto, a ideia é salvar o homem, no sentido que volte para o centro: da sociedade, dos pensamentos, da reflexão. De novo a levar o homem para o centro.”<sup>137</sup>

Recolocar o homem no centro implica um retorno ao seu lugar original e não a um lugar arbitrário que algumas antropologias pretendem fazer. Daí a necessidade de estarmos atentos a um tipo de antropocentrismo que não dignifica a pessoa humana, como se pode verificar com as utopias do século XIX e os desastres do século XX, em que se pode falar de um colapso do humanismo antropocêntrico. Ao pretender colocar o homem no centro, como senhor e soberano da sua vida, acabou por fazer da sua vida um material manipulável ao arbítrio dos seus desejos e caprichos, de tal modo que já não haverá mais nada a repor no seu lugar. Com isso não haverá transcendência para alimentar o homem e o impedir de se devorar a si próprio. O dado da natureza deixou de ser um dom a respeitar e a cultivar, para passar a ser uma base de dados para explorar.

Este humanismo antropocêntrico degenerou num humanismo tecnocêntrico, que rejeita receber-se dos pais temporais e do Pai Eterno, para ser o produto dos seus próprios empreendimentos, ficando escravo das suas máquinas e dos seus mercados.<sup>138</sup>

O que se disse até aqui sobre uma certa antropologia que pretendeu colocar o homem no centro, mas sem referência ao transcendente, ou seja, o antropocentrismo, poder-se-á dizer sobre a dignidade humana que também se presta a ambiguidades, como muito bem exemplifica Fabrice Hadjad:

“A «dignidade» serve, muitas vezes, para legitimar a auto idolatria que acabamos de pôr em evidência: um domínio total do homem sobre a natureza, incluindo sobre a sua própria natureza, que conduz à devastação. Assim, a palavra é emblematicamente utilizada pela «Associação pelo Direito de Morrer com Dignidade», a fim de promover a eutanásia.”<sup>139</sup>

Estas ambiguidades são difíceis de explicar ou mostrar aos adolescentes porque são facilmente influenciáveis e têm pouca capacidade e oportunidade para refletir ou quem os ajude a refletir. Assim, mais uma vez, se vê a pertinência da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. É uma disciplina que pode e deve proporcionar aos adolescentes espaço e tempo para fazer alguma análise crítica da cultura dominante. É importante ajudá-los a perceber que a

---

<sup>136</sup> Cf. HADJADJ, Fabrice, *Recolocar o homem no centro*, in, [http://www.cnal.pt/images/Fotografias\\_SITE/2o\\_Encontro\\_CNAL/Fabrice\\_Hadjadj\\_IENL\\_pt.pdf](http://www.cnal.pt/images/Fotografias_SITE/2o_Encontro_CNAL/Fabrice_Hadjadj_IENL_pt.pdf), acessado a 25 de Junho de 2016, p. 1.

<sup>137</sup> FRANCISCO, Papa, *Para uma economia cada vez mais inclusiva*, p. 1.

<sup>138</sup> Cf. HADJADJ, Fabrice, *Recolocar o homem no centro*, pp. 2-3.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 4.

dignidade humana não pode fechar-se em si mesma, senão corre o risco de ficar atrofiada, tal como acontece com o antropocentrismo como já foi referido acima, porque a dignidade humana é dom e tarefa que exige ser investido, como se pode verificar com os exemplos simples e de fácil perceção que Fabrice Hadjadj sabe usar com mestria:

“Porque a dignidade humana não é uma dignidade de plenitude, mas uma dignidade de recetividade e de responsabilidade.

Tomai uma bilha. Ela é feita para oferecer água. Enquanto está vazia, é menos do que ela própria, e muito menos do que a água do rio. Mas quando está cheia e deita água para refrescar um pouco, ela é então mais que a água, porque se torna água oferecida; torna-se mais que ela própria, porque o que realiza vai mais longe do que o espaço oco da sua terracota. Nós somos assim *vasos de argila*, capazes de todos os tesouros, para retomar uma expressão de S. Paulo (2 Cor 4, 7). Somos menos que nada, mas como um recetáculo que pode acolher tudo, na gratidão e na responsabilidade em relação a tudo.

Explico-me um pouco. Podeis colocar o homem no centro, mas a primeira coisa que ele fará, se for verdadeiramente humano, é descentrar-se. É isso que o caracteriza. Enquanto o animal se põe no centro do seu ambiente, e faz tudo pela sobrevivência da sua espécie, o homem é aberto ao mundo e interessa-se por aquilo que ultrapassa a sobrevivência da sua espécie. E esta abertura faz-se pelo seu corpo e pelo seu espírito, pelo seu espírito graças ao seu corpo. O seu espírito é capaz de conhecer tudo, de *convenire cum omni ente*, diz S. Tomás de Aquino, quer dizer de «encontrar qualquer ser».<sup>140</sup>

No entanto, esta abertura também tem os seus riscos porque nos pode levar à dispersão podendo, até, possibilitar uma dispersão total, como refere o autor:

“Esta abertura aos possíveis não é sem risco. Implica a possibilidade de uma dispersão total. Podemos apaixonar-nos pelas aventuras de uma vedeta ou pela vida sexual das moscas e esquecer a aventura da nossa própria vida sexuada. Podemos mesmo tornar-nos moralmente desumanos, fixando-nos numa possibilidade (que pode aliás ser uma recusa de escolher), fechando-nos à realização dos outros e à nossa.”<sup>141</sup>

A chamada cultura virtual tem esta grande capacidade de levar a este tipo de dispersão, daí a necessidade de estarmos atentos aos comportamentos de risco dos adolescentes, ajudando-os a evitar cair nessa dispersão escravizante.

Segundo Fabrice, o colapso do humanismo antropocêntrico deixou emergir a sua verdade, que ele chama de tecnocentrismo pós - humano, em que:

“O humano não é mais do que um desperdício, ou antes um material para fabricar um alegado super-homem, na realidade uma espécie de super-engrenagem no grande super- dispositivo mundial.

Desde então, podemos passar facilmente do desperdício à *jihad*, ou do desperdício ao terreno baldio, inculto. O pós-humanismo tecnocêntrico produz uma dupla reação contemporânea: a do anti-humanismo teocêntrico e a do ambientalismo infra-humano. Estas três figuras pós-modernas, com os seus três pseudoparaísos, o paraíso do *cyborg*, o paraíso do *bonobo* e o paraíso do *kamikaze* opõem-se entre si, mantendo-se cada um no seu erro e denunciando o do outro; mas também condizem-se mais essencialmente: estão de acordo para desprezar o humano no homem, e é por isso que elas podem acabar por se entender.”<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup> HADJADJ, Fabrice, *Recolocar o homem no centro*, pp. 4-5.

<sup>141</sup> *Ibidem*, p. 5.

<sup>142</sup> *Ibidem*, p. 7.

Este tecnicismo pode tomar proporções alarmantes no campo da informática em que o homem não só transforma os meios com que comunica, como também se transforma a si próprio e a sua cultura a um ritmo nunca antes visto.<sup>143</sup>

Segundo Jorge Bergoglio, a cultura contemporânea caracteriza-se por uma mentalidade tecnicista e por uma procura de uma espécie de messianismo profano, que gera um homem gnóstico possuidor de saberes, mas sem unidade e mesmo com necessidade do esotérico, embora secularizado. Por outro lado, esta mesma cultura é povoada de temores conscientes e inconscientes onde, depois, se erguem deuses fabricados à imagem e semelhança dos seus fabricantes, como espelhos das próprias insatisfações, medos e autossuficiências.<sup>144</sup>

Outra característica desta cultura hodierna, consiste num certo sincretismo conciliador que evita o conflito por um equilíbrio de forças, numa espécie de totalitarismo moderno, prescindindo dos valores que o transcendem. Próximo deste sincretismo, encontra-se o relativismo que é fruto da incerteza, contagiada de mediocridade, em que os valores são desconetados das suas raízes cristãs, convertendo-se em mónadas, lugares comuns ou simplesmente em nomes. Além disto, surgiu, também, um novo niilismo que universaliza tudo, anulando e desmerecendo particularidades em que a pessoa é reduzida a um número nas estatísticas e nas sondagens.<sup>145</sup>

Todas estas características da sociedade levam a um tipo de homem que Jorge Mario Bergoglio descreve do seguinte modo:

“O homem de hoje vive o desenraizamento e o desamparo. O desejo desmedido de autonomia herdado da modernidade trouxe-o até aqui. Perdeu o apoio de algo que o transcenda. Aqui, dá-se uma tensão entre os opostos regra – originalidade, na qual é preciso evitar cair tanto na coerção – que é exagero da regra – como a impulsividade – que é exagero da originalidade. Desse afastamento das raízes constitutivas advém a tentação dos retornos e dos refúgios culturais. Ao encontrar-se dividido, divorciado de si mesmo, confunde a nostalgia própria do chamamento da transcendência com a saudade de mediações imanentes também desenraizadas.”<sup>146</sup>

Contudo nem tudo é negativo, como em todas as épocas. Podemos dizer que a realidade atual apresenta-se ambígua. O mundo global se por um lado possibilita a construção de uma comunidade mundial plurifacetada e solidária, por outro lado impõem-se, de forma unilateral, costumes culturais sobre outras culturas, não referindo as questões ecológicas, por não ser este o espaço para isso.<sup>147</sup>

---

<sup>143</sup> Cf. SPADARO, Antonio, *Ciberteologia*, ed. Paulinas, Lisboa, 2013, pp. 21-32.

<sup>144</sup> Cf. BERGOGLIO, Jorge Mario, *Formar*, ed. Paulinas, Lisboa, 2015, p. 9.

<sup>145</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 10-11.

<sup>146</sup> *Ibidem*, pp. 11-12.

<sup>147</sup> Cf. *Ibidem*, p. 110.

## 4.2. Os desafios que a realidade levanta

Para o filósofo Fabrice Hadjadj o grande desafio antropológico que se coloca aos nossos dias é um desafio teologal, um apelo à evangelização porque só ela é portadora de libertação. Fala de evangelização e não de um discurso sobre Deus porque este também traz os seus perigos como se poderá ver no seguinte trecho:

“Contudo, trata-se de facto do anúncio do Evangelho, e não do anúncio de Deus. Já não basta dizer: «Sem Deus, o homem não sabe onde ir e não consegue mesmo compreender quem ele é». A situação que descrevemos anteriormente marca a insuficiência radical do deísmo assim como do espiritualismo para defender o humano. Em nome de Deus, podemos desprezar o homem e cair num anti-humanismo teocêntrico e, portanto, no atentado suicida para estender o império de Alá. Em nome do espírito, podemos desprezar a carne, cair no pós-humanismo tecnocrático e, portanto, na venda do homem aos bocados para construir um andróide perfeitamente integrado no desespero circundante.

O único Deus que pode defender o humano contra os empreendimentos do homem «aumentado» ou do homem «submisso» é o Deus feito homem. Não super-homem, mas simplesmente homem. Não chefe religioso organizando razias, mas pobre, trabalhando com as suas mãos, pedindo de beber a uma Samaritana...

É preciso compreender bem isto: se o Verbo se fez carne numa família judia, se ele mesmo se tornou carpinteiro numa época em que não havia *internet* nem mesmo eletricidade, significa que, para levar uma existência divina, não temos necessidade de todas as inovações fantasiadas pela tecnologia; a imortalidade, aqui em baixo, seria um impedimento para a vida eterna, o domínio total seria um entrave à entrega filial... E, se o Verbo morreu na cruz, depois de ter pedido ao primeiro Papa para meter a espada na bainha, é que para estender o reino de Deus não temos necessidade de pegar em outras armas senão na do simples testemunho (com um pequeno chicote, apesar de tudo, para expulsar os vendilhões do Templo). Basta pouca coisa para sermos verdadeiros homens novos, quer dizer, santos. É raro, por isso, que tenhamos falta de meios. Pelo contrário, temo-los em demasia, a maior parte das vezes: é a acumulação frenética dos meios que nos leva a adiar sem cessar a hora da caridade, quando bastaria um pouco de pão e de vinho do Porto a partilhar, cantando com os pobres, para reinaugurar o Reino.”<sup>148</sup>

Em carta dirigida aos educadores da sua Diocese, na Páscoa de 2007, Jorge Mario Bergoglio exortava-os a estarem numa atitude de serviço ao homem, numa atitude evangélica, promovendo a sua autêntica dignidade porque essa é uma atitude evangélica a que a Igreja não se pode eximir, ao afirmar:

“Vós sois educadores. Ser educador é comprometer-se a trabalhar numa das formas mais importantes de promoção da pessoa humana e da sua dignidade. E ser educador cristão é fazê-lo a partir de uma conceção do ser humano que tem algumas características que a distinguem de outras perspectivas.”<sup>149</sup>

Depois de referir que a Igreja não pretende competir com ninguém nem com nenhuma estrutura, mesmo que seja do Estado, embora seja tarefa de toda a sociedade e que deve ser garantida pelo Estado, explica qual o motivo por que a Igreja deve estar presente na missão de educar, do seguinte modo:

---

<sup>148</sup> HADJADJ, Fabrice, *Recolocar o homem no centro*, p. 8.

<sup>149</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar*, ed. Paulinas, Lisboa, 2015, p. 154.

“O único motivo pelo qual temos de fazer algo no campo da educação é a esperança numa humanidade nova, segundo o desígnio divino; é a esperança que brota da sabedoria cristã, que em Jesus Ressuscitado nos revela a estatura divina à qual somos chamados. Para que não esqueçamos que o Mistério de Cristo, ‘revela’ plenamente o homem ao próprio homem, como dizia João Paulo II, na sua primeira encíclica.”<sup>150</sup>

Partindo da expressão dignidade transcendente, retirada da mensagem do Papa Bento XVI para a Jornada Mundial da Paz desse ano de 2008, Bergoglio explica, de forma simples e acessível, como lhe é próprio, em que consiste essa dignidade transcendente:

“A verdadeira medida do que somos não se calcula apenas em relação a uma ordem dada por fatores naturais, biológicos, ecológicos, até sociais; mas sim no laço misterioso que, sem nos libertar da nossa solidariedade para com a criação da qual fazemos parte, nos aparenta com o Criador, para não ser simplesmente ‘parte’ do mundo, mas antes ‘culminação’ do mesmo. *A criação ‘transcende-se’ no homem, imagem e semelhança de Deus.* Porque o homem não é só Adão; é também, e sobretudo, Cristo, em quem foram criadas todas as coisas, primeiro desígnio divino.

E reparem que isto dá lugar, no Cristianismo, *a uma concepção bastante peculiar do que é ‘transcendência’.* Uma transcendência que não está ‘fora’ do mundo! Situarmo-nos plenamente na nossa dimensão transcendente não tem nada a ver com separarmo-nos deste mundo. Consiste em reconhecer e viver a verdadeira ‘profundidade’ do criado. *O mistério da Encarnação* é o que marca a linha divisória entre a transcendência cristã e qualquer forma de espiritualismo ou transcendentalismo gnóstico.

Neste sentido, o contrário de uma concepção transcendente do homem não seria só uma visão ‘imanente’ do mesmo, como uma visão ‘intranscendente’. Isto pode parecer um jogo de palavras. Porque ‘intranscendente’ significa, na linguagem comum, algo sem importância, fugaz, que ‘não nos deixa nada’, algo de que poderíamos prescindir sem perdermos nada. Mas não nos confundamos: esse ‘jogo de palavras’ não é ele mesmo intranscendente. Revela uma verdade essencial. *Quando o homem perde o seu fundamento divino, a sua vida e toda a sua existência começam a perder contornos, a diluir-se, a tornar-se ‘intranscendente’.* Cai por terra aquilo que o torna único, imprescindível. Tudo o que faz com que a sua dignidade seja algo inviolável perde o seu fundamento. E a partir daí, um homem que se tornou ‘intranscendente’ passa a ser uma peça mais em qualquer quebra-cabeças, mais um peão no xadrez, mais uma entrada em todo o tipo de cadeia de produção, mais um número.”<sup>151</sup>

As consequências dessa antropologia da intranscendência ou do antropocentrismo, como já se fez referência acima, leva a uma cultura do descartável em que tudo é medido pelo dinheiro e não se respeita até a própria natureza, entrando em rutura com ela, provocando problemas ecológicos.<sup>152</sup> Perante esta realidade D. Jorge Bergoglio convida os educadores a contribuírem para uma nova atitude face à natureza:

“Como educadores, tereis de assumir o desafio de *contribuir para uma nova sabedoria ecológica que entenda o lugar do homem no mundo e que respeite o próprio homem, que é parte do mundo.* O sentido da ciência e da técnica, da produção e do consumo, do corpo e da sexualidade, dos meios pelos quais somos participantes da criação e transformação do mundo dado por Deus, merece uma rigorosa meditação nas nossas comunidades e nas nossas aulas;

---

<sup>150</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar*, p. 155.

<sup>151</sup> *Ibidem*, pp. 156-157.

<sup>152</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 158-161.

meditação que não exclui uma conversão da mente e do coração para *ir mais além da ditadura do consumismo, da imagem e da irresponsabilidade.*<sup>153</sup>

Daí a necessidade de saber revalorizar outros aspetos da vida e da forma como nos relacionamos uns com outros e com as coisas:

“Revalorizar o gratuito, em vez do ‘só vale o que custa’; revalorizar o que implica tempo e trabalho partilhado, em vez do ‘já feito’ para um consumo rápido e descartável. Revalorizar igualmente a beleza plural e diversa das pessoas, em vez de nos submetemos à ditadura dos corpos estandardizados ou das diferenças entendidas como motivos de discriminação. Um humanismo transcendente convida-nos, então, a reformular o modo como somos parte da ‘natureza’ sem nos reduzirmos a ela. Mas há mais.”<sup>154</sup>

A dignidade transcendente implica, também, a transcendência do amor, uma transcendência ao egoísmo próprio numa abertura constitutiva ao outro, contrariando uma conceção pós-moderna em que há uma entronização do indivíduo como único sujeito da vida social, numa espécie de individualismo competitivo. Por conseguinte, na vivência de um verdadeiro humanismo tem de estar presente o amor como vínculo entre os homens, uma vez que o ser humano só existe em referência ao seu semelhante e à comunidade, porque ninguém veio de si mesmo nem pode viver para si mesmo, como nem tudo se compra e se vende, numa conceção idolátrica do mercado, sem haver lugar para o gratuito. Além disso, a dignidade humana só se vai entendendo na relação com Deus, numa relação filial que nos abre à esperança num mundo em devir, e à ação de Deus que dá sentido e mostra o fim da história.<sup>155</sup> Neste sentido o homem compreende-se como “Homo Viator”, como ser em caminho, vivendo com a inquietação do coração sem se deixar anestésiar por falsas seguranças ou qualquer tipo de manipulação. Aqui D. Bergoglio questiona os educadores sobre a maneira como se poderia conseguir que as crianças passassem de inquietas na disciplina a inquietas na procura.<sup>156</sup>

#### **4.3. Conceção de escola do Papa**

A escola deve ensinar a compreender a realidade e por isso ela é também sinónimo de abertura à realidade. Assim, ir à escola é abrir a mente e o coração à realidade, nas suas diversas dimensões. Aí se aprende a aprender, num processo contínuo de abertura à realidade e os professores são ou deverão ser os primeiros que permanecem abertos à realidade com uma mente aberta para aprender, sendo estímulo para os alunos nessa abertura a algo sempre mais.

---

<sup>153</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar*, pp 161-162.

<sup>154</sup> *Ibidem*, p. 162.

<sup>155</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 162-170.

<sup>156</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 178-185.

Além de ser abertura à realidade a escola é também um lugar de encontro. Nela se encontram companheiros, professores, pais e muitas outras pessoas num processo contínuo de aprendizagem que exige o contributo de todos. Para ilustrar esta necessidade, o Papa cita um ditado africano: “Para educar um filho é necessário uma aldeia.”<sup>157</sup>

Num mundo em desacordo é necessário uma cultura do encontro. Numa cultura do descartável é urgente uma cultura da integração. As crianças não podem ficar entregues a elas próprias, não podem ficar na rua, e a escola tem um papel fundamental nesse processo de integração.<sup>158</sup>

O Papa considera que foi quebrado o pacto educacional em que se quebraram os laços familiares com as escolas e, para fazer face a isso, diz ele:

“é muito importante fortalecer os laços: vínculos sociais, familiares e pessoais. Todos, mas sobretudo as crianças e os jovens, precisam de um contexto adequado, de um *habitat* realmente humano, onde se verifiquem as condições para o seu desenvolvimento pessoal harmonioso e para a sua inserção no *habitat* maior da sociedade. Portanto, é muito importante o compromisso para criar uma «rede» ampla e laços fortes realmente humanos, que apoie as crianças, que as abra de forma serena e confiante à realidade, que seja um autêntico lugar de encontro, em que o verdadeiro, o bom e o belo possam encontrar uma justa harmonia. Se a criança não possuir tudo isso, fica-lhe só o caminho da delinquência e das dependências.”<sup>159</sup>

Assim, para além da abertura à realidade e de espaço de encontro, a escola tem por missão educar para o sentido do verdadeiro, do bem e do belo, porque a educação não pode ser neutra: “ou é positiva ou é negativa; ou enriquece ou empobrece; ou faz crescer a pessoa ou a deprime, pode até corrompê-la.”<sup>160</sup> Estes elementos, o verdadeiro, o bem e o belo, aparecem inseparáveis:

“Se uma coisa é verdadeira, é boa e bela; se é bela, é boa e é verdadeira; e se é boa, é verdadeira e bela. E juntos, estes elementos, fazem-nos crescer e ajudam-nos a amar a vida, até quando estamos mal, até no meio de problemas. A verdadeira educação faz-nos amar a vida, e abre-nos para a plenitude da vida!”<sup>161</sup>

Esta abertura para a vida em plenitude, exige que a escola eduque para a maturidade em que a pessoa deverá falar as três línguas: “a língua da mente, a língua do coração e a língua das mãos. Mas harmoniosamente, isto é, pensar o que se sente e o que se faz; sentir bem o que se

---

<sup>157</sup> FRANCISCO, Papa, *Discurso aos estudantes e professores de escolas italianas*, in [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140510\\_mondo-della-scuola.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140510_mondo-della-scuola.html), acessado a 5-7-2016, p.1.

<sup>158</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>159</sup> Papa Francisco, *Discurso aos participantes do encontro mundial dos diretores de “Scholas occurrentes”*, in, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/september/documents/papa-francesco\\_20140904\\_direttori-scholas-occurrentes.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/september/documents/papa-francesco_20140904_direttori-scholas-occurrentes.html), acessado a 5-7-2016, p.1.

<sup>160</sup> FRANCISCO, Papa, *Discurso aos estudantes e professores de escolas italianas*, p.1.

<sup>161</sup> *Ibidem*.

pensa e o que se faz; e fazer bem o que se pensa e o que se sente. As três línguas, harmoniosas e juntas!”<sup>162</sup>

Trata-se, portanto, de uma formação integral que deverá oferecer “a todos (...) a proposta cristã, ou seja, Jesus Cristo como sentido da vida, do cosmos e da história.”<sup>163</sup> Sem triunfalismo de qualquer espécie, mas sem receios de fazer da escola um lugar onde todas as questões e perguntas possam ser acolhidas, e, onde à luz do Evangelho, se estimula a procura pessoal.<sup>164</sup>

Consciente dos desafios que se colocam à escola, em sociedades cada vez mais multiculturais e pluralistas, o Papa refere a necessidade de uma boa preparação e qualificação dos formadores, porque a missão de educar é muito exigente e reveste-se de um caráter muito especial como se pode verificar na citação que se segue:

“Educar é um gesto de amor, é dar vida. E o amor é exigente, requer que utilizemos os melhores recursos, que despertemos a paixão e que nos coloquemos a caminho com paciência, juntamente com os jovens. Nas escolas católicas, o educador deve ser antes de tudo muito competente, qualificado e, ao mesmo tempo, rico de humanidade, capaz de permanecer no meio dos jovens com um estilo pedagógico, para promover o seu crescimento humano e espiritual. Os jovens têm necessidade de qualidade do ensino e igualmente de valores, não apenas enunciados, mas testemunhados. A coerência é um fator indispensável na educação dos jovens. Coerência! Não se consegue fazer crescer, não se pode educar, sem coerência: coerência e testemunho.”<sup>165</sup>

Além disso, os formadores deverão estar dispostos a procurar novas formas de educação, por vezes não convencionais, a fim de responder às necessidades dos lugares, dos tempos e das pessoas, sabendo correr riscos para não ficar só na área de segurança,<sup>166</sup> tendo, também, sempre presente que a educação cristã, que tem como horizonte a paciência de Deus para conosco, exige um acompanhamento paciente pelos tempos de cada pessoa.<sup>167</sup>

A tarefa de educar nunca está terminada, exige uma criatividade que não é um criar do nada nem repetir o mesmo, antes implica um responsabilizar-se pelo que já existe, com toda a sua densidade, e encontrar um caminho pelo qual, e a partir do qual, se vai manifestar algo de

---

<sup>162</sup> FRANCISCO, Papa, *Discurso aos estudantes e professores de escolas italianas*, p.1.

<sup>163</sup> Papa Francisco, *Discurso aos participantes na plenária da Congregação para a Educação Católica*, in, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco\\_20140213\\_congregazione-educazione-cattolica.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140213_congregazione-educazione-cattolica.html), acedido a 5-7-2016, p. 1.

<sup>164</sup> Cf. BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar*, ed. Paulinas, Lisboa, 2015, pp. 52-56.

<sup>165</sup> FRANCISCO, Papa, *Discurso aos estudantes e professores de escolas italianas*, p.1.

<sup>166</sup> Cf. FRANCISCO, Papa, *Respostas às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia*, in, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco\\_20130607\\_scuole-gesuiti.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130607_scuole-gesuiti.html), 7-7-2016, p. 4.

<sup>167</sup> Cf. FRANCISCO, Papa, *Discurso aos participantes no III Congresso dos movimentos eclesiais e das novas comunidades*, in, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141122\\_convegno-movimenti-ecclesiali.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141122_convegno-movimenti-ecclesiali.html), acedido a 7-7-2016, p. 1.

novo.<sup>168</sup> Isto supõe que não se pode construir sobre a destruição indiscriminada do anterior, antes exige que se parta do reconhecimento e valor do outro. Exige o reconhecimento das diferenças, dos saberes prévios, das expectativas e até dos limites dos alunos e das suas famílias.<sup>169</sup> Assim, mais do que construir, devemos falar em reconstruir, procurando colocar em primeiro plano os fins, os desejos e ideais, de modo a encontrar formas mais eficazes e reorientar as ações para esses mesmos fins, desejos e ideais, de maneira a articular os esforços, gerando novas realidades que permitam manter o ritmo coerente e a partilha.<sup>170</sup>

Nesse sentido, Jorge Mario Bergoglio sempre fez questão de referir que é missão da Igreja testemunhar e anunciar o amor de Deus pela criação e de modo especial pelo ser humano como se pode verificar:

“Fundados no mistério de Deus, manifestado na Carne de Cristo, podemos delinear a tarefa formativa dos nossos colégios: ser reflexo da esperança cristã de enfrentar a realidade com verdadeiro espírito pascal. A humanidade crucificada não dá lugar a inventarmos deuses nem a julgarmo-nos onipotentes; é um convite – através do trabalho criador e do próprio crescimento – para acreditar e manifestar a nossa vivência da Ressurreição, da Vida nova.”<sup>171</sup>

Assim, a escola surge como espaço privilegiado para testemunhar, anunciar e formar a vida das pessoas nessa vida fundada numa relação filial com Deus, por meio de Jesus Cristo: “É missão da escola formar-se e formar nesta consciência: o homem é filho, filiação no Unigénito do Pai, e, portanto, feito para aspirar ao seu Desejo, à sua Vontade, que reorienta sempre a própria.”<sup>172</sup> Relação esta que nos proteja de todo o tipo de ilusão que nos impede de ir mais além de nós mesmos e, desse modo, negarmo-nos a viver segundo a dignidade a que somos chamados, como por exemplo:

“A ilusão relativista de que a orientação própria está em si mesmo não é senão mais uma viagem náufraga, que marca uma nova frustração. Nós, os seres humanos, não podemos viver sem Lei que nos estructure, sem Chamamento que nos oriente, sem Calor de Pai que nos convoque.”<sup>173</sup>

Sendo chamados a viver a aventura da vida numa atitude de confiança e de esperança cristã, que nos ajuda a enfrentar os desafios, ultrapassando receios e obstáculos, sabemos que não estamos entregues, a nós mesmos e abandonados ou entregues a forças estranhas, como acontece quando nos deixamos levar pelo espírito do relativismo.

“O espírito relativista procura evitar as tensões, os conflitos; teme a verdade. Dá-nos medo, nestes tempos onde tudo parece mover-se por mero interesse, pensar que algo possa ser Dom,

---

<sup>168</sup> Cf. BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar*, pp. 18-19.

<sup>169</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 32-34.

<sup>170</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 44-45.

<sup>171</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Formar*, p. 14.

<sup>172</sup> *Ibidem*, p. 14.

<sup>173</sup> *Ibidem*, p. 14.

que há um Amor que nos ampara e que a única garantia de sermos livres em plenitude está em abraçar-se a essa Verdade.”<sup>174</sup>

A escola poderá e deverá ser uma comunidade onde se aprende a procurar e a viver na Verdade, a abraçar a dita Verdade, porque esta tarefa só se consegue concretizar em pequenas comunidades como refere Bergoglio:

“A realização concreta da Verdade em que acreditamos é possível, nas particularidades diferenciadas. A partir de comunidades pequenas, mas conscientes da sua identidade, afirmadas sem soberbas nem estereótipos, mas com a serenidade de quem acredita e convoca apenas com o seu exemplo, é possível gerar aqueles que sejam capazes de grandes desejos e grandes renúncias. A nossa paixão é gerar verdadeiros filhos dessa Verdade, ainda que estejamos ausentes de projetos mundanamente ambiciosos.”<sup>175</sup>

Mas a Verdade que vimos a falar é algo que nos transcende e sempre nos transcenderá como lembra Bergoglio: “A Verdade é um dom grande de mais para nós, e precisamente por isso, aumenta-nos, amplia-nos, eleva-nos. E torna-nos servidores de tal dom.”<sup>176</sup> Por conseguinte, a escola para ser esse espaço de acolhimento e abertura à Verdade deverá desenvolver a prática do diálogo e do amor que pressupõe o reconhecimento do outro como outro, numa aceitação do valor da diversidade, como também ajudar a não deixar diluir, perder ou desaparecer o que seria o contributo de cada um na construção do que é comum.<sup>177</sup>

Assim, a escola deverá ser um espaço privilegiado de intercâmbio e de encontro, mas de um encontro educativo que leve ao crescimento interior do educando que forma, ou seja, que ajuda à conformação da vida e a educação favoreça o tecido da sociedade civil, em que a educação como encontro se aprenda a ser sociedade e a sociedade aprenda a ser sociedade solidária.<sup>178</sup>

Na Prática de Ensino Supervisionada procuramos ter essa atitude de respeito para com os alunos, embora de forma um pouco tímida, por não querermos impor o que quer que fosse, atitude essa de respeito que também se fez sentir por parte dos alunos, proporcionando momentos de verdadeiro encontro educativo em que houve crescimento interior mútuo: nos alunos e em nós.

---

<sup>174</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Formar*, p. 15.

<sup>175</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>176</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar*, p. 57.

<sup>177</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Formar*, p. 111.

<sup>178</sup> Cf. BERGOGLIO, Jorge Mario, *O verdadeiro poder é servir*, ed. Nascente, Braga, 2013, pp. 83-86.

#### 4.4. A importância da memória.

Outra tarefa da escola é educar e cultivar a memória porque não é possível avançar, seja em que aspecto for, sem memória como Bergoglio no-lo diz taxativamente: “Afirmamos que todo o avanço não enraizado na memória das nossas origens que nos dão o existir, mesmo o cultural e o histórico, é ficção e suicídio. Uma cultura sem raízes e sem unidade não se mantém.”<sup>179</sup> Assim, toda a educação deverá fazer apelo à memória: memória do próprio caminho pessoal, memória de como o Senhor nos procurou, memória da família, memória da comunidade educativa, memória de um povo. Memória essa que não é como a de um computador sem coração, mas como Maria que guardava as coisas no seu coração.<sup>180</sup>

Sem memória, como refere Jorge Mario Bergoglio, não há futuro:

“Porque a memória é uma potência unificadora e integradora. Tal como o entendimento entregue às suas próprias forças se desmorona, a memória vem a ser o núcleo vital de uma família ou de um povo. Uma família sem memória não merece tal nome. Uma família que não respeita e não cuida dos seus avós, que são a sua memória viva, é uma família desintegrada; mas uma família e um povo que se recordam são uma família e um povo de futuro.

A humanidade inteira tem a sua memória comum. A recordação da luta ancestral entre o bem e o mal. A eterna luta entre Miguel e a Serpente, ‘a serpente antiga’ (cf. Ap 12, 7-9) que foi vencida para sempre, mas que ressurge como ‘*inimigo da natureza humana*’.<sup>181</sup>

Seguindo a história da salvação, Bergoglio mostra que sempre que falhou a memória do povo de Israel, das intervenções de Deus para salvar o seu povo, este acabou por sofrer as consequências desse esquecimento e daí conclui que todo aquele que não tem memória agarra-se aos ídolos, à novidade do que é efêmero, e deixa-se arrastar para a escravidão.

A Igreja faz memória da Paixão do Senhor e a Eucaristia é a recordação dessa Paixão, recorda a graça e o pecado, a misericórdia e o arrependimento, o bem e o mal, o tempo e a eternidade. Aqui entra a fé dos nossos pais, a fé de um povo que em si é libertadora e núcleo da nossa identidade pessoal e comunitária. Essa fé que nos abre à ação do Espírito Santo que, por sua vez, nos ilumina e fortalece. E porque nos fortalece e torna inteligentes e sagazes, a fé é revolucionária e combativa, não no sentido de uma combatividade de escaramuças, mas num serviço à Igreja e ao mundo sem estar ao serviço de qualquer ideologia.<sup>182</sup>

Contudo, esta fé está sujeita a tentações de vária ordem pelo que é necessário pedir a fé e estar vigilantes às tentações, muito subtis, que nos levam a afastar-nos dela, sendo uma delas a tentação de:

---

<sup>179</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Formar*, p. 8.

<sup>180</sup> *Ibidem*, p. 25.

<sup>181</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>182</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 27-29.

“privilegiar os valores do cérebro em detrimento dos valores do coração. Não é assim. Apenas o coração une e integra. O entendimento sem o sentir piedoso tende a dividir. O coração une a ideia com a realidade, o tempo com o espaço, a vida com a morte e com a eternidade. (...) O pior que pode acontecer a um ser humano é deixar-se arrastar inadequadamente pelas ‘luzes’ da razão. Converter-se-á num intelectual ignorante.”<sup>183</sup>

Contudo, temos consciência que não há uma fé pura, ela é sempre uma fé mediada por expressões religiosas que exigem, por sua vez, também uma interpretação do fenómeno religioso. Ela vai para além do fenómeno religioso e de toda a interpretação do mesmo. Exige uma vigilância constante para não se reduzir ao ritualismo nem a qualquer tipo de ideologia que possa surgir da interpretação do fenómeno religioso. O Deus em que acreditamos não é um Ser estático e distante, mas um Ser Pessoal que nos acompanha na nossa caminhada existencial e, é aí, que deve ser perscrutado e percebido. E como ninguém vive isolado, mas em comunidade, a fé tem de ser vivida e alimentada a partir de um corpo eclesial com as tensões que lhe são inerentes, entre o individual e o comunitário, entre o carismático e o institucional, numa luta por um mundo mais justo e mais humano. Por conseguinte, a memória liga-nos a uma tradição, a uma norma e a uma lei viva inscrita no coração para que permaneçamos na vida.<sup>184</sup>

#### **4.5. A escola como espaço para cultivar a esperança**

A realidade que vivemos é considerada por muitos pensadores como uma mudança de época, mas Bergoglio interroga-se sobre a consistência dessa afirmação ao levantar a seguinte questão: “Não será, neste momento – essa procura -, uma fuga espiritualista, um discurso vazio, uma versão religiosa da dinâmica da avestruz?”<sup>185</sup> para depois se questionar sobre a atitude dos cristãos face a esta realidade e ao modo como vivem as virtudes teologais. Questiona se a vivência do cristianismo não estará de tal modo acomodada e adormecida numa pobre caricatura da transcendência porque: “a fé, a esperança e a caridade constituem, por definição, atitudes fundamentais que operam um salto, um êxtase do homem para Deus. Em verdade, transcendem-nos. Fazem-nos transcender e transcendermo-nos.”<sup>186</sup>

Focando-se na esperança, Jorge Mario Bergoglio desenvolve esta virtude teologal que dá o verdadeiro sentido à vida humana:

“Porque embora o seu objeto seja Deus, é-o em relação com o itinerário do homem, em direção a Ele. E, portanto, esta virtude percorre connosco todo o caminho, desde o berço até à cova e à glória, desde o poço do sem-sentido e do pecado, passando pelo encontro prazeroso

---

<sup>183</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Formar*, p. 31.

<sup>184</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 32-36.

<sup>185</sup> *Ibidem*, p. 43.

<sup>186</sup> *Ibidem*, p. 44.

na oração que tudo faz brilhar, até ao abraço definitivo na ternura daquele que nos fundamenta.”<sup>187</sup>

Esta virtude da esperança, percorrendo connosco o caminho, legitima-se através de mediações eficazes que a acreditam, ou seja, são essas mediações que possibilitam que ela se encarne e concretize, sem contudo a esgotar nem a deixar cair em esperanças vãs que desconhecem ou atrofiam a condição do ser pensante ao reduzi-lo à ordem da sensação ou da matéria, negando a sua condição de ser pessoa que só se realiza no amar e ser amado, numa abertura ao absoluto.<sup>188</sup>

Esta esperança cristã, que não é uma esperança *light*, desvitalizada, desligada do drama da existência humana, deverá orientar para a realidade da tarefa educativa, uma vez que educar tem por missão apostar e contribuir para a transformação do presente e abrir ao futuro orientado pela esperança. A fundamentação desta esperança está assente na presença do Reino de Deus no meio de nós, mas não totalmente.<sup>189</sup>

Por conseguinte, a esperança cristã não é uma evasão da realidade nem é um deixar-se esmagar pela mesma, antes é uma força que impulsiona a transformar a realidade, como se pode depreender do seguinte trecho:

“A esperança cristã não é, então, um ‘consolo espiritual’, uma distração das tarefas sérias que requerem a nossa atenção. É uma dinâmica que nos torna livres de todo o determinismo e de todo o obstáculo para construir um mundo de liberdade, para libertar esta história das correntes de egoísmo, inércia e injustiça nas quais tende a cair com tanta facilidade.”<sup>190</sup>

Aquilo que alguns pensadores consideram uma mudança de época, deve ser visto como um desafio à esperança, à esperança dos agentes de formação, de modo a saberem adequar o ensino para que este se articule com a realidade social e económica dos países, tendo em conta, também, os desafios e os problemas que os meios de comunicação levantam, devido ao vertiginoso avanço tecnológico dos mesmos, que vão colocando em questão as formas tradicionais de ensino, abrindo novas portas à criatividade na educação e até à forma da vivência do religioso.<sup>191</sup>

O processo educativo animado da esperança cristã faz com que a escola seja um espaço onde se reflete e se preparam os jovens para enfrentar os desafios das mudanças e transformações por que passam as sociedades e as culturas. A esperança cristã gera dinamismos que ajudam a vencer fobias à mudança e impede que a escola se feche sobre si numa espécie de

---

<sup>187</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Formar*, p. 44.

<sup>188</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 56-61.

<sup>189</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 44-45.

<sup>190</sup> *Ibidem*, p. 64.

<sup>191</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 46-51.

*bunker* que protege dos erros, mas pelo contrário deverá saber preparar os jovens para que consigam adequar o que lhes ensinaram com o mundo que lhes cabe viver; a saber correr riscos e a saber lidar com os fracassos sem se deixarem levar pelo desânimo perante as injustiças e saberem lidar com pressões de vária ordem.<sup>192</sup>

Face à realidade que nos cabe viver os formadores são chamados a cultivar laços pessoais e sociais, onde a amizade e a solidariedade sejam valorizadas, sem descuidar a dimensão válida da eficiência e da eficácia na transmissão de conhecimentos que permitirá aos jovens terem um lugar na sociedade. É, ainda, fundamental que os professores sejam mestres em humanidade, para que numa sociedade de competição e desapiadada, se cultive uma cultura da solidariedade com o sentido de justiça e de misericórdia. Os professores deverão ser audazes e criativos porque as novas realidades exigem novas respostas num espírito aberto e num discernimento construtivo. A alegria, a gratuidade e a festa deverão contrariar a “tirania do utilitarismo, a ditadura da austeridade, o triunfo da amargura,”<sup>193</sup> onde a escola deverá ser, também, um lugar para a celebração, o encontro e a gratuidade. A adoração e a gratidão, também deverão fazer parte do ambiente escolar para que no vertiginoso existir quotidiano, não nos esqueçamos de atender à necessidade de comunicação e a escola possa ajudar os jovens a ter um encontro com o Jesus vivo e a saber desfrutar da sua presença.<sup>194</sup>

Assim a escola deve ser um espaço de acolhimento cordial, uma casa aberta ao cultivo de humanidade e afeto para todos os que nela se encontram, sendo os educadores especialistas em humanidade, como nos sugere Bergoglio:

“Porque este ministério do acolhimento cordial, da cura da pessoa humana pelo amor hospitaleiro é acima de tudo resposta a uma experiência, não a uma ideia. A experiência humana, ética, de se aperceber da dor e da necessidade do irmão. E nela, a experiência teológica de reconhecer o Senhor que está de passagem (cf. Mt 25, 35c), o peregrino que está a céu aberto quando cai a tarde e o dia acaba (cf. Lc 24, 29). E de saber que, ao abrir-lhe o coração, estaremos a permitir que ponha a sua ‘morada’ entre nós (cf. Jo 1,14). Para descobriremos, cheios de alegria, que nesse momento os papéis se invertem e essa ‘morada’, o seu Coração de irmão, pai e mãe, se abre e nos recebe a nós, que finalmente chegamos assim ao lar.”<sup>195</sup>

Esta dimensão de hospitalidade, de ternura e de afeto da escola, não deve fazer esquecer a outra dimensão específica da escola com os seus objetivos mais racionais, sem que haja uma oposição entre a gratuidade e a eficiência, o coração e a razão, entre a liberdade e o dever, mas acima de tudo, ela deve tornar-se uma família, um espaço de amor gratuito e promoção, de

---

<sup>192</sup> Cf. BERGOGLIO, Jorge Mario, *Formar*, pp. 51-56.

<sup>193</sup> *Ibidem*, p. 65.

<sup>194</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 64-66.

<sup>195</sup> *Ibidem*, p. 73.

afirmação e crescimento dos jovens, numa sociedade em que muitos deles se sentem órfãos, porque filhos do fracasso que habitam o deserto entre cinzas, de uma geração que viu as suas esperanças arderem na fogueira da violência e as brasas do que restava a desfazer-se na cultura dos negócios. Esta orfandade deve-se à experiência de descontinuidade, do desenraizamento e da queda das certezas basilares.<sup>196</sup>

A experiência de descontinuidade caracteriza-se pela rutura, por algo que está quebrado ou fragmentado, em que aquilo que une, a ponte, está partido ou não existe. Segundo Jorge Bergoglio:

“trata-se de um déficit de memória e tradição. A memória como potência integradora da história; a tradição concebida como riqueza do caminho percorrido pelos nossos antepassados: as duas não se encerram em si mesmas (neste caso não teriam qualquer sentido), mas abrem novos espaços de esperança para continuar a caminhar.”<sup>197</sup>

Esta descontinuidade ou rutura não permitiu a transmissão de princípios e ideais entre gerações e levou, também, à morte do amor em inúmeros casais, caíndo por terra projetos de família.<sup>198</sup>

Esta descontinuidade pode ser alimentada pela tentação de ver os valores e as tradições como joias antigas e inalteráveis, como algo que permanece num tempo e num espaço à parte, que não se contaminam com as idas e vindas da história concreta,<sup>199</sup> o que é um grande erro porque:

“se não aprendermos a reconhecer e a assumir os erros e os acertos do passado, que deram origem aos bens e males do presente, estaremos condenados à eterna repetição do mesmo. (...) Mas há mais: se cortarmos a relação com o passado, faremos o mesmo com o futuro.”<sup>200</sup>

Sendo pessoas históricas, vivendo no espaço e no tempo, cada geração precisa das gerações anteriores e tem responsabilidades e obrigações para com as gerações futuras.<sup>201</sup>

Por outras palavras e com outra abordagem, o filósofo Fabrice Hadjadj refere o mesmo ao dizer que a saída para a crise económica e antropológica atual passa por reencontrar não só o sentido de Deus e do espírito, mas também do sentido da família e da filiação, de modo a encontrar um equilíbrio entre a razão e a filiação, entre o pensamento crítico e a herança a assumir, em suma: entre a lógica e o genológico.<sup>202</sup>

---

<sup>196</sup> Cf. BERGOGLIO, Jorge Mario, *Formar*, pp. 74-76.

<sup>197</sup> *Ibidem*, p. 76.

<sup>198</sup> Cf. *Ibidem*, p. 76.

<sup>199</sup> Cf. *Ibidem*, p. 108.

<sup>200</sup> *Ibidem*, p. 112.

<sup>201</sup> Cf. *Ibidem*, p. 113.

<sup>202</sup> Cf. HADJADJ, Fabrice, *Recolocar o homem no centro*, p. 11.

Com esta descontinuidade cresceu, também, o desenraizamento tanto espacial como existencial e espiritual. O desenraizamento espacial verifica-se quando as pessoas se sentem desenraizadas no espaço em que vivem e isto sucede não só a nível pessoal, mas também comunitário, como refere Bergoglio:

“Tanto a identidade pessoal como a coletiva se ressentem desta dissolução dos espaços; o conceito de ‘povo’ tem cada vez menos conteúdo na atual dinâmica de fragmentação e segmentação dos grupos humanos. A cidade vai perdendo a sua capacidade de identificar os grupos humanos, povoando-se, como assinalava, há já uns anos, um antropólogo francês, de ‘não-lugares’, espaços vazios submetidos exclusivamente a lógicas instrumentais (funcionalidade, *marketing*) e privados de símbolos e de referências que contribuam para a constituição de identidades comunitárias.”<sup>203</sup>

A par do desenraizamento espacial vem o desenraizamento existencial que se caracteriza pela ausência de projetos, devido à quebra do tempo e do espaço que tornam possível a constituição da identidade e a formação do projeto pessoal, e, com isso, vem, também, um desenraizamento espiritual pela perda de referências simbólicas com o seu horizonte de sentido e de abertura ao transcendente. Porque, como diz Bergoglio “quando não há distensão da alma. Quando o passado não é memória e o futuro não é espera, o presente não é visão, mas cegueira mortal.”<sup>204</sup> Onde não se cultiva e cuida da memória, as crianças e os jovens vivem apenas o momento, o imediato: “Se não há passado, não se aprende, se não há futuro, não se aposta nem se prepara. Ficamos todos suspensos no nada, nessa mentirosa atemporalidade dos ecrãs. Tudo hoje, tudo agora, o que é que interessa mais?”<sup>205</sup>

A queda de certezas básicas e a fragmentação de uma racionalidade com sentido para outras racionalidades com múltiplos sentidos, e o conseqüente relativismo gerou um pensamento débil.<sup>206</sup>

Perante este cenário, a escola deverá ser esse espaço de acolhimento: “um espaço onde as pessoas possam encontrar-se a si mesma e com os outros para recriar o seu estar no mundo.”<sup>207</sup> Isto implica não descurar o aspeto racional nem o aspeto afetivo e relacional, de modo que a escola seja um lugar de aquisição ou desenvolvimento de “um saber que não fique reduzido à mera informação ou a um certo enciclopedismo cibernético. Um saber com capacidade de relacionar, de avançar na colocação de perguntas e elaboração de respostas.”<sup>208</sup>

---

<sup>203</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Formar*, p. 78.

<sup>204</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar*, p. 101.

<sup>205</sup> *Ibidem*, p. 100.

<sup>206</sup> Cf. BERGOGLIO, Jorge Mario, *Formar*, pp. 79-85.

<sup>207</sup> *Ibidem*, p. 85.

<sup>208</sup> *Ibidem*, p. 86.

O discurso pós-moderno ao pretender libertar-se de algumas tiranias acaba por permitir a criação de outras tiranias ligadas à economia e a fatores de poder e tecnocracia onde imperam a imagem, o sentimento e o imediato com os seus modelos estandardizados, aliados com a pressão consumista. Daí a necessidade da escola ajudar a desenvolver o sentido crítico com sentido ético, de modo a perceber as novas formas de escravização. Em suma, a escola deverá ser o espaço onde se desenvolve a dimensão sapiencial que é englobante do saber, do sentir, do fazer e da memória, que é integradora e criadora de esperança.<sup>209</sup>

#### 4.6. A escola como lugar de sabedoria

Não sendo aqui o lugar para desenvolvermos o conceito de sabedoria na Bíblia, servimo-nos de um breve resumo de Bergoglio, que depois de fazer uma pequena abordagem bíblica resume nos seguintes termos:

“O conceito de sabedoria, justamente, é aquele que reúne harmonicamente diversos aspetos: conhecimento, amor, contemplação do belo, ao mesmo tempo que uma ‘comunhão na verdade’ e uma ‘verdade que cria comunhão’, ‘uma beleza que atrai e enamora’. Inteligência, coração, olhos da alma, não dissociados, mas integrados no mais pleno da pessoa humana.”<sup>210</sup>

Os educadores deverão cultivar esta sabedoria para poderem fazer face à orfandade de muitos jovens e ajudá-los a encontrar caminhos que os libertem dessa orfandade. Neste sentido Jorge Bergoglio lança o desafio:

“A orfandade contemporânea, em termos de descontinuidade, desenraizamento e queda das certezas principais que dão forma à vida, desafia-nos a fazer das nossas escolas uma ‘casa’, um ‘lar’ onde as mulheres e os homens, os meninos e as meninas, possam desenvolver a sua capacidade de ligar as suas experiências e de se enraizarem no solo e na sua história pessoal e coletiva, e ao mesmo tempo encontrarem as ferramentas e recursos que lhes permitam desenvolver a sua inteligência, a sua vontade e todas as suas capacidades, a fim de poder alcançar a estatura humana que são chamados a viver.”<sup>211</sup>

Terá sido uma situação de orfandade que, durante a Prática de Ensino Supervisionada, terá levado um aluno, que vivia com a avó, a auto mutilar-se. No contato e convívio com ele, muitas vezes fora do tempo de aula, descobrimos que ele se auto mutilava e, depois, viemos a descobrir que ainda não tinha sido sinalizado pelos Serviços de Psicologia e Orientação. Esta foi a situação mais grave, mas também nos fomos apercebendo do desnorte e da falta de referências de outros alunos.

A educação implica muitas coisas: não se reduz à simples transmissão de conhecimentos. A escola deverá formar sábios que sabem viver com sabedoria sem porem de

---

<sup>209</sup> Cf. BERGOGLIO, Jorge Mario, *Formar* pp. 86-88.

<sup>210</sup> *Ibidem*, p. 91.

<sup>211</sup> *Ibidem*, p. 92.

lado o aspecto intelectual. Se o saber não ocupa lugar, como é habitual dizer-se, também abre espaço e multiplica o lugar para o desenvolvimento humano. Perante a expressão muitas vezes ouvida de ‘uma educação de excelência’, que por vezes é pretexto para fomentar uma cultura competitiva e individualista, apenas valorizadora do êxito, propomos uma educação de inteligência.<sup>212</sup>

Nesse sentido, a educação deverá incluir o aspecto afetivo e estético, de modo a amar o que se sabe, como se poderá ver no seguinte trecho: “Educar será então, muito mais que oferecer conhecimentos: será ajudar a que as crianças e jovens possam valorizá-los e contemplá-los, possam torna-los carne. Implica um trabalho não só sobre a inteligência como também sobre a vontade.”<sup>213</sup> Mas não só sobre a vontade, implica também um saborear, como diz mais adiante:

“A procura de sabedoria como *sabor* não se reduz a uma questão de *motivação*, ainda que a inclua. Trata-se de que possam *sentir* o prazer da palavra, do dar e receber, de ouvir e partilhar, de compreender o mundo que os rodeia e os laços que ele os unem, de se maravilhar com o mistério da criação e do seu ponto culminante: o ser humano.”<sup>214</sup>

Ser sábio não é só ter um saber sobre as coisas, contemplá-las e amá-las, mas também é um saber “integrar-se nelas através da escolha de um rumo e das múltiplas opções concretas e até quotidianas que a fidelidade lhe exige.”<sup>215</sup> Tem também um sentido prático que coincide com o sentido bíblico de sabedoria como:

“Capacidade para se orientar na vida, de modo a que um agir prudente e hábil frutifique em plenitude existencial e felicidade. *Saber* o que ‘vale a pena’ e o que não vale: um *saber ético* que, longe de constranger e inibir as possibilidades humanas, as revela e desenvolve ao máximo. Um saber moral oposto tanto a *imoral* como *desmoralizado*. Também saber ‘*como fazer*’: um saber ‘prático’, *não só em relação aos fins, mas também com os meios disponíveis para não nos ficarmos nas boas intenções.*”<sup>216</sup>

Neste sentido a escola não deverá ser apenas um lugar onde se recebe informação e se aprender a organizá-la, mas sobretudo um lugar onde se aprender a saber usar bem essa informação. Mais do que adquirir conhecimentos, a escola deverá ser um lugar onde se cultiva o gosto pela sabedoria. A escola deverá ser uma espécie de laboratório existencial, ético e social onde os alunos possam fazer a experiência daquilo que lhes permitirá desenvolver-se em plenitude, construindo as capacidades necessárias que os ajudem a levar por diante os projetos de vida. Um lugar onde possam encontrar mestres sábios, que lhes facultem elementos e recursos que possam poupar, a quem começa o caminho, o sofrimento daqueles que têm de

---

<sup>212</sup> BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar*, pp. 46-47.

<sup>213</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>214</sup> *Ibidem*.

<sup>215</sup> *Ibidem*.

<sup>216</sup> *Ibidem*, pp. 48-49.

fazer esse caminho a partir do zero, sem ajuda, experimentando na própria pele escolhas erradas ou destrutivas. A escola deverá promover uma sabedoria que inclua, além de conhecimentos, valores e prática dos mesmos, tendo em Jesus Cristo um princípio e uma plenitude de sabedoria que não devemos guardar só para nós.<sup>217</sup>

Assim, é nosso dever, como cristãos, beber na fonte da sabedoria, Jesus Cristo, como verdade de Deus e do homem. É a partir d'Ele, como rocha firme, que nós devemos edificar a nossa sabedoria. É sobre esta rocha da Sabedoria encarnada, Jesus Cristo, que nós devemos edificar a nossa identidade cristã e docente, bem como da nossa ação educativa.<sup>218</sup>

Somos chamados a procurar a excelência segundo Jesus Cristo. Tendo-O como modelo de Mestre e docente, devemos cultivar, nas nossas escolas, uma gratuidade com eficiência:

“Em primeiro lugar, pelo seu valor intrínseco: é o sinal por excelência do amor de Deus e do amor entre os seres humanos segundo o modelo de Cristo. E em segundo lugar, porque conhecemos e padecemos das consequências da extensão dos critérios economicistas a toda a atividade humana.”<sup>219</sup>

Outro elemento desta excelência, segundo Jesus Cristo, que devemos cultivar é o de uma excelência da solidariedade porque “O critério que rompe com a lógica do individualismo competitivo é, finalmente, o da solidariedade. (...) a ‘ética’ da competição (que não é mais que uma instrumentalização da razão para justificar a força) tem plena vigência na nossa sociedade.”<sup>220</sup>

Numa sociedade e cultura que privilegia a competição e o individualismo “É preciso criar uma nova mentalidade, que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos e cada um, acima da apropriação dos bens por parte de alguns.”<sup>221</sup>

Porém, não basta cultivar estes ideais e sentimentos, é necessário traduzi-los em práticas na vida das pessoas, nas estruturas e instituições, porque a solidariedade é “mais que uma atitude afetiva ou individual, é uma forma de entender e viver a atividade e a sociedade humana.”<sup>222</sup> Além disso, uma solidariedade de excelência implica que esta seja postulada como um bem desejável e uma preocupação por realizar práticas solidárias, sendo ações que produzam a mudança, porque não basta o desejo de sermos ‘bons’ e ‘generosos’, mas que sejamos também inteligentes, capazes e eficazes.<sup>223</sup>

---

<sup>217</sup> Cf. BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar*, p. 49.

<sup>218</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 50-58.

<sup>219</sup> *Ibidem*, p. 68.

<sup>220</sup> *Ibidem*, p. 71.

<sup>221</sup> *Ibidem*.

<sup>222</sup> *Ibidem*, p. 72.

<sup>223</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 73-74.

Por conseguinte, a escola deverá ser capaz de provocar uma transformação, uma mudança nos alunos, ou seja, um crescimento em sabedoria que dê frutos em maturidade num processo de liberdade, de modo que eles não sejam apenas indivíduos úteis à sociedade, mas também pessoas que possam transformá-la.<sup>224</sup>

Creemos ter recolhido as ideias fundamentais do Papa Francisco sobre os desafios atuais que se deparam à nossa sociedade, sobretudo Ocidental e de matriz cristã, assim como as ideias fundamentais para encontrar os caminhos, na nossa missão educativa, que nos permitirão seguir em frente promovendo a dignidade humana.

Ao longo da leção da Prática de Ensino Supervisionada já procurámos, por estilo e modo de ser, pôr em prática muitos dos aspetos referidos neste capítulo. A reflexão, agora feita, ajudou a consolidar, alargar e aprofundar as práticas de leção. A realização deste trabalho ajudou a perceber melhor a especificidade da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Será sempre uma fonte de inspiração e de trabalho para continuar a exercer a missão de educador com mais empenho e paixão na leção da referida disciplina.

Tendo presente esta reflexão, apresentamos uma proposta de aula em que procuramos exercitar a memória dos alunos e dos seus encarregados de educação, de modo a interagirem com as gerações que os precederam, cultivando os valores e pondo em prática as propostas desta reflexão.

---

<sup>224</sup> Cf. BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar*, pp. 63-67.

## V PROPOSTA DE UMA LECIONAÇÃO NÍVEL 4: PARA A UNIDADE LETIVA 1

Depois de apresentar os fundamentos bíblicos da dignidade humana, fazendo, de seguida uma reflexão antropológico-teológica da mesma, com um breve excuro de como ela foi sendo compreendida ao longo da história Ocidental, seguimos, como modelo de pedagogo, o Papa Francisco, ou melhor, Jorge Mario Bergoglio. Neste último capítulo apresentamos uma proposta de lecionação, nível 4, para a Unidade Letiva 1: A dignidade da vida humana, do nono ano escolaridade, que lecionamos na Escola Pedro d'Orey da Cunha, na Damaia.

Antes de apresentar a proposta de planificação, achamos por bem apresentar uma pequena reflexão sobre a importância da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica para a formação integral dos educandos.

### 5.1. Interesse pedagógico

A um professor não basta ter o conhecimento académico, também precisa saber transmitir os conhecimentos, e o primeiro aspeto que ele tem de ter presente é o auditório, ou seja, aqueles a quem pretende transmitir os conhecimentos. A educação é, também, ajudar a descobrir, a conhecer e a processar conhecimentos. Os destinatários, neste caso, são alunos com idades entre os catorze e dezassete anos, mas a maioria situa-se nos catorze/quinze anos. Nesta faixa etária os adolescentes já são capazes de realizar operações formais, ou seja, já têm um tipo de pensamento liberto do concreto e, por isso, com capacidades de elaborar abstrações através de raciocínios quer dedutivos quer indutivos e de fazerem as suas reflexões tanto de autocritica como de autocorreção, bem como de abertura a novos conceitos ao nível científico e filosófico<sup>225</sup>.

Tendo em conta que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tem por finalidade contribuir para a formação integral dos alunos<sup>226</sup>, indo ao encontro das questões fundamentais (quem sou? de onde venho? Que sentido tem a vida?...) que todo o ser humano coloca perante a vida, e porque estas surgem do mais íntimo da pessoa humana, do seu âmago<sup>227</sup>, o programa do nono ano, Unidade Letiva 1: A dignidade da vida humana, procura ir ao encontro desta problemática, no sentido de ajudar os educandos não só a respeitar, mas

---

<sup>225</sup> Cf. *FCTUC - Psicologia Educacional II- 05/06 Piaget 9*, in <http://www.mat.uc.pt/~guy/psiedu2/piaget>, consultado a 9/05/2015 (sem autor)

<sup>226</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral. *A escola em Portugal: Educação integral da pessoa humana*. CEP, 2008, nº 5.

<sup>227</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014, p. 1.

também a valorizar a dignidade da vida humana. Trata-se, pois, de um assunto que diz respeito a todos nós, que somos chamados a colaborar na construção de uma sociedade cada vez mais justa, solidária e fraterna, que só se consegue quando se procura proteger e valorizar a vida humana.

Nesse sentido, também os alunos da turma A do nono ano da Escola Pedro D'Orey da Cunha, que são adolescentes com capacidades reflexivas, como acima já foi referido, não deixarão de colocar essas mesmas questões. Por conseguinte, com a lecionação desta Unidade Letiva procuramos ir ao seu encontro, com objetivo de os ajudar na formação da sua personalidade, de modo a ajudá-los a refletir sobre estas questões e poderem enfrentar os desafios que a vida lhes irá trazer.<sup>228</sup>

A noção de dignidade humana é a chave de leitura para as questões fundamentais que se colocam no arco da vida humana desde o seu início até à morte, e que são referidas nesta Unidade Letiva. Por isso, no processo de gestão da lecionação da Unidade, estará sempre presente esta noção como fio condutor, tendo como finalidade sensibilizar para o respeito e a valorização da dignidade da vida humana em todas as situações e circunstâncias do agir humano. Assim, o primeiro objetivo consistirá em dar uma perspetiva antropológica da pessoa humana à luz dos chamados mínimos antropológicos<sup>229</sup>, que respeitem o mistério de cada pessoa humana<sup>230</sup>, sabendo que essa mesma dignidade é permanente, devido à sua “estrutura metafísica com um significado original. É que cada pessoa é única, exclusiva, irrepitível enquanto vocacionada para ser em si e por si, a caminho da liberdade e responsabilidade original, com diversas capacidades e limitações circunstanciais na prática da vida.”<sup>231</sup>

Com a lecionação tentaremos que os alunos reconheçam a dignidade e inviolabilidade da vida humana como eixo dos valores morais, assim como compreender o valor da vida humana. Outro objetivo, que procuraremos atingir, tem a ver com a capacidade dos alunos para interpretar criticamente factos sociais sobre a situação de grupos minoritários em desvantagem social, assim como conhecer a posição da Igreja católica face à dignidade da vida humana e aprofundar a mensagem cristã sobre o amor ao próximo e a dignidade da vida humana, bem como identificar as atitudes que promovem essa mesma dignidade. Como não podia deixar de

---

<sup>228</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral. *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, nº 6.

<sup>229</sup> Cf. PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, p. 145.

<sup>230</sup> Cf. DOMINGUES, Bernardo, *Algumas perspetivas do personalismo-para hoje e sempre*, [Amigos do frei Bernardo], Porto 2014, pp. 297-301.

<sup>231</sup> *Ibidem*, p. 405.

ser, procuraremos ter, também, o cuidado de que os alunos saibam relacionar os dados da ciência sobre a questão do início da vida humana com a perspectiva do Magistério da Igreja.

Assim, tendo em conta o estudo desenvolvido e apresentado, anteriormente, propomos uma planificação de nível 4,<sup>232</sup> para uma aula de quarenta e cinco minutos.

## 5.2. Justificação da planificação nível 4

Esta aula servirá de introdução à Unidade Letiva 1: “A dignidade da vida humana”. O manual do aluno apresenta o Papa São João Paulo II a introduzir a unidade, por ter sido uma pessoa com uma grande preocupação pela defesa e promoção da vida humana, e que esteve sempre presente na sua missão de Pastor. Servindo-nos de um Power Point com imagens e com frases explicativas e alusivas às imagens, procuraremos expor os momentos mais significativos da sua vida e da sua ação em prol da humanidade.

Na primeira parte da aula teremos como referência o modelo de ensino interativo centrado no professor, conhecido por ensino expositivo, que consiste na exposição feita pelo professor, de novos conteúdos (partindo do modelo de organizadores prévios, exploração do conhecimento atual dos alunos sobre a matéria) que permite aos alunos alargar as estruturas conceptuais e desenvolver hábitos de escutar e de pensar.<sup>233</sup> Na segunda parte da aula seguiremos o modelo de ensino centrado no aluno, denominado por discussão em sala de aula. Este modelo de ensino refere-se ao discurso ou discussão em sala de aula, possibilitando aos alunos uma melhor compreensão dos conteúdos, pelo fato dos alunos se envolverem e se comprometerem na defesa das suas ideias ou pontos de vista. Abre-lhes, ainda, o caminho para a aquisição de competências a nível da comunicação e do desenvolvimento dos processos de pensamento.<sup>234</sup>

O modelo de ensino expositivo parece-nos ser o indicado para a primeira parte da aula por permitir desenvolver nos alunos o seu raciocínio, o hábito de escutar e pensar, o alargamento das estruturas conceptuais e o adquirir de novos conhecimentos.<sup>235</sup>

Tendo em conta o estudo da última parte deste trabalho, pareceu-nos útil apresentar aos alunos, de forma expositiva, um modelo promotor da dignidade humana. Um santo, São João Paulo II, como herói em humanidade, uma vez que ser santo é ser feliz numa vida dedicada aos outros, procurando o bem e a felicidade dos mesmos. No entanto, nesta primeira parte, o

---

<sup>232</sup> A planificação de nível 4 é uma planificação de aula. As outras de nível 1, 2 e 3 correspondem à planificação anual, trimestral e de unidade letiva, respetivamente.

<sup>233</sup> Cf. ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, pp. 256-274.

<sup>234</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 412-424.

<sup>235</sup> Cf. *Ibidem*, p. 256.

professor deverá ter sempre o cuidado de diagnosticar os conhecimentos prévios dos alunos, além do cuidado na preparação dos conteúdos a lecionar.<sup>236</sup>

Na segunda parte da aula, será pedido aos alunos que tomem nota, nos seus cadernos diários, daquilo que mais os sensibilizou da vida do Papa. Depois haverá um momento de partilha entre os alunos, com o professor a moderar, sobre aquilo que cada um escreveu e porque é que escolheu escrever isso.

Ao longo desta partilha, o professor deverá centrar a partilha dos alunos para que eles não se dispersem e orientar as intervenções dos alunos, expressando as suas próprias ideias e alimentando a curiosidade dos alunos.

No final, o professor pedirá aos alunos que procurem saber mais sobre o Papa São João Paulo II, consultando os familiares próximos e mais afastados, se lhes for possível, para continuar a partilha na aula seguinte. Esta consulta dos familiares tem por objetivo colocá-los em contato com as outras gerações e que haja partilha entre elas. Com essa partilha pretendemos que os alunos oiçam testemunhos da bondade que São João Paulo II transmitia, assim como a sua preocupação por um mundo mais justo, denunciando o culto do dinheiro ao qual tudo se sacrifica e ainda o fascínio que ele provocava nos jovens, arrastando multidões atrás dele, sobretudo nas Jornadas mundiais da Juventude; a esperança e a confiança que suscitava nas pessoas; um homem que soube criar pontes entre culturas e religiões.

Depois da partilha da informação recolhida, procurar-se-á fazer a ligação com o atual Papa São João Paulo II com o atual Papa Francisco que, com um estilo diferente, manifesta a mesma preocupação e sensibilidade na defesa e promoção da vida humana, sobretudo dos mais pobres e dos que se encontram numa situação de fragilidade.

Pretendemos, com isto, que haja transmissão de conhecimentos e de afetos, mas sobretudo que os alunos aprendam a valorizar outros aspetos da vida, como a gratuidade e a bondade, para além dos que são veiculados pela cultura dominante, ou seja, que tomem contato com os valores de um verdadeiro humanismo, como vimos na abordagem do pensamento do Papa Francisco, que no exercício da sua missão procura dar continuidade ao seu predecessor, São João Paulo II.

Este será o aspeto que se pretende explorar e que se quer como novidade em relação à leção feita na Prática de Ensino Supervisionada: procurar aproveitar todas as oportunidades para colocar os alunos em relação com as gerações anteriores, pedindo-lhes que contem episódios da vida em que haja uma transmissão de valores e saberes que fazem parte

---

<sup>236</sup> Cf. ARENDS, Richard, *Aprender a Ensinar*, p. 266.

das histórias familiares, das comunidades e da cultura a que pertencem, assim como procurarem conhecer ditados populares que contém muita sabedoria e experiência de vida que as gerações anteriores foram condensando em provérbios e que passaram a fazer parte do património cultural do povo, ajudando a perceber a identidade do povo a que se pertence, de modo especial aqueles em que sobressaia uma sensibilidade pela dignidade da vida humana.

### 5.3. Planificação nível 4

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
<b>Q.</b> Reconhecer, à luz da mensagem em cristã, a dignidade da pessoa humana	<b>1.</b> Reconhecer a dignidade e inviolabilidade da vida humana como eixo central dos valores morais.	A vida como dádiva de Deus e primordial direito humano.	<b>Acolhimento</b> e diálogo com os alunos. Registo do sumário. Introdução ao tema: A dignidade da vida humana.	5'	Professor /aluno em diálogo.  Caderno diário.	Empenho dos alunos no diálogo.
			<b>Power Point</b> Projeção do power point sobre o Papa João Paulo II.	20'	Computador	O professor orienta e observa as atitudes dos alunos.
			<b>Trabalho de individual:</b> Registo de ideias sugeridas pelo visionamento do power point.	7'	Caderno diário.	Capacidade de observar e elaborar registos.
			<b>Plenário:</b> Leitura e partilha dos trabalhos.	10'	Professor /aluno em diálogo.	Capacidade para expor e argumentar.
			<b>Síntese:</b> O valor incomparável da pessoa humana.	3'	Caderno diário.	Capacidade para resumir com fundamento conceitos e ideias adquiridos.

Proponho que esta planificação, que exponho, seja inserida na segunda aula (estão previstas 11 aulas), uma vez que a primeira aula é de apresentação dos alunos e professores, bem como do plano da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica para o ano letivo, e dos critérios de avaliação.

Passando à descrição da planificação que apresentamos, nos primeiros cinco minutos far-se-á o acolhimento dos alunos e o registo do sumário, aproveitando este momento para o professor fazer uma breve apresentação da figura do Papa São João Paulo II, de modo a servir de introdução à projeção do Power Point que conterà, além de imagens, informação dos momentos mais significativos da vida e atividade do Papa São João Paulo II. Durante a projeção o professor pedirá aos alunos que, ordenadamente, leiam a informação contida nos slides e, ao mesmo tempo, vai questionando os alunos de modo a inteirar-se de que eles estão a perceber a sequência da informação e das imagens e a esclarecer o que for necessário esclarecer para que os alunos possam entender a relação da pessoa do Papa São João Paulo II com a defesa e promoção da dignidade da pessoa humana que será abordada na Unidade Letiva 1: A dignidade da vida humana, do manual de Educação Moral e Religiosa Católica do nono ano de escolaridade.

Com este objetivo, o professor desenvolverá e explorará os slides que expressam a sensibilidade do Papa para com a dignidade da vida humana, como por exemplo aquele em que ele foi à prisão para se encontrar e oferecer o perdão a quem atentou contra a sua vida, na praça de São Pedro em 1981, ao disparar sobre ele, e aqueles que apelam a não desistir perante as dificuldades da vida.

Após esta projeção os alunos terão sete minutos para registarem, no seu caderno diário, as ideias ou aspetos que mais os impressionaram ou sensibilizaram e, se possível, expliquem por que motivo os impressionou ou sensibilizou.

De seguida haverá um momento de partilha, dez minutos, em que o professor pedirá aos alunos que, espontaneamente e ordenadamente, partilhem aquilo que lhe despertou mais a atenção, que os sensibilizou ou impressionou, e, se possível, porquê. Caso os alunos se inibam de partilhar, o professor tomará a iniciativa de interpelar os alunos de maneira que eles se desinibem e partilhem.

No final, dar-se-ão três minutos para que cada aluno, mais uma vez no seu caderno diário, escreva uma frase que sintetize o conteúdo da informação que recebeu na aula. Pedir-se-á, ainda, que em casa, cada aluno, recolha mais informação sobre o Papa São João Paulo II, conversando com os pais e, se possível, com os avós ou outros familiares, de modo a haver interação entre as gerações e a recolha de mais informação e variada, reavivando a memória

pela transmissão de conhecimentos e experiências do passado, procurando, deste modo, pôr em prática um dos aspetos pedagógicos tratados no último capítulo do presente trabalho.

Os modelos de ensino indicados parecem-nos ser os mais adequados para os alunos desta faixa etária (catorze/quinze anos). O modelo expositivo que permite aos alunos adquirir, assimilar e reter nova informação. O modelo de partilha que permite expandir e desenvolver o sentido crítico e facilitar a estimulação do pensamento dos alunos, bem como a consequente participação, promovendo o desenvolvimento de competências de comunicação oral e de socialização, tão necessárias para contrariar os efeitos mais nefastos da cultura digital.

### Definição de Esquecimento

- 1. Cessação da memória que se tinha.
- 2. Cessação do afecto que se tinha.
- 3. Descuido de algo que se devia ter presente.

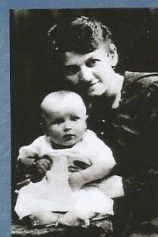
Olá, sou Lolek! E esta é a minha história:

Nasci em 18 de Maio de 1920 em Wadowice, Polónia.



Agora vou fazer-te uma pergunta:

Tu, já me esqueceste?



Esta é a minha mamã. Chamava-se Emília, foi cedo para Deus, mas deu-me a melhor prenda:

a vida.

Se sim, vou-te recordar quem fui.



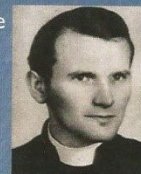
Os meus pais deixaram-me muito cedo e tive de seguir em frente sozinho. Bem, isso pensava eu, mas...

- Conheci o meu melhor Amigo aos 8 anos. E sabes...

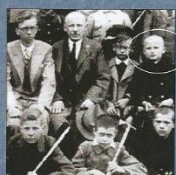
...nunca me abandonou!



- Tocou-me viver os horrores da Segunda Guerra Mundial. Não podia ir à escola, porque os nazis não deixavam. Tive que o fazer às escondidas.



Era um jovem alegre, gostava de futebol, de natação e era um bom estudante.

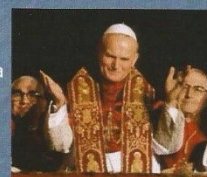


Entreguei toda a minha vida ao meu Amigo, mas Ele cada vez exigia mais...

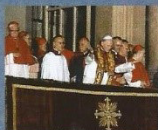


- Já crescido, inclinei-me bastante para o teatro, mas o meu Amigo insistia muito para que O seguisse. E fica sabendo que me convenceu...

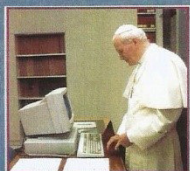
- Certo dia nomeou-me como principal responsável da sua Igreja e então a minha vida mudou. E talvez a tua também...



### Tinha de trabalhar muito



E sabia que contava com o apoio de todos.

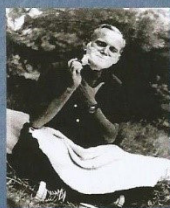


Tinha que utilizar todas os instrumentos ao meu alcance.

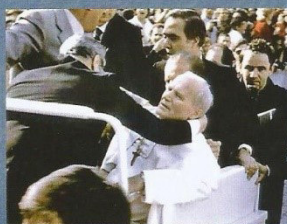


...Somente uns poucos...

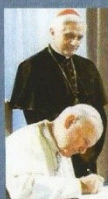
Havia pessoas que pensavam que eu não era uma pessoa normal, mas enganaram-se.



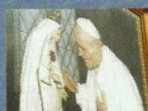
Uma ou outra vez vez caí...



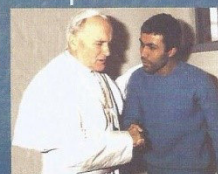
Fiz alguns amigos...



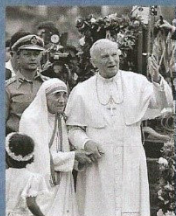
Mas, com a ajuda do Céu, levantei-me.



E perdoei...

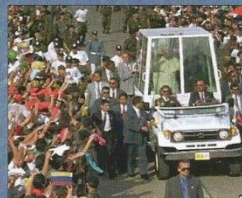


Dei-me conta de que não estava só...

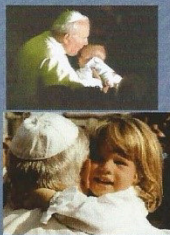


...que havia gente que compartilhava o meu amor pelas pessoas.

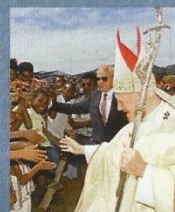
Viajei muito e conheci-te!



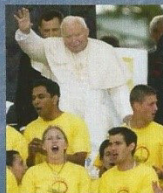
...o meu amor pelas crianças...



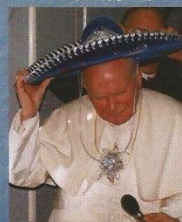
Estivemos juntos muitas vezes.



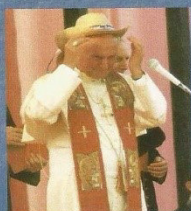
...e pelos jovens, que procurei muitas vezes e que, no fim, me vieram buscar.



Dei-me conta de que também era mexicano!



Sempre gostei muito de estar contigo!



Vi-vos chorar por mim...



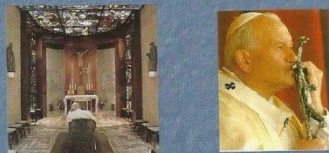
Mas o tempo terminou...



...tristes...

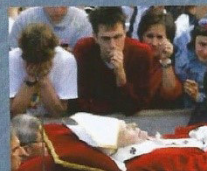


Gostaria de continuar contigo, mas é tempo de ir ver o meu Amigo...

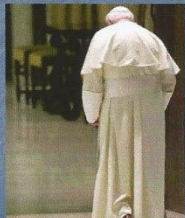


...e dizer-Lhe: MISSÃO CUMPRIDA!

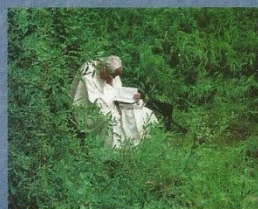
Vi-vos sofrer por mim.



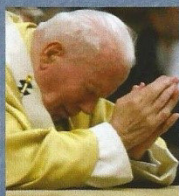
Não sintam que caminham sós!



Aproximem-se de Deus!



Não sofram!



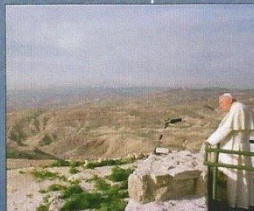
**SEGUREM-SE A ELE FORTEMENTE!**



Não sintam angústia!



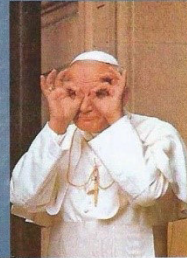
CONTEMPLEM A SUA GRANDEZA,  
quando comparada com a pequenez  
dos nossos problemas.



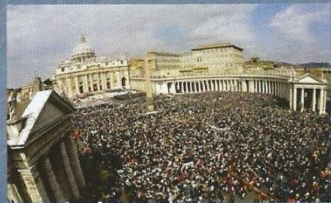
Obrigado por estarem comigo!



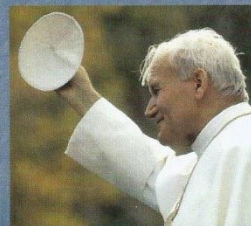
E vos estarei observando...



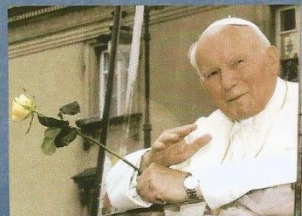
Obrigado por me demonstrarem quanto bem me querem!



Nunca vos deixarei sós!



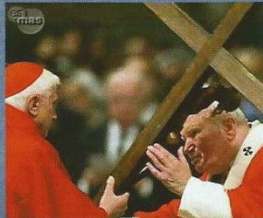
Eu tambem vos quero bem!



Recordem-me sorrindo!



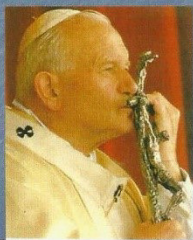
Ajudem o meu sucessor, que  
seguirá com a cruz de Cristo.



João Paulo II

(+2 de Abril de 2005)

Por fim, não se esqueçam de uma  
coisa:



Por favor, passa esta mensagem.

Eu vou... e não vou. Como o  
Senhor, que assegura: «Ficarei  
convosco até ao fim dos  
tempos!»

## CONCLUSÃO

A vida humana é demasiado preciosa para ser confundida com outros tipos de vida, como acontece com alguns tipos de ecologismo fundamentalista em que a vida animal é colocada ao mesmo nível da vida humana.

Sendo os adolescentes sensíveis às questões ecológicas, o que é bom, pareceu-nos importante abordar, neste trabalho, a dignidade da vida humana.

Para construir uma base sólida na reflexão sobre a dignidade da vida humana, nada melhor do que começar por apresentar o relato da criação. É um texto que se impõe pela riqueza de sentido da existência do ser humano, desde a sua vocação, chamamento, para ser em relação com o outro, com a restante criação e com o Transcendente. Daí nos parecer de suma importância colocar os adolescentes em contato com o texto bíblico, embora eles já tenham tido contato com esse texto no sétimo ano de escolaridade na Unidade Letiva 1: As Origens, mas agora com outra capacidade de interpretação e de compreensão das ideias-chaves para uma correta interpretação e de captação de novos sentidos.

A questão de sentido para a vida, que é trabalhada na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, é fulcral para a construção do significado e do valor da dignidade da vida humana. Assim, a proposta de abordagem da narrativa de Gn 1, 1 - 2, 4ª, na sala de aula, faz todo o sentido, na medida em que promove o encontro dos alunos com o Transcendente, partindo de conceitos compatíveis com a sua própria realidade, com a sua vida concreta e que facultarão uma melhor compreensão dos acontecimentos contemporâneos, através de uma chave de interpretação, fundada numa análise de humanização e de promoção da dignidade da vida humana.

Na narrativa da criação Gn 1, 1 - 2, 4ª encontramos os elementos essenciais para percorrer um caminho seguro que nos leve à compreensão do ser humano e, por conseguinte, para entendermos melhor aquilo a que é chamado a ser, o mesmo é dizer, da sua dignidade. Aí vemos que o ser humano é sobretudo um ser em relação com o seu semelhante e com o seu Criador num respeito e cuidado com a obra da criação.

Sem uma boa compreensão teológica da criação não é possível elaborar uma boa antropologia nem ter uma perceção correta da ecologia que respeite a natureza, da qual o ser humano faz parte. Vimos como um antropocentrismo não serve convenientemente a pessoa humana nem o tecnocentrismo respeita a natureza. Assim, para poder dialogar com outras mundividências e outras antropologias é necessário ter um conhecimento mínimo duma visão

antropológica cristã que permita perceber o sentido da vida humana e a dignidade a que somos chamados a ser, vivendo no respeito pela natureza numa atitude fraternal com os demais, assim como a aprender a cuidar e a colaborar na obra da criação. Neste sentido apresentámos no segundo capítulo, uma reflexão antropológico-teológica que dá as ideias chave duma visão antropológica cristã que permitirá perceber a inesgotável riqueza da dignidade humana que todos somos chamados a viver e a ajudar os alunos a ter uma atitude mais crítica perante outras propostas, que embora sejam sedutoras, não estão ao serviço de uma verdadeira promoção da dignidade da vida humana.

Neste trabalho procurámos, também, refletir sobre os perigos de desumanização numa cultura economicista e tecnicista que tende para a instrumentalização e a manipulação de tudo, inclusive do próprio ser humano, mesmo que, por vezes, afirme que procura proporcionar-lhe mais bem-estar e melhor qualidade de vida.

A escola é o lugar privilegiado não só para transmitir e aprofundar estes conhecimentos, mas também onde se deve adquirir sabedoria, uma vez que a educação deverá ser uma relação em que o coração fala ao coração, estabelecendo uma relação afetuosa com o educando, que o levará a um processo de libertação, que consiste na unificação da pessoa e não numa fragmentação de sentidos e de experiências.<sup>237</sup> Além disso, numa sociedade de orfandade, a escola deverá ser também um espaço familiar onde os jovens se devem sentir acolhidos e encontrem espaço para viverem a fraternidade, à medida que vão adquirindo conhecimentos e a desenvolver as faculdades intelectuais, que lhes permitam ser bons profissionais e bons cidadãos.

É, também, no meio escolar que os jovens podem e devem encontrar respostas para a crise de identidade. A escola deverá ajudá-los a encontrar a sua identidade: com uma história pessoal, familiar, de comunidades (entre elas a comunidade escolar) e da identidade de um povo com a sua cultura e os seus sentidos para a vida, sendo de suma importância o papel da memória e da tradição na transmissão de saberes e de sentido, ajudando a dar sentido ao presente e a assegurar o futuro.<sup>238</sup>

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tem aqui um papel fundamental ao proporcionar aos jovens um contacto com um património cultural, histórico e humano, e com modelos de realização pessoal no serviço aos outros e na construção de uma sociedade mais fraterna e humana, trabalhando a dimensão religiosa da pessoa, que está a ser muito

---

<sup>237</sup> Cf. FORTE, Bruno, *Uma Teologia para a vida*, ed. Paulus, Lisboa, 2013, pp. 123-130.

<sup>238</sup> Cf. TEIXEIRA, Alfredo, *Um mapa para pensar a religião*, ed. Universidade Católica Portuguesa, Col. Argumento, Lisboa, 2015, pp. 37-46.

esquecida na Europa. De facto, a modernidade teve um certo menosprezo pela religião, tendo ido longe de mais na desestruturação da religião, que acabou por se afastar dos valores de inspiração humanista e cristã. Este afastamento acabou por gerar, em certos meios, um laicismo radical que não só não respeita os símbolos religiosos, como também os ataca, por vezes de forma malcriada e fundamentalista, e, incapaz de ver, que as religiões são capazes de dar respostas para o sentido da vida individual e coletiva, como, também, são instrumentos de reencontro, de paz e de perdão.<sup>239</sup>

Uma posição radical gera, facilmente, uma posição radical oposta, como parece que se está a verificar, atualmente, na Europa, com o surgimento de revivalismos e fundamentalismos vários, alguns reivindicando convicções religiosas.

Quando dimensão religiosa, como outras dimensões da pessoa humana, é ignorada ou recalçada, acaba por se manifestar de forma errada. Assim, mais do que nunca, urge trabalhar a dimensão religiosa, que é inerente ao ser humano, de modo a desenvolver a razoabilidade e inteligibilidade do sentido religioso, para que a religião cumpra a sua missão: dignificar o ser humano e edificar a sociedade, respeitando a natureza e a criação, sem cair em radicalismos ambientais nem em ecologismos fundamentalistas.

Os textos bíblicos, que fazem parte desse património, ajudam a promover a interioridade dos alunos, a abrir-lhes os seus horizontes e, mostrar que o sentido das suas vidas se pode abrir para uma realidade dinâmica e extraordinariamente complexa, plena de realizações e de projetos de vida aliciantes. Trata-se de um legado de experiências e aventuras, histórias e acontecimentos de presença de Deus, de algo mais, no meio de nós, de que todos somos herdeiros.

Mais do que um transmitir de conhecimentos, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica ajuda os alunos a saborear esses conhecimentos e a reinterpretá-los com sabedoria, numa atitude de quem quer renascer e a saber reinterpretar os acontecimentos<sup>240</sup> reavivando a memória e os laços que os unem às gerações passadas. Revisitar, pois, a história pessoal e coletiva, é ir ao encontro de experiências e de vivências, que são fonte de inspiração para o presente. Como vimos, no último capítulo do presente trabalho, no qual se refletiu um pouco sobre a realidade atual, estamos perante novos desafios que exigem novas respostas e, por conseguinte, de criatividade. No passado também houve desafios, revisitar esse passado

---

<sup>239</sup> Cf. DUARTE, Feliciano Barreiras, in [http://ionline.sapo.pt/artigo/521924/o-laicismo-radical-e-a-pratica-religiosa-formal?seccao=Opiniao\\_i](http://ionline.sapo.pt/artigo/521924/o-laicismo-radical-e-a-pratica-religiosa-formal?seccao=Opiniao_i), acessado a 29/08/2016

<sup>240</sup> Cf. GIJÉRE, Paul-André, *Trabalho autobiográfico e novo nascimento*, in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, Dir. Philippe Bacq e Christoph Theobald, ed. Paulinas, Lisboa 2013, pp. 221-234.

desperta a inspiração e a criatividade, de modo a encontrar respostas para os desafios atuais, reavivando entusiasmos e esperança que ajudam a iluminar o presente e a enfrentar o futuro com confiança, assim como ajuda a ler os sinais dos tempos, vendo a realidade nova que está a emergir e a despontar. Assim, estes novos desafios, que podem ser motivo de desânimo ou até de algum desespero para muitos, deve ser motivo de entusiasmo e de esperança para os educadores, e de modo especial para os educadores de Educação Moral e Religiosa Católica, vendo nesses desafios novas oportunidades, pela sua formação em questões religiosas, que os ajudarão a enfrentar esses desafios diminuindo os riscos do transitório ou da mudança violenta.<sup>241</sup>

---

<sup>241</sup> Cf. TEIXEIRA, Alfredo, *Um mapa para pensar a religião*, p. 46.

## BIBLIOGRAFIA

### DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Bento XVI, Papa, *Deus Caritas est*, AAS 98 (2006), pp. 217 - 253.

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, AAS 58 (1966), pp. 10255 – 1034.

\_\_\_\_\_, *Declaração Dignitatis Humanae*, AAS 58 (1966), pp. 929 - 941.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral, *A propósito da ideologia do género*, in *Lúmen*, (2013).

\_\_\_\_\_, Carta Pastoral. *A escola em Portugal: Educação integral da pessoa humana*, CEP, 2008.

\_\_\_\_\_, Carta Pastoral. *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, CPE, 2006.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo*, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_2004\\_0731\\_collaboration\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_2004_0731_collaboration_po.html).

FRANCISCO, Papa, *Laudato si*, AAS 107 (2015), pp. 847 - 945.

JOÃO PAULO II, Papa, *Evangelium vitae*, AAS 86 (1995), 401 - 522.

### DOCUMENTOS CURRICULARES

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA DAMAIA, *Projeto Educativo*, ano 2013.

ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, ed. McGraw-Hill, Lisboa 2008.

BERGOGLIO, Jorge Mario, *Educar*, ed. Paulinas, Lisboa, 2015.

\_\_\_\_\_, *Formar*, ed. Paulinas, Lisboa, 2015

\_\_\_\_\_, *O verdadeiro poder é servir*, ed. Nascente, Braga, 2013.

Bento XVI, Papa, *Para falar de Deus no nosso tempo*, in *L'Osservatore Romano*, nº 48 (2012).

*Caderneta do aluno do terceiro ciclo*, da Escola Pedro d'Orey da Cunha.

DUARTE, Feliciano Barreiras, in [http://ionline.sapo.pt/artigo/521924/o-laicismo-radical-e-a-pratica-religiosa-formal?seccao=Opiniaio\\_i](http://ionline.sapo.pt/artigo/521924/o-laicismo-radical-e-a-pratica-religiosa-formal?seccao=Opiniaio_i).

FANCISCO, Papa, *Discurso aos estudantes e professores de escolas italianas*, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140510\\_mondo-della-scuola.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140510_mondo-della-scuola.html).

\_\_\_\_\_, *Discurso aos participantes do encontro mundial dos diretores de “Scholas occurrentes”*, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/september/documents/papa-francesco\\_20140904\\_direttori-scholas-occurrentes.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/september/documents/papa-francesco_20140904_direttori-scholas-occurrentes.html).

\_\_\_\_\_, *Discurso aos participantes na plenária da Congregação para a Educação católica*, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco\\_20140213\\_congregazione-educazione-cattolica.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140213_congregazione-educazione-cattolica.html).

\_\_\_\_\_, *Discurso aos participantes no III Congresso dos movimentos eclesiais e das novas comunidades*, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141122\\_convegno-movimenti-ecclesiali.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141122_convegno-movimenti-ecclesiali.html).

\_\_\_\_\_, *Para uma economia cada vez mais inclusiva*, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/july/documents/papa-francesco\\_20140712\\_seminario-economia.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/july/documents/papa-francesco_20140712_seminario-economia.html), acessado a 28 de Junho de 2016, p. 1.

\_\_\_\_\_, *Respostas às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia*, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco\\_20130607\\_scuole-gesuiti.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130607_scuole-gesuiti.html)

FCTUC - *Psicologia Educacional II- 05/06 Piaget* 9, <http://www.mat.uc.pt/~guy/psiedu2/piaget>.

GAMBÔA, António, <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/damaia/de-alunos-conflitos-a-mediadores-de-conflitos>.

GONÇALVES, Francolino José, *Antigo Testamento e Direitos Humanos*, in *Cadernos ISTA*, nº. 6 (1998), pp. 33-52.

\_\_\_\_\_, *As mulheres na Bíblia. Realidades e metáforas*, in *Cadernos ISTA*, nº. 21 (2008), pp. 109-159.

\_\_\_\_\_, *A Palavra de Deus como comunicação*, in *Cadernos ISTA*, nº. 26 (2013), pp. 25-47.

\_\_\_\_\_, *Bíblia e natureza*, in *Cadernos ISTA*, nº. 8 (1999), pp. 7-40.

\_\_\_\_\_, *Iavé, Deus de justiça e de bênção. Deus de Amor e de Salvação*, in *Cadernos ISTA*, nº. 22 (2009), pp. 107-152.

\_\_\_\_\_, *Os estudos bíblicos hoje*, in *Cadernos ISTA*, nº. 17 (2004), pp. 31-80.

HADJADJ, Fabrice, *Recolocar o homem no centro*, [http://www.cnal.pt/images/Fotografias\\_SITE/2o\\_Encontro\\_CNAL/Fabrice\\_Hadjadj\\_IENL\\_pt.pdf](http://www.cnal.pt/images/Fotografias_SITE/2o_Encontro_CNAL/Fabrice_Hadjadj_IENL_pt.pdf).

LOPES, José Manuel Martins, sj, *A Educação: uma missão vivida com-paixão – I*, in *Brotéria*, nº 181 (2015), pp. 173-192.

\_\_\_\_\_, *A Educação: uma missão vivida com-paixão II*, in *Brotéria*, nº 181 (2015), pp. 267-294.

MARTINS, António Manuel Alves, *Para uma antropologia cristã da afectividade*, in *Communio*, nº. 4 (2005), pp. 431-450.

VAZ, Armindo dos Santos, *Criação: o presente iluminado pelas origens*, in *Didaskalia*, vol. XLI (2015), pp. 225 – 248.

## ESTUDOS MONOGRÁFICOS

CLEMENTE, D. Manuel, *Paternidade divina e dignidade humana: um percurso histórico*, in *Paternidade divina e dignidade humana, semana de Estudos Teológicos*, ed. Verbo e Rei dos Livros, Lisboa 1999.

DOMINGUES, Bernardo, *Algumas perspetivas do personalismo-para hoje e sempre*, Porto 2014.

FORTE, Bruno, *Uma Teologia para a vida*, ed. Paulus, Lisboa, 2013.

GIUÈRE, Paul-André, *Trabalho autobiográfico e novo nascimento*, in *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, Dir. Philippe Bacq e Christoph Theobald, ed. Paulinas, Lisboa 2013.

HAERING, Bernhard, *Livres e fiéis em Cristo*, II, ed. Paulinas, São Paulo, 1982.

INSPEÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Avaliação externa das escolas – Relatório do Agrupamento de escolas da Damaia 2013/2014*, Lisboa, Ministério da Educação e da Ciência e Inspeção Geral da Educação e Ciência, 2014.

JOÃO PAULO II, Papa, *Catequese de 12 de Setembro de 1979, Teologia do corpo*, ed. Alêtheia, Lisboa, 2013.

LEUZZI, Lorenzo, *Amar e servir, o realismo histórico do Papa Francisco*, ed. Paulus, Lisboa, 2015.

PEÑA, Juan Luis Ruiz de la, *Imagen de Dios, Antropologia teológica fundamental*, ed. Sal Terrae, Santander, 1988.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide, 2014.

SPADARO, Antonio, *Ciberteologia*, ed. Paulinas, Lisboa, 2013.

TEIXEIRA, Alfredo, *Um mapa para pensar a religião*, ed. Universidade Católica Portuguesa, Col. Argumento, Lisboa, 2015.

VAZ, Armindo dos Santos, *A arte de ler a Bíblia*, ed. Carmelo, Marco de Canaveses, 2008.

\_\_\_\_\_, *Palavra Viva, Escrita Poderosa*, ed. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2013.

\_\_\_\_\_, *Em vez da «história de Adão e Eva»: o sentido último da vida projetado nas origens*, ed. Caramelo, Marco de Canaveses, 2011.

# ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo I. A prática letiva na Escola Pedro d'Orey da Cunha</b> .....	4
1.1. Enquadramento socioeconómico da Escola .....	4
1.2. O patrono da Escola .....	9
1.3. Princípios e valores da Escola .....	10
1.4. Caracterização da turma do 9º A .....	12
1.5. A Unidade Letiva: A dignidade da vida humana .....	14
<b>Capítulo II. A narrativa da criação Gn 1, 1-2, 4ª, no contexto da Unidade Letiva 1, do terceiro ciclo</b> .....	16
2.1. Género literário .....	16
2.2. Breve análise literária .....	19
2.3. A dignidade do ser humano .....	21
2.4. O sétimo dia .....	24
2.5. Hermenêutica .....	26
<b>Capítulo III. Reflexão antropológica-teológica sobre a dignidade da vida humana</b> .....	31
3.1. A imagem de Deus .....	31
3.2. Ser pessoa humana .....	32
3.2.1. A dimensão corporal da pessoa humana .....	36
3.2.2. A dimensão espiritual da pessoa humana .....	37
3.2.3. A dignidade do homem, como ser de relação .....	38
3.3. A pessoa na Gaudium et Spes .....	41
3.4. A filiação divina .....	42
3.5. A fecundidade humana .....	43
3.6. A dignidade humana percebida ao longo da história .....	43
<b>Capítulo IV. A missão de ensinar segundo o pensamento do Papa Francisco</b> .....	47
4.1. Refletir a realidade .....	47
4.2. Como enfrentar estes desafios .....	51
4.3. Conceção de escola do Papa .....	53
4.4. A importância da memória .....	57
4.5. A escola como espaço de esperança .....	59
4.6. A escola como lugar de sabedoria .....	64
<b>Capítulo V. Proposta de lecionação nível 4, para a Unidade Letiva 1</b> .....	68
5.1. Interesse pedagógico .....	68
5.2. Justificação da planificação nível 4 .....	70
5.3. Planificação nível 4 .....	72
Conclusão .....	75
Anexo .....	78
Bibliografia .....	88
Índice .....	90